Uma familia catolica.

MARIA ISABEL D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA TAMAGNINI

DIÁRIO DE UMA VIAGEM A TIMOR
(1882-1883)

FICHA TÉCNICA:

Título
Diário de uma Viagem a Timor (1882-1883)

Direcção Gráfica e Paginação:
Barros Fotomecânica

Impressão:
Humbertipo / Porto

Depósito Legal N.° 184513/02

ISBN: 972-98797-9-6

Outubro 2002

DIÁRIO DE UMA VIAGEM A TIMOR (1882-1883)

de

Maria Isabel D'Oliveira Pinto da França Tamagnini

Introdução, edição e notas de António Pinto da França
Apresentação de Ivo Carneiro de Sousa

Uma Apresentação entre *fascínio* oriental e *exílio* timorense

Raros são os textos e memórias históricas de Timor Leste escritos durante o seu longo período colonial[1]. Ainda mais raros quando se vai caminhando para trás no tempo ao encontro de uma estranha colónia portuguesa, longínqua, desprezada, terra mais de exílio do que de realização. Os esforços para criar uma administração colonial abrangendo a totalidade dos espaços orientais de Timor são tardios, mobilizando-se com as guerras de Manufahi, entre 1913 e 1914[2], mas apenas surgem poderes e instituições coloniais eficazes e profissionais na segunda metade do século XX, após a dramática ocupação do território timorense pelo exército imperial japonês na segunda guerra mundial. Em rigor, a atenção metropolitana pela sociedade e economia de Timor Leste apenas cresce e especializa-se nas décadas de 1960 e 1970, nesta altura já em estreita comunicação, entre estratégias defensivas e ideários desenvolvimentistas, com o aparecimento de movimentos e oposições nacionalistas nessas colónias que, da África ao Oriente, a teimosia de um regime fechado e autoritário não permitiu que se pudessem descolonizar pacificamente, salvaguardando aspectos fundamentais da presença portuguesa, da cooperação económica ao património cultural.

A história recente de Timor Leste não se afasta também de um contexto difícil, cada vez mais agitado em muitos textos e ensaios, mas infelizmente ainda pouco estudado pela investigação científica. Em contraste com a quase abundância de literatura e

---

[1] A melhor bibliografia geral de Timor Leste é, apesar da «desactualização», o pormenorizado trabalho de SHERLOCH, Kevin, *A Bibliography of Timor*, Canberra, Australian National University, 1980.

[2] Um bom estudo sobre as guerras de colonização portuguesa em Timor Leste encontra-se no volumoso trabalho de PÉLISSIER, R., *Timor en guerre: le crocodile et les Portugais (1847-1913)*, Orgeval, Ed. Pélissier, 1996.

ensaios políticos actuais, conhecem-se de forma deficiente os tempos e modos da colonização portuguesa entre os primeiros contactos comerciais, ainda no século XVI, e as primeiras décadas do século XX, períodos geralmente perspectivados, entre justificação e apologética, por uma historiografia demoradamente dominada pelos próprios actores da ordem colonial, dos governadores aos chefes militares. É, por isso, que se torna especialmente importante recuperar outras memórias que permitam alargar as perspectivas e informações acerca dessa quase perdida colónia de Timor. Encontra-se nessa rara colecção de memórias esclarecidas e singulares este *Diário* oitocentista que, navegando lugares da memória entre Singapura e uma demorada estada em Díli, agora se publica, preservado e organizado graças à inteligente paixão que o Embaixador António Pinto da França continua a cultivar pela presença portuguesa no Sudeste Asiático, transformando neste caso uma herança familiar em texto de difusão pública.

Escrito pela jovem Maria Isabel d'Oliveira Pinto da França Tamagnini, entre os 20 e 21 anos, este *Diário* de uma viagem de Lisboa a Timor, em 1882-1883, é um texto tão raro como interessante, restando como o único testemunho documental directo da viagem e acção do novo governador de Timor, Major Bento da França[3], padrasto da autora, e das catorze pessoas que, entre família e criados, o acompanharam numa missão que não duraria mais de um ano em terras timorenses. Infelizmente, o *Diário* encontra-se hoje incompleto, tendo-se perdido o caderno manuscrito em que se anotava a viagem entre Lisboa e Singapura, a cidade colonial em que começa o nosso texto, quase abrupta mas saborosamente, em Março de 1882. Uma leitura panorâmica desta obra manuscrita permite perceber também que, conquanto adopte as estratégias de escrita próprias de um *Diário*, o texto não se foi escrevendo quotidianamente, tendo-se organizado em vários períodos de reflexão escrita e memorial.

---

[3] Em 1882, quando é nomeado oficialmente governador de Timor, o Major Bento da França reunia já uma actividade colonial militar impressiva em que se incluíam missões em Moçambique, Cabo Verde, Angola e Índia, para além de trabalho político no Ministério do Exército com ligações aos territórios ultramarinos.

Investigando os três cadernos manuscritos actualmente preservados (cadernos II a V), consegue-se facilmente fixar as principais tendências e cronologias da escrita. Assim, um primeiro conjunto disperso mas demorado de anotações dedica-se a Singapura em 26 e 29 de Março de 1882, a que se soma uma longa sequência de apontamentos que, redigidos quotidianamente, de 31 de Março a 6 de Junho, especializam uma visita deslumbrada da cidade fundada por Raffles, observando diferentes temários sociais e culturais que ajudam a reconstruir o fascínio oriental que invade o texto. A seguir, em 9 e 10 de Abril, o *Diário* reabre-se para registar a viagem marítima até à capital das Índias Orientais Nearlandesas, a grande Batávia, cidade pormenorizadamente descrita em textos sequenciais estendendo-se de 11 a 14 de Abril. Novos registos escritos encontram-se datados de 15 e 16 de Abril para apontar a navegação pelo mar de Java em direcção a Surabaya, cidade rapidamente recordada em textos fixados em 18 e 19 desse mês. Novos apontamentos redigidos diariamente entre 20 e 24 de Abril anotam a continuação da viagem pelo mar das Celebes e a chegada a Macassar, descrita em notas continuadas entre 25 e 27 de Abril, quando se inicia a fase final da navegação pelas Pequenas Sundas, convocando, em 29 de Abril, apontamentos espreitando uma paragem em Bima, na ilha de Sumbawa e, em 30 de Abril, algumas anotações sobre Larantuka, na ilha das Flores. Faltam, seguidamente, duas ou três páginas provavelmente dedicadas à chegada a Timor, cuja demorada estada de pouco mais de um ano não parece ter mobilizado a prosa diária de Maria Isabel Tamagnini, muito menos a sua atenção intelectual e crítica, faltando em fascínio o que sobra em exílio. Com efeito, frequentam-se somente registos esparsos, paulatinamente distanciados na cronologia e na intensidade: as primeiras notas escrevem-se irregularmente com datas de 6, 11, 14, 18, 22 e 28 de Maio; outros apontamentos tomam-se em 2, 4, 9 e 18 de Junho; o *Diário* salta, em seguida, cada vez mais dispersa e desinteressadamente, para 2 de Julho e 1 e 3 de Setembro; depois, após três dramáticos meses de intervalo, a escrita é retomada apenas em registo singular realizado em Díli, já em 6 de Janeiro de 1883, prelúdio para uma colecção de apontamentos progressivamente mais quotidianos e interessados da viagem de regresso à Europa que, aberta em apontamento de 21 de Junho, resolve reconstruir um itinerário diário sequencial em que,

brevíssimos apontamentos seguidos («agora vou contar o que se passou durante a viagem...»[4]) de 3 a 13 de Junho, depois de 15 a 20 e em 25 de Junho, recordam a navegação por Banda e Menado, o retorno em 30 do mesmo mês a Singapura, fixando-se ainda, em notas de 1, 25, 29 de Junho e 5 e 10 de Agosto um extraordinário percurso por Colombo, Aden e Itália voltando a excitar tanto o fascínio oriental como o aliviado regresso à sociabilidade europeia da época. Não existe, por fim, um encerramento formal do texto manuscrito, mas apenas anotações da chegada a Lisboa e do acolhimento familiar. Organizando estes dados, sublinhe-se que a obra apenas se comporta rigorosamente como um *Diário* nos apontamentos escritos sobre Singapura, Batávia e nas notas dedicadas à viagem de regresso à Europa, entre Junho e Agosto de 1883. Todas as outras lições mais ou menos longas que completam o *Diário* apresentam um registo descontínuo, convocando diferentes expressões culturais e psicológicas da ordem da escrita privilegiada por Maria Isabel Tamagnini, concorrendo para justificar a escassa mobilização narrativa suscitada por esse difícil ano de vida em Díli. Apesar destas descontinuidades e instabilidades, o *Diário* esclarece um plano geral de escrita que se vai confessando ao longo das suas páginas, como acontece nesta reveladora comunicação:

> Estive em dúvida se havia de pôr isto aqui receando que por um acaso pudesse alguém ler estas linhas e dizer lá de si para si, olha como ella é tola! Mas como tenho quási a certeza que isto não há-de acontecer e como só faço este jornal para mais tarde me divertir a lê-lo às minhas primas e íntimas amigas, a quem prometti contar tudo, tudo o que se passasse durante a minha viagem, resolvi-me a contar aqui este notabílissimo acontecimento. [48]

Esta sincera confissão não deixa de funcionar como uma espécie de aproximação a um prólogo que, tendo provavelmente existido entre retórica e colóquio no perdido caderno inaugural, procura justificar tanto a ordem da escrita como a ordem do seu

[4] TAMAGNINI, Maria Isabel, *Diário de uma Viagem a Timor (1882-1883)*, Lisboa, CEPESA, 2002, p. 66. Para obviar a frequência de uma extensa colecção de notas, passaremos a referenciar apenas a(s) página(s) do texto citado entre parêntesis rectos [ ] com base nesta edição.

consumo: texto assumido como «jornal», no sentido memorial de jornada, a sua direcção remete para um auditório restrito («minhas primas e íntimas amigas») familiar e de amizade que se procura convocar através da alteridade da viagem e do exotismo dos seus acontecimentos: um texto de «divertimento» como esclarece competentemente o Embaixador António Pinto da França na cuidada introdução a este manuscrito da sua tia-avó. O «divertimento» tanto como exercício de escrita quanto como registo factual percorre o *Diário* que privilegia, assumidamente, mais uma escrita de impressões e excitações do que programas de descrição, cronística ou ensaísmo. Existem, é certo, algumas descrições interessantes que, da paisagem à antropologia, interessa investigar neste texto e nos seus contextos, mas é um registo coloquial, quase impressionista, que predomina. Algo estranhamente próximo de uma pintura impressionista de finais do século XIX: pinta-se desfocadamente com cores fortes e quentes uma paisagem outra, admirada mas não estudada, dominando, no fundo, uma impressão elitária, naturalmente etnocêntrica, vazada em texto crítico frequentando equilíbrios espraiados entre o intimista e o moralizante.

As ilusões de uma perseguida atracção orientalista sonhada no começo desta viagem vão-se perdendo depois de se abandonar Singapura, Jacarta ou Surabaya, impondo a viagem pelas Pequenas Sundas a inevitabilidade de uma chegada a um território que se «sabia», com anterioridade, perdido para a *civilização*: Timor Leste é uma terra de exílio, uma espécie de catársica expiação para a consolidação de uma árdua caminhada ascendente nas hierarquias do poder colonial com projecção nessa outra hierarquia que verdadeiramente contava, a dos corredores governamentais de Lisboa. Não foi feliz, no entanto, a aventura familiar e política do major Bento da França que confiava à sua difícil missão de governador de Timor oportunidades bastantes para tentar melhorar a situação económica da extensa família a seu cargo. Padrasto da autora deste *Diário*, este governador colonial abandonaria rapidamente as suas funções, amargurado com a perda brutal de dois filhos vitimados pela terrível malária de Timor, cansado pela hostilidade da administração portuguesa de Macau («Depois d'isto os desgostos do Tio Bento por causa do Governador de Macau, Graça, que parece está de propósito firme de reprovar tudo quanto o

Tio lhe propõe» [63]) e minado pelas muitas intrigas que circulavam no pequeníssimo meio colonial de Díli («Tio Bento e Bento continuam com bastante trabalho por trinta mil coisinhas que dão que fazer, muitas intrigas, faz nojo. É bem difícil o Governo» [51]). Restaria a carreira colonial do seu enteado, irmão de Maria Isabel Tamagnini, que prosseguiria acção importante no governo colonial de Macau, registando mesmo em livro impressivo e informado a sua aventura macaense e timorense[5].

Deve ainda aproximar-se a leitura deste *Diário* da frequência continuada de uma prática epistolar que, como emissão e recepção, pauta a cultura da escrita e da leitura da sua autora. A organização, o formato e muitas das principais características estilísticas deste *Diário* remetem directamente para o discurso epistolar, podendo mesmo entender-se o texto como uma colecção de «cartas» dirigida a esse público familiar e de amizade que, restrito e culto, se procura informar com cumplicidade. Por isso, o próprio *Diário* encontra-se invadido pelo prestígio e urgência da comunicação epistolar, absolutamente vital na estabilidade cultural e psicológica de Maria Isabel Tamagnini que encontrava no envio e recepção das suas cartas momentos fundamentais de regresso a essa «civilização» que estruturava o seu sistema de valores:

> mandei umas poucas cartas para Lisboa. Temos dado sempre notícias, mas infelizmente ainda não tivemos carta nenhuma da nossa terra, é bem triste passar sem ter novas das pessoas que nos são charas. [...] Foi grande a alegria que senti quando vi estas queridas cartas, lettras de pessoas tão charas e que estou certa me estimam deveras. Senti grande alegria em ler as boas palavras que todos me dirigiam, as lágrimas rebentavam pelos olhos à medida que ia lendo uma e outra... [10]

[5] FRANÇA, Bento da, *Macau e os seus habitantes: Relações com Timor*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897. Não é este o espaço apropriado para se estudar esta obra importante e investigar os pontos de contacto que, dos temas às perspectivas políticas e morais, partilha com o *Diário* da sua irmã. De qualquer forma, existem comunicações relevantes entre os dois textos, podendo remeter para um mesmo conjunto de fontes familiares e sociais que teria interesse reconstruir na sua ligação aos esforços de administração colonial portuguesa dos territórios orientais.

Em termos mais complexos, a comunicação epistolar permite também recordar as condições culturais da viagem nas décadas finais do século XIX quando, privadas dos meios de comunicação quase imediatos dos nossos dias, as informações circulavam lentamente seguindo o ritmo longo e transoceânico do «vapor» ou a rotina continental do caminho-de-ferro. Em qualquer dos casos, impunha-se a comunicação de um correio lento, muitas vezes atrasado, transportando notícias com vários meses de ocorrência, como frequentemente se assinala nos diferentes apontamentos deste *Diário* acolhendo notícias epistolares de eventos familiares com mais de meio ano de vida, situação, apesar de tudo, optimista face às enormes dificuldades em fazer chegar correio regular a a Díli («No dia 15 chegou aqui um vapor hollandez, mas era extraordinário e partiu no dia 16 à noite, levou cartas nossas para Lisboa. Nós não tivemos notícias, pois o vapor vinha das Molucas e agora só poderemos ter notícias dos nossos lá para os meados do mês que vem, é bem triste mas paciência» [53]). De qualquer modo, é esta «civilização» especializada da escrita que, da leitura à produção epistolar, orienta as principais modalidades de ordenamento do *Diário*, começando pela ordem da descrição das paisagens, das pessoas e das coisas.

A ordem da descrição

Desde as primeiras linhas que sobreviveram até aos nossos dias, regista-se no *Diário* uma atenção pormenorizada, quase sempre elegante, por uma paisagem que, casando o humano e o urbano, poderemos definir, à falta de melhor conceito, por *cidade*. Trata-se de organizar impressões de viagem não apenas em função dos espaços sociais e culturais que se visitam originalmente, mas também de convocar uma vivência social citadina e elitária que, tendo como paradigma a aristocracia lisboeta e a própria Lisboa («Estou tão longe de todos, mas o meu pensamento está sempre no caminho de Lisboa»), funciona como representação matricial da ordem e das coisas da viagem. A descrição da *cidade* frequenta uma atenção especial, crítica e deslumbrada, pelo elemento humano, aqui perscrutando o local, ali individualizando os poucos

portugueses ou observando mais além a presença europeia, como acontece com a inglesa em Singapura ou a holandesa na Indonésia. O elemento europeu, integrador duplamente de observação e sociabilidade, cruza-se com o recenseamento de grupos asiáticos e com eles expande as cores da *cidade*. Por isso, a medida da *cidade*, do território, é muitas vezes sublinhado a partir desta pluralidade antropológica multicolor, como ocorre em Singapura, cidade em que «é divertido estar ali um bocado pela variedade de gente que se encontra», quase

> Não se imagina a quantidade de gente de diferentes raças que se encontra por toda a parte, mas principalmente para aquelle lado, chinezes, homens d'Aden muito pouco vestidos e com os cabellos cahidos, outros de Ceylão muito bem penteados, usam o cabello crescido e enrolado na nuca, quási todos trazem uma travessa de tartaruga como as nossas creanças. Os cabellos d'estes são esplendidos, negros como as asas d'um corvo, teem um brilho lindo. Também vi indios, malaquianos, etc., etc. [12]

Não se pense que a observação do «outro» asiático se limita a registar estes sinais de diversidade que, como neste caso, preferem fixar-se na análise de cabelos e penteados, entre «caídos» e «crescidos», estéticas estranhas para os grupos sociais superiores europeus que, nas décadas finais do século XIX, privilegiavam uma exuberante colecção já feminina já masculina de chapéus de cuidadosa confecção e arrumadíssimo gosto. A estranheza que assenta nos «nossos» valores culturais autoriza com muita frequência espaço para que o *Diário* possa registar algumas práticas culturais asiáticas com respeitoso pormenor. É o que acontece geralmente nas descrições de práticas religiosas budistas, como se visita neste atenta memória de antigas cerimónias religiosas acompanhadas em templo «chinês» de Singapura que, descontados etnocentrismos quase naturais na ordem do comentário, importa acompanhar com alguma atenção:

> Fui ver um pagode Chinez menos mal arranjado. Vi outros muito mais riccos, mas este que vi era bastante grande; tem umas poucas colunnas de ferro no meio da casa, uns poucos d'altares com differentes monos e muitas coisas mais e que nem eu sei como lhe hei-de chamar; umas pareciam tinas, outras mesas, etc.; tudo aquillo

> tem serventia para as cerimónias religiosas. Estava um chinez a rezar em pé defronte do altar e assim se conservou por um bocado, depois fez umas poucas de mesuras e passou d'alli para defronte. D'uma meza onde estava outro mono com um grande vaso defronte de si cheio de terra e n'este estavam espetados uns poucos de pivetes acesos; havia por toda a casa um cheiro pouco agradável. Quando o chinez acabou de rezar, voltou outra vez ao altar onde tinha estado primeiro. Ahi estavam uns boccados de pau do feitio d'umas pequenas canôas. Pegou n'elles e atirou-os ao ar, uns cahiram com o interior para baixo, outros para cima. Disseram-me que assim é que eles fazem para saber se hão de ser felizes ou não; se cahem os paus com o interior para cima é bom signal e de contrário é mau. Estava n'um nicho um outro monosinho muito feio, medonho, mas julgo que é o mais considerado. Todos os dias lhe põem de comer. Hontem tinha umas coisas brancas que no princípio imaginei que era peixe, mas depois vi que não. Perguntei-lhes o que era, mas não me entenderam. [13]

Concretizando o fascínio oriental destes andamentos textuais mais especializadamente numa atenciosa visita de hábitos e comportamentos culturais da, ontem como hoje, rica comunidade chinesa de Singapura, o *Diário* anota com ainda mais demora e admiração o cerimonial de um casamento entre jovens chineses, originando mesmo a mais longa descrição temática desta obra:

> Hoje levantei-me às 8 horas, tomei o meu banho frio, o que faço quasí todos os dias. Almoçámos, depois vim acabar de arranjar as malas, penteei-me e agora estou esperando a mulher do cônsul, que ficou de nos vir buscar para irmos assistir a um casamento chinez, mas já estou com algum medo que ella não venha, pois já me parece tarde. Fomos à casa da noiva chineza, mas ainda não assistimos ao casamento, pois foi transferido para as 4 horas, mas não perdemos o nosso tempo porque fomos ver o quarto dos noivos e o enxoval da noiva que é riquíssimo. O quarto é muito bonito no seu género; a mobília é toda de pau encarnado com imensos dourados em rellevo. Compunha-se do seguinte: uma cama enorme e muito esquisita; são duas numa só, mas uma muito estreita e a outra bastante larga; tem um dossel assente em 6 colunnas muito bonitas, as cortinas são de cetim escarlate bordadas a matiz em ouro; tinha uma colcha riquíssima e por cima uma quantidade de flores e hervas aromáticas, que davam um perfume péssimo, enjoativo. Deram-me umas poucas de flores, dizendo que eram as flores das noivas, que as guardássemos. Eu logo que as vi pelas costas, deitei-as fora pois não podia supportar o cheiro. Vi dois vestidos, um de cetim encarnado bordado a matiz e outro também de cetim, mas amarello, também bordado, um par de chinellos

bordados a oiro, e uma quantidade imensa de lenços de todas as cores bordados a matiz e oiro. Também me mostraram uma espécie de «fichu» mas muito esquisito, todo feito de pedacinhos de seda encarnada e verde com um bordado differente em cada um; uma rosa, uma chineza, uma árvore, etc. Immensas jóias, riquíssimas, brilhantes enormes, lindos, lindos. O que mais gostei foi d'um diadema todo de brilhantes, mas brilhantes bons. Também levam na cabeça uma coroa de flores mas não de laranjeira, differentes. Os casamentos são arranjados pelos paes dos nubentes, elles não se conhecem, é na hora do casamento que se veem pela primeira vez. A noiva leva um grande véu preto muito espesso que lhe cobre a coroa e parte do corpo e é o noivo que depois lh'o tira. Estou com curiosidade de ver a cerimónia, depois darei conta. Vi dois contadores muito bonitos, dois armários, um lavatório, uma espécie de tremó contendo em cima umas poucas de caixas d'oiro, com uns grãos que elles mascam, e linda loiça da china, duas cadeiras cobertas com uns panos bordados, dois banquinhos para pôr os pés e mais umas coisas que não me lembro. [17-18]

Cola-se a esta visita atenciosa, o registo do próprio casamento anotado já no dia seguinte, a 9 de Abril, oferecendo um cuidado exercício da memória em que se destacam as principais formas de fascínio pelas culturas orientais que, das cores aos vestuários, das jóias aos gestos, passando pela alteridade religiosa e simbólica, mobilizavam a selectiva escrita de Maria Isabel Tamagnini, neste caso rememorando que

Hontem sempre fomos assistir ao tal casamento chinez. Gostei immenso de ver, há muitas cerimónias! Não se imagina. A noiva estava ricamente vestida: sarong ou sayon de cettim amarello, e a cabaia também ricamente bordada a matiz e ouro, tinha uns sapatos também ricamente bordados. Na cabeça tinha uma corôa (era mais ou menos do feitio d'uma corôa real) toda cravejada de brilhantes e outras pedras preciosas, o pouco cabello que se via estava semeado de differentes flores. O noivo vestia como os mandarins. Quando entrámos, estava na primeira sala o noivo, sentado entre uns poucos de rapazes vestidos como elle, e a noiva estava numa outra sala também sentada. Esqueceu-me de dizer que ella tinha uns enormes brincos de brilhantes e pérolas e ao pescoço uma quantidade de fios de brilhantes lindos, soberbos, os dedos todos cheios de anneis de brilhantes óptimos. A cerimónia só começou às cinco e meia; estiveram esperando por esta hora, pois elles são muito supersticiosos e n'aquelle dia, segundo elles dizem, se algum casasse antes ou depois das cinco e meia haviam de ser muito infelizes; a hora também tem influência nestas coisas. São muito

ratões. Enquanto faziam horas, nós fomos para o quarto da noiva, onde esta era esperada, pois foi ali que se celebrou o casamento. Pouco depois entraram dois rapazes, battendo desalmadamente em dois enormes timbres, fazendo um barulho horrível, isto para annunciarem a entrada dos noivos que com effeito, pouco depois appareceram seguidos dos convidados; vinha a noiva adeante com as mãos no peito, andando muito devagar, mais atraz o noivo, foram ambos para o pé da cama e puzeram-se um defronte do outro, fazendo muitas mesuras e levantando os braços ao ar; depois mudavam um com o outro de lugar e começavam de novo as mesmas scenas; depois sentaram-se ainda ao pé da cama, onde esperaram que lhes levassem chá. A noiva não come nem bebe nada, neste dia, só faz a cerimónia, o noivo esse sim come de tudo. Levaram-lhes umas comidas numas xícaras. Nenhum d'elles lhe tocou, de sorte que puzeram duas chávenas debaixo da cama, onde as deixam ficar por espaço de três dias; se quando as tiram já a comida está podre é péssimo signal para os noivos, hão-de ser sempre infelizes; se estiver boa, é óptimo signal. Há num quarto uma mesa com immensos petiscos, e só com dois lugares que são para os nubentes; a loiça era riquíssima. Depois de algumas pantominices sentam-se os dois. A primeira coisa que lhes dão é chá. Trocam as xícaras. O noivo bebe e a noiva finge. Depois a noiva dá dois pausinhos de marfim ao noivo e este a ella, depois começa esta apontando os petiscos que elle deve comer e que elle vae comendo; isto dura imenso tempo. Quando acabam o jantar vae o noivo para sua casa e a noiva despe-se e veste um vestuário branco. À noitinha volta o noivo e fica três dias em casa dos paes da noiva, depois vão para sua casa ou então para casa do noivo. Os donos da casa eram amabilíssimos. Offereceram-nos doces, champagne e mais vinhos. Quando nos despedimos agradeceram-nos muito a nossa visita e veio-nos acompanhar à porta o parente mais próximo da dona da casa. As raparigas passam um tormento nos dias do casamento, coitadas, pois como não comem nada, estão muito fracas e como as carregam d'oiros, de trinta trapalhadas, perdem muitas vezes os sentidos. A de hontem não os perdeu, estavam constantemente dando-lhe a cheirar um vinagre, de sorte que ella estava menos mal. [18-20]

À obervação fina do elemento humano, na sua dimensão constelativa, soma-se o espaço, o outro critério maior que permitia valorizar a *cidade*. E nos espaços da *cidade*, de qualquer cidade, impõe-se imediatamente a qualidade do passeio. Assim, a valorização positiva de Singapura muito deve ao «passeio realmente bonito» que permitia, por exemplo, «acabar a tarde no passeio dos elegantes [2]» ou comer «com bastante apetite, como é natural

depois d'um passeio a pé [3]»... Pedestre ou em carruagem, o passeio trata de (des)montar a *cidade*: casas, edifícios públicos, avenidas, árvores, jardins e, sobretudo, as «compras». Ainda na cidade erguida por Raffles «entramos aí numa loja ingleza magnífica» e «comprámos várias coisas e depois fomos a uma loja de panos procurar panos brancos e chitas, o que se encontra muito barato. Também fomos a umas lojas chinezas...[5]». Se o passeio pedonal recorda um registo mais *fotográfico*, já o passeio em carruagem, pela sua velocidade e ritmo, remete para o registo *cinematográfico*, quase o desse cinema «mudo», lido e tocado, convidando a um correpio de impressões, por vezes fixadas com deslumbrada elegância, como nesta descrição de Batávia que, pela rápida sequência de elementos cénicos, parece remeter para a economia do tempo e do espaço que nos habituámos a associar aos velhíssimos álbuns de fotografias e postais dos finais do século XIX:

> Demos um lindo passeio de carruagem, pela cidade que é linda. Há aqui uma vegetação brutal, por todos os cantos se vêem flores, arbustos, árvores, água, etc. É uma cidade no meio d'um bosque muito fechado, as ruas são todas de macdame e larguíssimas, quási todas tem pelo meio um riozinho onde os malaios se banham. Todas as casas são lindas e teem jardins verdíssimos. Passámos por uma praça enorme (para se fazer a volta a pé leva-se hora e meia), onde está a estátua do primeiro governador de Batávia. É ali o tribunal de justiça e tudo o que lhe diz respeito. Lindas casas para os officiais, óptimos quartéis, etc. Queríamos ir ao jardim das plantas, mas o estúpido cocheiro não foi capaz de perceber que nós queríamos ir lá, por mais deligências que fizéssemos. Levou-nos por uma estrada muito bonita mas nada de jardim, fez-me um ferro, pois todos dizem que é muito bonito, e demais a mais tem hervas de differentes qualidades, de sorte que os pequenos perderam um bom divertimento. Na maior parte da cidade poucos chinezes se veem, casas não vi nenhuma, pois aqui não lhes permittem que as construam senão no seu bairro, porque dizem, e com razão, que elles são muito ricos; se lhes dessem licença de fazerem as suas edificações onde bem lhes aprouvesse, os sítios mais bonitos estavam decerto ocupados pelos taes senhores e os pobres dos hollandezes ficavam a ver navios. [32-33]

Infelizmente, ontem como hoje, as grandes cidades do Sudeste Asiático são caras mesmo (e sobretudo...) para famílias de governadores coloniais portugueses: Singapura é, definitivamente,

uma cidade dispendiosa: «aqui gasta-se um dinheirão louco [6]». O mesmo vai acontecendo nas cidades de Java, especialmente nessa grande urbe colonial que ontem se chamava Batávia e hoje se visita como Jacarta. Por isso, quando a comitiva familiar do Major Bento da França chega a Semarang, o *Diário* regista com alguma sincera mágoa que «não fomos nem vamos a terra por falta de «pintos». Temos gasto imenso. Só nos 15 dias que estivemos em Singapura gastou-se um dinheirão. Em Batávia também foi um dinheirão; é tudo muito caro [34]». A carestia que importa colocar no seu devido contexto de «portugalidade», remetendo para as dificuldades económicas e financeiras do Portugal das décadas de 1880 e 1890[6], limita a fruição plena das capitais coloniais do Sudeste Asiático, impedindo mesmo em Jacarta a continuação do deslumbramento do passeio ou a excitação mundana do teatro lírico:

> Tenho pena de não poder gozar mais d'esta linda terra, mas tudo aqui é caríssimo e os tempos estão muito bicudos. As carruagens alugam-se sempre por seis horas e paga-se um tanto, mas um tanto muito pesado quer se utilize d'ellas 1 hora, meia-hora ou as 6 horas. Quisemos ir ao theatro lyrico, mas cada lugar era um dinheirão e como nós somos muitos, não fomos. Há sempre aqui divertimentos quasi todas as noites há theatros; como já disse esteve aqui uma companhia lyrica (italiana) e agora é esperada uma troupe francesa. [33-34]

A *cidade* avalia-se, em seguida, pelos seus espaços de sociabilidade, principalmente os seus «salões» e hotéis. As condições de acesso e fruição de *salões* organizados à imagem dos seus congéneres europeus são raras, não tanto pela falta de qualidade desses espaços, tantas vezes de uma elevada elegância e decoração, mas mais pela insuficiência da frequência social. O *Diário* anota várias desilusões com a mediocridade da festa e, sobretudo, dos seus frequentadores: «À noite houve dança, estavam lá uns

[6] O tema, entre ideologia e realidade, de um Portugal *mais pequeno* e *mais pobre* que se impõe, para ficar, a partir da década de 1880 pode acompanhar-se com vantagens no volume de RAMOS, Rui, *A Segunda Fundação (1890-1926)*, in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, vol. VI, especialmente pp. 29-39.

figurões muito gebos e bastante ordinários. Não tinha vontade, já porque tivesse muito calor e também porque não estou bastante alegre para andar em danças, mas não tive outro remédio senão fazel'o, assim era preciso [7]». Em contraste, sempre que o *salão* era agradável e se aproximava dos padrões de elegância e sociabilidade da *cidade* europeia, o contentamento era outro: «Dancei com quási todos; o meu primeiro par foi o official russo. Fala muito bem francez e pareceu-me educado, valsou muito bem a dois tempos [9]».

A validação da *cidade* concretiza-se igualmente através da qualidade dos seus hotéis, seja, em Singapura, esse «Hotel Europa onde estamos bem alojados; é um hotel imenso e está cheio de ingleses [1]» ou o famoso *Hotel des Indes,* em Batávia («Viemos logo para este hotel que é muito bom segundo as primeiras apparências. Temos uns bons quartos. O *lunch* foi esplêndido e é de esperar que o jantar não seja pior» [22]). Nalguns casos, destacam-se algumas curiosidades «estranhas», como aquelas a que obrigam as coacções de um clima tropical, já na fronteira desses comportamentos que apenas se experimentam quando nos encontramos longe do nosso meio doméstico e social, caso desta «peculiar» forma de dormir:

> deitámo-nos às 10 horas pouco mais ou menos. Por causa do calor, não põem na cama senão um lençol só; fez uma grande novidade quando nos deitámos, mas não faz falta nenhuma... [3]

Esta ordem da descrição que destaca a *cidade* e o seu «ethos» social e cultural vai-se perdendo, mesmo enquanto registo escrito, à medida que a viagem se aproxima de Timor. Macassar na grande ilha de Sulawesi que a cartografia colonial baptizava de Celebes começa a pautar o ritmo de uma transição em que a *cidade* vai paulatinamente desaparecendo para dar lugar ao território que se perspectiva como «indígena», as casas de pedra perdendo em favor do predomínio daquilo que o texto designa, muito «africanamente», por «cubata» ou desaparecendo também a silhueta moralmente tranquilizadora da igreja, permitindo perceber que

> Macassar é bastante comprida, mas não muito larga. Tem uma vegetação brutal, uma perfeita matta! É muito bonita no seu género, mas triste. Tem algumas casas de pedra e cal pertencentes a

europeus. São no gênero das de Batávia, mas mais pequenas e menos ricas. A população é numerosa de indígenas, que habitam todos as casas feitas com esteiras, no género das dos nossos pescadores da Costa. Chamam-se cubatas. Há muitos chinezes, algumas lojas pertencentes a estes últimos, que geralmente habitam em pequenas casas por cima dos seus armazéns. As ruas não são más, estão bem arranjadinhas. Há uma alameda linda, um encanto, as árvores são enormes, de sorte que se juntam em cima, mas duma maneira espantosa. Formam uma abóbada, não se pode ver o céu, o sol não mette ali o seu nariz, é lindo. Passámos pelo cemitério d'aquella pobre gente, fez-me a maior impressão tão pobre e tão triste. Não vi Igreja nenhuma, os hollandezes não teem muita religião, faz afflição. [39]

Em continuação, algumas das ilhas principais desse corredor arquipelágico que se identifica como Pequenas Sundas, são apreciadas com distância e os seus habitantes caracterizados pela sua incivilidade, como se frequenta nas descrições rápidas de Sumbawa ou das Flores. A partir de uma brevíssima observação da sua capital, Bima, Sumbawa é simplesmente apresentada de longe como uma ilha «grande mas muito insignificante. Há só cubatas onde vivem os indígenas. Parece-me que vivem ali 3 ou 4 europeus. Que tristeza, coitados! Não fomos a terra [41]». Apesar dos vestígios culturais de presença portuguesa que ainda hoje se espalham por confrarias, igrejas e muitas cerimónias religiosas católicas[7], pese embora também a extraordinária paisagem do estreito que a separa de Solor e Adunara, Larantuka, no leste das Flores, não recebe melhor elogio, anotando o *Diário* que

> Hoje chegámos a Larantuka, uma povoação na Ilha das Flores, que é bastante grande, muita rica em vegetação, mas muito pobre em casas. Os habitantes são ainda meio selvagens. Estão aqui uns poucos de missionários cathólicos hollandezes que não tem perdido o seu tempo, há já muitos christãos. Antes de se chegar à povoação passa-se por um estreito que é um encanto, o navio a passar pelo meio de dois montinhos matizados na verdura; é d'um efeito lindo, há muitas árvores de fructus: laranjeiras, bananeiras, coqueiros, etc... [41-42]

[7] Veja-se, a este propósito, o trabalho ainda hoje fundamental de FRANÇA, António Pinto da, *Portuguese Influence in Indonesia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975 (recentemente traduzido em indonésio e publicado em Jacarta).

Pior ainda são as linhas que o texto de Maria Isabel Tamagnini dedica às populações das Flores, negativamente distinguidas mesmo dos habitantes de Adunara e de Solor. Partindo de eventos mais ouvidos que observados associados às muitas dificuldades das missões protestantes holandesas precisamente em espaços demoradamente lavrados por missionários católicos que, sobretudo dominicanos, haviam multiplicado conversões e paróquias desde meados do século XVI, o *Diário* fixa uma perspectiva crítica, mas não dispensando alguma interessada curiosidade, sublinhando que

> Os indígenas são quasi todos selvagens, muito maus. Em Fevereiro attacaram o convento onde vivem os missionários e mataram 3 homens. O seu maior gosto é de cortar cabeças aos brancos; agora estão mais sossegados. Mr. Forbes tencionava visitar o interior da ilha, mas visto o exposto mudou de ideias. Em fronte da Ilha das Flores há uma pequena ilha chamada Adonara. Está aqui estacionado um navio de guerra holandez. Agora já se começa a ver Solor. Os habitantes de Adonara e Solor não são tão maus como os vizinhos. Aqui os indígenas usam uns chapéus feitos por elles. São muito ratões e originais. Tenho pena de não ter um para guardar. [42-43]

Surpreende, de facto, como destaca a introdução, a seguir, do Embaixador António Pinto da França, a falta de informação do *Diário* sobre a presença histórica portuguesa nestas ilhas e espaços das Flores, Adunara ou Solor. Ainda hoje se casam os vestígios de velhas fortalezas coloniais portuguesas, em Ende ou em Solor, com uma religiosidade católica, popular e eclesiástica, recordando vetustos contactos com missionários, soldados e aventureiros portugueses, vazando-se em orações ou folclores que recordam quase perdidos «crioulos»[8]. Apenas se pode concluir que Maria Isabel Tamagnini desconhecia estas influências porque elas seriam geralmente ignoradas pelos responsáveis coloniais portugueses, em Lisboa ou a caminho de Timor, conquanto, formalmente, estas ilhas tivessem sido «trocadas» pela administração do Timor Orien-

[8] BRAMANTYO, Tryono, *Portuguese Elements in Eastern Indonesia's Folk Tunes*, in SOUSA, Ivo Carneiro de & LEIRISSA, R. Z., *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*, Lisboa, CEPESA, 2001, pp. 85-95.

tal com a governação colonial holandesa somente em 1859, informando um estranho episódio em que viria a assentar grande parte dos tratados cruzados entre Portugal e a Holanda para acordarem acerca das fronteiras dos territórios timorenses que compartilhavam e dividiam[9]. Em termos mais complexos, este desconhecimento remete para as próprias condições de produção de um pensamento e ideologia coloniais no Portugal das décadas finais do século XIX, numa época em que a concorrência económica internacional começa a aprofundar-se sem retorno e impõe uma atenção renovada pela exploração territorial e das ricas matérias-primas principalmente de África. Estranhamente, este é também um período de reinvenção de direitos e prioridades históricas, de novas histórias nacionais e «ultramarinas», mas que, em definitivo, não parece terem a chegado a interessar-se pelo «estudo» dos espaços da Indonésia oriental em que se havia organizado uma muito vaga soberania portuguesa que se celebrava em Timor através de um cuidadoso processo de especialização de uma espécie de «*indirect rule*» favorável aos interesses coloniais e, mais ainda, aos grupos sociais superiores locais[10]. Numa palavra, Timor Leste era a última das colónias portuguesas, na distância e na ignorância.

Timor como exílio

Terra para degredados e de muito pouco «civilizados» indígenas, assim se entendia a parte oriental da ilha de Timor na década de 1880 nos meios cultos portugueses epocais. Por isso, ainda em Singapura, fascinada pela qualidade da *cidade*, Maria Isabel Tamagnini deseja que venha rapidamente o tempo de chegar a

---

[9] CASTRO, Afonso, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867; SCHOUTEN, Maria Johanna, *Apart and together: the Portuguese and the Dutch as neighbours in and around Timor in the nineteenth century*, in SOUSA, Ivo Carneiro de & LEIRISSA, R. Z., *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*, Lisboa, CEPESA, 2001, pp. 201-212.

[10] Acerca das características antropológicas e sociológicas fundamentais do poder colonial português em Timor Leste, veja-se o que escrevemos recentemente em *The Portuguese Colonization and the Problem of East Timorese Nationalism*, in «Lusotopie», 2001, pp. 183-194.

Timor porque «quanto mais depressa lá chegarmos mais depressa se começa a contar o tempo do nosso exílio» [6]. E de terra de exílio, com efeito, se tratava para uma numerosa família nobiliária lisboeta obrigada a procurar no serviço colonial as vantagens económicas e de reconhecimento político que eram cada vez mais difíceis de conseguir numa Lisboa em que cresciam os sinais de declínio irreversível da monarquia constitucional, começando a impor-se a atracção pelos partidos republicanos, mais jovens, urbanos e burgueses[11].

As diferentes anotações feitas em Timor revelam uma vivência quase exclusivamente centrada em Díli, marcada por uma consideração geralmente negativa da terra e das gentes que apenas algumas realizações próprias da vivência da *cidade* permitiam matizar («Uma tarde d'estas sahí, demos uma volta pela cidade que parece não me sahir tão feia como eu esperava; é verdade que eu fazia a ideia mais triste possível» [50]). A «cidade» de Díli, apesar de não ser «tão» feia quanto se esperava («a cidade não é tão má como eu imaginava, há algumas casas de pedra e cal, mettendo nessa conta os edifícios públicos. A Igreja, pequenina e decente, podia estar um pouco melhor. Além disso, um Quartel menos mau, Hospital, Alfândega, Prisão, uma outra casa para onde vae agora a Secretaria e não sei se mais alguma outra e 6 ou 7 casas particulares» [51]), funciona como uma espécie de anti-cidade, contrariando os vários valores e exigências espaciais e sociais com que Maria Isabel Tamagnini exornava as vantagens da vida em *cidade*. O passeio a pé é extremamente raro e praticamente inviável de carruagem («As estradas também estão péssimas, é quási impossível andar por ellas de carruagem, está tudo muito abandonado» [48]), o passeio de barco limitou-se a uma pequena incursão «balnear» na baía de Díli («Hontem fomos, Bento, Magdalena, Fontes e eu dar um passeio embarcados. Gostei bastante, a tarde estava linda, era ao sol posto, o céu estava matizado com bellas cores que faziam um effeito lindo, lindo. Fomos às duas entradas da barra, ali já se sentia os effeitos do mar, demos dois ou trez saltinhos menos

---

[11] Leia-se, a este propósito, a bem conseguida síntese de SERRÃO, Joel, *Republicanismo*, in «Dicionário de História de Portugal», V, Lisboa, 1975, p. 285-294.

maus» [59]), os grandes edifícios públicos não existem, são escassas as casas em pedra, medíocre, quase detestável, é o ambiente humano em que se somam a meia dúzia de responsáveis administrativos portugueses muitos soldados degredados:

> Tio Bento e Bento foram visitar o quartel, hospital e a escola do governo e a prisão. Com o quartel e a prisão vieram horrorizados. O hospital está velho, mas bem arranjadinho. As estradas também estão péssimas, é quási impossível andar por ellas de carruagem, está tudo muito abandonado. É pena, pois o país é riquíssimo. Há umas poucas de minas de oiro e cobre, café em grande abundância e outras coisas mais que eu agora não me lembro; se fosse bem exploradinho, tinhamos, só daqui, uma riqueza, mas não há aqui ninguém para o fazer. É um presídio, uma terra honde há só degredados, se pode dizer, e dos piores. É bem triste sabermo-nos só cercados por assassinos! Que tristeza e que horror! Santo Deus! Nossa Senhora nos proteja. [48-49]

As relações e actividades sociais de tipo «europeu» são extremamente limitadas. Alguns jantares com os responsáveis da administração colonial, entre conveniência e convívio, mais as idas regulares à igreja, sempre interessantes e divertidas nas grandes festas litúrgicas, especialmente as que, enchendo o templo também de alguns timorenses, excitam a parenética. Não existem sequer pessoas suficientes para organizar diferentes meios ou grupos sociais, fazendo mesmo os funcionários civis e os sacerdotes parte do mesmo mundo restrito da ordem colonial portuguesa em Timor Leste. Assim se testemunha nas descrições de algumas dessas reuniões que congraçavam ao jantar, em casa do governador, a pequeníssima «comunidade portuguesa», formada não apenas por europeus, mas também por alguns funcionários goeses e criados africanos:

> No dia 31 de Maio deu o Tio Bento um jantar ao chefe da Missão, Medeiros, Bispo de Gôa, Padre Gomes. Convidou ainda as seguintes pessoas: Lassi (director da alfândega), Silva Pereira, Tancredo Caldeira (delegado da Fazenda), Casal Ribeiro (agrónomo), Bernardino Lobo (médico) Porphyrio Sérgio de Sousa (administrador do Concelho), Capitão Fernando António e o alferes Pimenta. Correu tudo muito bem e passou-se menos mal, são estas as pessoas apresentáveis que aqui há, fora mais uns dois ou três. [56]

Em contrapartida, quando era possível aproveitar a chegada do vapor holandês e as várias competências do seu comandante para reunir um convívio social alargado, recordando a sociabilidade elitária ocidental, voltavam a visitar-se as qualidades próprias da vida de «salão», estendendo-se do canto à amabilidade do presente, espreitando a galanteria própria da «civilização»:

> O vapor que chegou hoje chamava-se Tamborá e o capitão, De Hartum, cavalheiro, veio jantar connosco e passar parte da noite. É um puro artista, toca uns poucos de instrumentos, mas hoje só ouvimos tocar dois, citara e rabeca, muito bem. Tocou várias coisas, umas poucas de canções allemãs, Serenade de Schubert, Avé Maria de Gounod, um bocado de Fausto, um bocado de Guilherme Tell, etc., etc... Cantou ainda umas canções bonitas, estivemos toda a noite entretidos. Também cá jantaram e passaram a noite Porphyrio de Sousa, Ernesto Lassi e Henrique Pereira. O Capitão fez-me presente d'um leque muito bonito. Elle é muito bem educado, foi official de marinha. Agora só cá volta d'hoje a dois meses. [62]

Não parece que este tipo de jantares e encontros, reunindo os limitados quadros superiores da administração colonial ou acolhendo um raro comandante de navio holandês tivessem sido frequentes durante o governo do Major Bento da França. O texto de Maria Isabel Tamagnini, sempre tão atento ao pormenorizado registo destes acontecimentos sociais, não os aponta, situação que não deixa de sublinhar o clima de intranquilas intrigas que foi contrariando a acção do novo governador. Noutros casos, também raros, quando a visita social se autoriza quase por «obrigação» a funcionários de origem timorense, provavelmente mestiços, o que se perde em convívio social «normal» ganha o *Diário* em divertimento:

> Tivemos umas visitas interessantes: o Juiz, Sua Mulher e Irmã, trez macacos. Vinham esplêndidos! A Madame trazia um vestido de seda preto feito em Macau, naturalmente, vestido de casamento cheio de arrebiques, muito comprido, de sorte que a pobre timora não se sabia mexer. Estava vendida, coitada. Luvas brancas (de meia, como usam as nossas criadas), muitíssimas carnes e um chapéu – mas que chapéu! –, uma barretina de veludo preta com enfeites também de veludo, mas azul celeste, e muitas flores brancas. Mademoiselle, vestida de cor de rosa, que amor! O vestido era de cassa com galões de fita de lã rouxa. Carregada de ouro, na cabeça um lindo chapéu de palha branco enfeitado com fitas azuis e feixes

> de flores brancas, feitio d'um prato chato. Estúpidos como uma porta, pelo menos na apparencia e digo assim, pois só lhes ouvi "sim", "não". Realmente tivemos uma conversa muito interessante... Estes timores são impossíveis. [59-60]

Não é preciso frequentar demoradamente este *Diário* para se perceber que o Timor colonial português se encontrava muito afastado, sem remissão, dos valores sociais e culturais prezados por Maria Isabel Tamagnini. Por isso, as populações locais são praticamente desconhecidas tanto na sua variedade como na sua especificidade cultural, assim como os seus territórios e agrupamentos sociais. Destacam-se, ainda assim, algumas características gerais que testemunham a sua «incivilidade», como é o caso da sua estranha alteridade religiosa, descrita quase sempre a partir das categorias complementares de superstição e ignorância, como quando se procura inventariar o temor pelos fenómenos naturais, dos tremores de terra ao crescimento das grandes árvores:

> Os indígenas teem o maior medo, coitados, e imaginam que é Deus que puxa por uns cordéis; começam todos a gritar e a dizer «ainda cá estamos, ainda cá estamos». Fazem uma berraria medonha. São muito tolos, coitados, mesmo uns brutinhos. Há aqui perto da nossa casa um pântano bastante grande e perto há uma grande árvore que elles teem por santa e ao mesmo tempo teem-lhe um grande pavor; não são capazes de se aproximarem mas estão certos que junto da árvore há um grande buraco e que por alli se vae à Europa e que sahem por alli coisas maravilhosas! Quando nos viram a todos nós exclamaram: "uma família tão grande", naturalmente sahiram pelo buraco da árvore santa! Eu julgo que ainda estão convencidos d'isto. [49]

Este comportamento que se pensa pautado pela superstição e pelo temor parece enquadrar também os apontamentos que o *Diário* entende fixar acerca da presença dos timorenses que, principalmente nas grandes datas do calendário religioso católico, frequentavam as cerimónias litúrgicas. Novamente, é seguindo um registo que exagera um divertimento já muito próximo da paródia que, atenta como sempre à exuberância do vestuário, Maria Isabel Tamagnini recorda essa ida a uma igreja de Díli em que

> Estavam muitos timores de chapelinhos e vestidos à europeia, mas que typos! Não se imagina! É para a gente morrer a rir; custou-me

> muito ficar séria, mas lá consegui. Vou fazer a descrição duma toilette: começa pelos pés, umas botas enormes amarelas, de que espécie não posso dizer; uma saia branca muito tesa, fazendo um grande ballão, por cima um vestido de cassa côr de rosa já muito desbotado, de grande cauda, enfeitado com uma fita de lã verde bastante forte; o corpete da mesma cor e qualidade da saia, justo ao corpo, deixando assim ver a ellegância da dona... O chapéu era o melhor de tudo, de folhas amarelladas, feitio muito difícil dizer como era, uma espécie de frigideira, que tinha à roda uma fita larga de côr duvidosa, que atraz fazia um laço com pontas pendentes bem compridas; na frente tinha um rabo de gallo muito espetado e, a um lado, uma flor deçerto muito rara, que pelo menos não era do meu conhecimento. Ora aqui está uma das elegantes de Timor. As outras também se vestem pelo mesmo figurino. São taes quaes uns homens que no entrudo se vestem de mulher, pasma-se para aquelles "presépios", são impagáveis. [58]

A partir destes temas marcados por uma sátira social e culturalmente datada, não se pense que o *Diário* pouco alimenta a investigação histórica e social dos nossos dias. Pelo contrário, para além de texto paradigmático de uma certa forma de relacionamento entre as elites sociais portuguesas e as «suas» colónias mais longínquas, o texto oferece informações relevantes que importam na reconstrução a fazer da história colonial de Timor. Entre a colecção de apontamentos interessantes não deixe de se incluir a pormenorizada descrição de uma dessas cerimónias de vassalagem de um rei local, neste caso de Laleia, à soberania portuguesa. Trata-se de uma descrição demorada que, viva e rica em anotações históricas e etnográficas, muito deve ter impressionado a autora deste *Diário* que catalogou este episódio como um dos mais relevantes testemunhados em Timor, quebrando mesmo as desinteressantes rotinas da monótona vida colonial local:

> Até ao dia d'hoje não se passou nada que mereça menção. Hoje sim, prestou juramento ao rei de Portugal, Sr. D. Luíz I, o rei de Laleia, D. Manuel Caetano Delgado Ximenes. Trouxe de presente ao Governador 4 búfalos, 2 carneiros, 1 porco, 20 galinhas e 4 paus de cera. O Tio Bento também o presenteou com canipo e genebra em grande porção, lenços e quatro pannos (o que elles usam para se embrulharem); são estes os presentes que elles mais gostam. O rei vinha acompanhado por toda a sua gente e mais atraz vinha um rancho composto de mulheres e homens vestidos d'um modo muito extravagante. As mulheres com uns panos de differentes cores atados na cintura e uns outros por cima, atados por baixo dos braços,

cahindo até quási aos joelhos. Nos braços traziam pulseiras, e na cabeça uns lenços de cores vivas postos na testa, deixando ver atraz os cabelos que estavam semeados de flores. Traziam uns tambores pequenos pendurados ao pescoço. Esquecia-me de dizer que cada uma trazia 3 ou 4 lenços pregados nas costas, mas cada um de sua cor, uns amarelos, outros encarnados, etc., etc. Os homens, pequenos quási todos, de tanga e com uns pannos encarnados, postos pelos ombros e traçados no peito. Usam os cabelos muito crescidos e como estes são muito crespos, faz-lhes uma cafurina enorme. Alguns traziam também uma espécie de turbante encarnado na cabeça e outros muitíssimas penas muito compridas espetadas nos cabellos. Muitas pulseiras nas pernas e braços. Todos traziam nas mãos umas espadas pequenas ou faccas de matto, excepto dois, que traziam numa mão uma espécie de tampa de panela e na outra uma baqueta de pau; eram os músicos. Logo que chegaram, começaram a saltar e a dar gritos selvagens, depois formaram-se a dois e dois. Os músicos principiaram a batter desalmadamente nas taes tampas de panella, como eu lhes chamo, mas elles dão-lhes o nome de Samegon. Começou então uma dança que se chama Tabé-dai e que era, como se esperava, uma dança selvagem; isto durou seguramente uma hora. Entretanto o rei prestava juramento perante o Governador, todas as authoridades principais dos reinos, etc. Finda a cerimónia, passaram todos à casa de jantar onde houve beberete. Fizeram uma saúde a El-Rei; ao povo também se deu canipo, bebida que elles muito gostam, e que é feita com suco de canna e outros ingredientes. Deve ser péssima. [61]

Somam-se à descrição destes eventos políticos tão importantes como simbólicos, muitos apontamentos «menores» que, estudados com alguma atenção, permitem inventariar aspectos interessantes da história social e económica do Timor colonial. É o que ocorre com os diferentes dados económicos sobre o território que se espalham pelas páginas do *Diário*, como, por exemplo, aqueles que interessam para uma história dos preços que nunca foi feita, muito menos aproximada:

Hontem tivemos uma distracção; à tarde o Bento e Fontes compraram uns cavalinhos muito novos e que não foram ainda montados, foi um divertimento. O cavallinho do Bento custou 4500! Foi mais barato que um casal de perus que hontem também comprámos; custou 5000 rs, tem graça. [55]

Outras notas remetem para a recorrente situação financeira tão difícil quanto deficitária da administração colonial portuguesa de Timor («Para infelicidade do Tio Bento perdeu-se um vapor da

Companhia Hollandeza, o "Banda", que tocava sempre aqui e que trazia bastantes coisas que rendiam bastante dinheiro para o cofre; mas como não chegou, o dinheiro não entrou, de sorte que estão muito em baixo os fundos. Receia-se que não chegue para fazer os pagamentos d'este mês» [51]), sublinhando-se, por vezes, em contraste, as pequenas realizações económicas que, proporcionando algum desafogo momentâneo, faziam acreditar já na bondade dos rendimentos alfandegários já na perspectiva mais optimista de uma colónia, afinal, «viável», pobre apenas na mobilização colonial e na enorme distância do governo central:

> Este mez que findou correu menos mal tanto com respeito ao estado sanitário como pecuniário. A população de Dilly é de 3.500 almas e em todo este mez houve poucos óbitos, a alfândega rendeu pouco mais ou menos 4.000$000rs, o que não é mau. Se assim fosse sempre, era bem bom. Espera-se agora, n'este mez, outro vapor, ainda bem; já porque nos traz noticias, mas também porque anima o comércio. Estamos a 3.000 e tantas léguas de Lisboa! Esta distância é assustadora. [62]

Recorde-se que a actividade económica colonial era em Timor Leste extremamente limitada e incipiente, desconhecendo-se qualquer investimento industrial e entregando o comércio urbano, muito longe dos bazares populares, a alguns negociantes chineses, vindos da Indonésia ou de Macau. Restava quase a produção do café que, à imitação de Java, havia sido introduzido por volta de 1815 pelo governador Pinto Alcoforado para, rapidamente, se tornar o mais importante rendimento económico de larga projecção social na criação de grupos locais de pequenos e médios «empresários» agrícolas[12]. Infelizmente, o breve governo do Major Bento da França teve de enfrentar uma conjuntura depressiva na produção cafeeira, situação que o *Diário* aponta, anotando que

> Este anno o negócio do caffé está muito em baixo para infelicidade nossa, dizem-me que todos os annos por este tempo já aqui estavam alguns navios mas este anno, ainda nem um só cá appareceu. [55]

---

[12] CLARENCE-SMITH, W. G., *Fazendeiros e pequenos proprietários no território português de Timor no século XIX e XX*, in «Encontros», 3 (1998), pp. 41-50.

Os problemas económicos e os défices financeiros tinham consequências penosas sobre a apertada «comunidade» colonial portuguesa, incluindo a família do governador. Ontem como hoje, apesar da pobreza económica e social de Timor Leste, a vida era cara, sendo difícil e dispendioso comprar mesmo os produtos mais correntes de uma economia doméstica suficiente:

> A vida aqui é muito cara, custa tudo um dinheirão. Aqui não se encontra nada, há a maior difficuldade em obter qualquer coisa pois é preciso mandar vir tudo de Macau ou dos outros portos mais próximos. E como aqui tocam pouquíssimos vapores, 1 por mês, leva-se 6 meses primeiro que se consiga ter o que se deseja. É triste. Agora espera-se um vapor extraordinário mas ainda não appareceu, já estou com medo que elle não ponha cá o pé. [51-52]

Neste contexto de dificuldades dramáticas, estendendo-se das condições sanitárias a essas outras igualmente graves condições financeiras, o conforto social torna-se praticamente impossível, tanto pela limitada presença de quadros superiores quanto pela péssima qualidade dos soldados e outros agentes coloniais que, incluindo «Os officiais, salvo 2 ou 3, são muito pulhas em todos os sentidos. Assim é impossível ter-se Colónias [53]». A estabilidade e o conforto sociais procuram-se quase exclusivamente no seio da família extensa e celebram-se nos espaços da religiosidade, mesmo quando as limitações financeiras da administração colonial penalizam a elevação da festa:

> Hontem foi o dia de Corpo de Deus, houve aqui grande festa, realmente uma festa bonita, muito decente. Em Lisbôa ninguém imaginaria que aqui houvesse uma festa tão boa. A Igreja é bonitinha e estava hontem muito bem arranjada, mesmo bonita. Os frontais dos altares são lindos, encarnados bordados a prata e o desenho representa espigas de trigo, parras e cachos d'uvas, lindamente bordados (estes frontaes pertencem aos missionários). Às 10 ½ começou a missa de festa acompanhada a orgão pelo chefe da alfândega Lassi e cantada pelo Padre Medeiros (chefe da Missão) e seus pupillos; correu tudo admiravelmente. Houve um sermão muito bem pregado pelo padre Alves, homem muito intelligente e instruído, fallou muito bem. A Igreja estava quási cheia de gente, todos os officiais e empregados públicos e gente do povo. Gostei immenso. À tarde houve procissão, só o páleo; acompanharam-na Tio Bento, Bento, todos os officiais, empregados públicos e as forças militares.

À sahida houve uma salva de 21 tiros; devia haver duas, mas não poude ser por falta de pólvora. [57]

Da crónica histórica à História da Família

Esta colecção de temas e apontamentos trata de perspectivar o *Diário* como um texto que se organiza entre a crónica histórica, que não é, e a história, quase o álbum, familiar que procura perpetuar. Apesar desta instabilidade, assinalada já nas descontinuidades da sua escrita, descobrem-se reflexões que informam apontamentos com interesse para uma crónica histórica, como os que recordam espaços e problemas da história da presença portuguesa no Sudeste Asiático, de Singapura a Malaca («estava bastante gente, quási todos malaquianos (de malaca) todos se dizem portugueses e concorrem com o que podem para os melhoramentos da nossa Igreja» [3]), de Java às Flores, ou os temas e acontecimentos que esclarecem as condições de complicado exercício da soberania na metade oriental da ilha de Timor. Algumas notas do *Diário* procuram até reflectir panoramicamente esta presença enquanto parte, menor e limitada, da ordem do colonialismo europeu: «Antes d'hontem fui ver um forte; não é coisa nenhuma extraordinária, é bem pequeno, mas está tudo na ordem, como tudo o que pertence aos inglezes. São os primeiros para estas coizas (collónias); onde eles poem o pé deixam signal». Recensear toda esta constelação de dados, temas e reflexões justifica a publicação deste texto e a sua oferta enquanto também investigação. São, com efeito, muitas as pistas que interessa estudar nesta obra, como aquelas que recordam a própria aventura europeia da «descoberta» científica do Sudeste Asiático, como o fazia esse investigador importante, Henry Forbes, naturalista e etnógrafo renomado[13], com-

[13] A sua obra mais conhecida e importante é o volumoso estudo FORBES, Henry O., *A Naturalist's wonderings in the Eastern Archipelago: A Narrative of Travel and Exploration from 1878 to 1883*, New York, Harper & Brothers, 1885. A sua investigação dedicou também alguns artigos à ilha de Timor, como é o caso de FORBES, Henry O., *On some of the tribes of the island of Timor*, in «Journal of the Anthropological Institute», London, 13 (1883), pp. 402-430. Sublinhe-se em qualquer destes trabalhos que é precisamente a data de 1883, quando se escreve parte do *Diário*, que assiste à edição pública destes estudos.

panheiro de viagem e, depois, de correspondências de Maria Isabel Tamagnini:

> Um instante depois entraram Mr. e Mrs. Forbes. Vinham fazer as suas despedidas. São boas pessoas e eu gosto bastante d'ellas, mas confesso que quando os vi apparecer cahiu-me a alma aos pés. Elles não se queriam demorar porque, viam que todos nós estávamos nos ares, mas a mamã tanto lhes pediu que ficassem que elles não encontraram outro remédio senão ficar. O mais bonito é que todos se safaram e eu é que tive que fazer sala e a conversa; só não sabia o que lhes havia de dizer, tinha a cabeça pelos ares. [...] Hontem tivemos noticias dos Forbes pelo piloto que trouxe aqui o "D. João". Já estão em Timor "Laut"; ella mandou-me um d'estes bilhetes de bôas festas e à Magdalena uns livros inglezes e umas poucas de músicas para cantar, com isto veio também uma carta muito amável. [46-47 e 56]

Apesar do convívio com Henry Forbes e a sua esposa sublinhar mais a cordialidade da sociabilidade e menos a sua obra científica, apesar de sempre presente («Tive um presente de Mr. Forbes, um pássaro lindo da Nova Guine, chama-se Pássaro do Paraíso. Está muito bem embalsamado» [43]), mas «etnograficamente» interrogada com essa satírica referência à sua «cobardia» em visitar as Flores («Em Fevereiro attacaram o convento onde vivem os missionários e mataram 3 homens. O seu maior gosto é de cortar cabeças aos brancos; agora estão mais sossegados. Mr. Forbes tencionava visitar o interior da ilha, mas visto o exposto mudou de ideias» [42]), o *Diário* testemunha momentos fundacionais da história natural e da etnografia da Indonésia oriental. Isso mesmo se regista no deslumbrado apontamento que Maria Isabel Tamagnini dedica a um dos pioneiros da etnografia da Nova-Guiné, o cientista russo N. Maclay-Mikloucho[14], quase perdido «descobridor» da grande ilha «primitiva», antes ainda da sua exploração alemã, a partir de 1884:

> Está aqui hospedado um naturalista bastante notável, Visconde de Maclay (russo), que tem viajado immenso. Já esteve em Timor e como soube que nós vamos para lá, veio nos procurar para nos dar

[14] MIKLOUCHO-Maclay, N., *New Guinea Diaries, 1871-1883*, Madang, Kristen Press, 1975.

> algumas informações. Há uns dias que está innanimmado com bastante febre, hoje está melhor; o crescimento foi mais pequeno. Viveu uns poucos d'annos nos desertos da Nova Guiné. Na Europa ninguém sabia notícias d'elle, de sorte que o governo mandou sahir um navio expressamente para o procurar e que finalmente o encontrou n'aquellas paragens. Os indígenas não lhe faziam mal nenhum, antes pelo contrário gostaram muito d'elle tinham-no por um semi deus. Agora vae à Europa ver os parentes e depois volta outra vez para estes lados, diz que alli há muito frio, é um ratão.

Estas passagens do *Diário* colaboram mesmo no esclarecimento das condições de produção científica destes investigadores habituados a casar uma espécie de sociabilidade elitária, da viagem ao convívio, com uma actividade de pesquisa permanentemente ancorada à aventura da descoberta exótica depois vazada em obra literária de gosto memorial. Percebe-se mesmo que este tipo de prática científico-literária persegue a recreação de um auditório elevado e culto, precisamente aquele capaz de consumir a obra escrita ou a palestra falada:

> Hoje já cá esteve o Visconde Maclay; falla pelos cotovellos, entrettem immenso pois tem sempre muitas histórias interessantes para contar. Coittado, está mesmo abattido; as febres que apanhou nos desertos não o deixam. Hontem ainda teve um grande crescimento. [14]

O interesse destas variadas informações e apontamentos é importante, estendendo-se do testemunho cronológico à anotação factual, permitindo recuperar actividades, acontecimentos e personalidades. Trata mesmo de as colocar no seu tempo, humanizando tanto a obra científica pioneira como os esforços dramáticos das administrações coloniais europeias nos espaços insulares mais longínquos do arquipélago malaio-indonésio. Nada disto obsta, porém, que se deva reconhecer ser o *Diário* principalmente um texto que interessa à história da família e à história de uma família concreta invadida nos seus problemas, gostos, aspirações e actividades. A escrita do *Diário* depende estreitamente desta história familiar e das suas vicissitudes, mesmo aquelas mais dramáticas, obrigando o texto, depois de uma longa desistência, a reabrir-se para registar em Díli, a 6 de Janeiro de 1883, Dia de Reis:

> Há quanto tempo aquí não escrevo! De então para cá quantas apoquentações temos sofrido! Até Novembro não tivemos desgostos, mas depois que afflicção; a nossa querida Maria Anna, coitadinha, tão engraçada, boazinha e tão querida para todos nós, deixou-nos no dia 8 desse mez, após prolongado e doloroso sofrimento, víctima d'uma anemia palustre, proveniente das febres. Tivemos um desgosto enorme e conservamos verdadeira saudade. Sei que é feliz, que está no Céu, mas muito nos custou a sua morte. [62-63]

Registo sobretudo familiar de uma família que, entre 1882 e 1883, se viu arrastada, entre esperança e exílio, a viver no Timor colonial português, esta edição apenas se pode fazer seguindo as lições do depositário quase «dinástico» deste texto manuscrito: a introdução e as notas do Embaixador António Pinto da França são absolutamente indispensáveis para que se possa ler e compreender este *Diário* que agora se preferiu (re)intitular *de uma Viagem a Timor*.

A Edição

Edita-se, assim, este *Diário* que, originalmente, se apresentava, seguindo o gosto e as noções da época, como o *Diário de uma Viagem ao Extremo Oriente,* respeitando o texto original, mantendo a sua organização e ortografia. Entendeu-se apenas modernizar a pontuação periódica e final, tentando facilitar a leitura e a ordem textual. As faltas e ilegibilidades, raras, da redacção original assinalaram-se entre parêntesis rectos [ ]. O texto publica-se antecedido pela introdução que, em 1983, o Embaixador António Pinto da França escreveu para facilitar a circulação familiar que, nessa altura, quis emprestar ao *Diário.* São também da sua responsabilidade a leitura do manuscrito original, os créditos fotográficos e as notas que esclarecem figuras, lugares e alguns dos temas fixados pela prosa jovem e tantas vezes divertida de Maria Isabel Tamagnini.

Ivo Carneiro de Sousa
(Lisboa-Porto, Agosto/Setembro de 2002)

INTRODUÇÃO

Por António d'Oliveira Pinto da França

— * —

A autora deste diário, MARIA ISABEL D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA, nasceu em 13.IV.1861 em casa dos seus Avós maternos, no Palácio Salema, a São Pedro de Alcântara, demolido já neste século. Era filha segunda de Salvador d'Oliveira Pinto da França e de Maria Bernardina da Gama Lobo Salema de Saldanha e Sousa. Seu Pai, oficial do Estado Maior, morreria cinco anos depois, a 20.IV.1866, quando tinha apenas 44 anos embora ocupasse já a pasta dos Negócios da Guerra num dos governos do Duque de Saldanha. Deste casamento haviam nascido, além de Maria Isabel, Bento, o primogénito, Manuel e Salvador.

Um ano depois de enviuvar, sua Mãe voltou a casar-se com o cunhado, Bento da França Pinto d'Oliveira, oficial de cavalaria. Entre eles teria existido acesa paixão de juventude. Esses amores foram firmemente contrariados pelos Salemas acérrimos miguelistas, que não desejariam ver entrar na família um membro de uma família conhecida pelo seu esforçado liberalismo, ideologia tida em horror pelos conservadores para quem os seus seguidores eram perigosos radicais, inimigos de Deus e do Trono. Para além disso, Bento da França era filho terceiro, logo sem herança à vista e para mais teria fama de ser algo boêmio. Seja como for, a oposição dos Salemas foi vigorosa e levou-os a encerrar Maria Bernardina na Quinta do Gru ou do Salema situada no Seixal. Era uma encantadora quinta de recreio que estava na Casa desde Paulo da Gama, de quem os Salemas guardavam a varonia e a representação. Gerações depois, ainda se contava e bisbilhotava na família que Bento da França atravessava o rio disfarçado e vinha de bote pelo braço do Tejo, onde a Quinta se

anicha entra altos muros, para ver a sua amada por uma janela de grades. O episódio impressionou os povos das redondezas porque passaram a referir-se à propriedade como a Quinta da Fidalga, nome actual, que ficou a recordar a clausura romântica de uma adolescente loura, bonita e teimosa. Teimosa, porque, quando Bento desistiu e partiu para África, Maria Bernardina obrigou os seus, não se sabe como, a aceitar o outro irmão, Salvador que também era filho segundo e liberal. Talvez fosse menos boêmio e se anunciasse de futuro brilhante, como os tempos provaram. O certo é que os Salemas engoliram assim dois Franças, em vez de um só. E foram fecundos! Do segundo casamento, Maria Bernardina teve, um logo a seguir ao outro, mais sete Franças - Maria José, Luís, António, Henrique, Maria Bernardina, Maria Rita e Maria Ana.

A situação financeira deste numeroso agregado não devia ser nada brilhante. A imensa fortuna Salema passara inteirinha, no derradeiro ano dos morgadios, para António, único irmão de Maria Bernardina. Esta terá herdado a terça, alguns móveis e jóias, para além do dote.

Pelo lado França, o morgadio dos Condes da Fonte-Nova, que aliás não dava rendimentos chorudos, fora parar às mãos do Luís Paulino, o irmão mais velho de Salvador e Bento. Na casa dos vinte, Salvador herdara de sua tia e madrinha, Maria Francisca Pinto da Franca, o engenho de Aramaré, no Recôncavo baiano, uma multidão de escravos e o sobrado ao campo de São Pedro, em São Salvador. Deslocou-se prestemente à Bahia e vendeu o engenho, os escravos e o sobrado.

Assim, as exigências da criação da numerosa prole devem ter ido obrigando ao esbulho dos bens que haviam cabido a Maria Bernardina e a Salvador, já que os soldos e vencimentos, primeiro deste e depois de Bento, como é próprio e crónico do funcionalismo nacional, seriam insuficientes para manter minimamente o "status" da Família.

Viviam num andar do Palácio Salema e no Verão iam de barco passar uns meses para a Quinta da Fidalga com os onze primos do lado Salema. Nesta primeira fase as dificuldades económicas ainda não eram graves, Maria Isabel teve em casa bons mestres, aprendeu bem literatura e línguas. Era uma personalidade forte, inteligente, muito observadora e, como sempre

demonstrou pelos anos adiante, interessada pela vida de espírito, pela cultura.

A situação financeira ter-se-á agravado progressivamente. Não admira que Bento da França tivesse mexido céus e terra para encontrar uma saída. E a saída foi a nomeação para o Governo de Timor. Eram cargos que em condições normais permitiam fazer bom dinheiro. E a situação devia ser tão dura que Bento não hesitou perante todos os riscos que envolvia uma tal viagem e, em princípios de 1882, embarcou com quase toda a Família para as arriscadas paragens de Timor. As condições de saúde eram as piores possíveis e a segurança deixava muito a desejar, conhecido que era o secular estado de rebeldia das populações, isto para não falar nos sérios perigos de naufrágio numa viagem tão longa.

Para seu enteado Bento, que completara a Escola de Guerra com altas classificações e que se casara em Janeiro desse mesmo ano, obteve a nomeação para o cargo de Secretário do Governo de Díli. Maria Isabel tinha vinte anos e a necessidade de estudos não a impedia de partir ao contrário dos outros dois enteados - Manuel com 19 anos e Salvador com 18 - que ficaram em Lisboa. Os sete filhos, então entre os 14 e os 2 anos, esses embarcaram todos. Ao grupo juntou-se ainda Jacinta, a velha Governanta da Família e um tal Fontes que ia servir como ajudante de campo.

Por Gibraltar, Suez, Singapura, Batávia lá foram navegando, com transbordo em Gibraltar, Singapura e Batávia, e estadias de vários dias nestas cidades. Durou cerca de três meses esta aventura.

Mas as coisas não correram bem em Timor. As febres palustres atacaram constantemente toda a família e acabaram por dizimar Henrique, com 10 anos, e Maria Ana com 3. O Governador de Timor dependia do Governador de Macau e o facto de, já depois da partida, terem nomeado para ali um oficial mais moderno que Bento França, envenenou as relações entre ambos desde o início. Diversas circunstâncias externas contribuíram para que esses fossem maus anos para o café, a principal riqueza da ilha.

Todas essas circunstâncias concorreram para que Bento França decidisse regressar a Portugal um ano depois de ter assumido o Governo da Colónia distante.

O regresso foi idêntico à viagem de ida, com a novidade de Menado no norte de Sulawesi, Colombo, a costa ocidental de Itália e Marselha onde tomaram o expresso para Santa Apolónia.

Segundo nos conta, Maria Isabel havia prometido à partida, a seus primos e amigos, que registaria cuidadosamente os diversos incidentes da viagem por certo ainda tida por incrivelmente exótica.

Cumpriu a promessa e fê-lo com notável espírito de observação e muita sensibilidade. É evidente que a prosa reflecte a ingenuidade de uma rapariguinha de 21 anos, mas não deixa por isso de constituir uma leitura cheia de surpresas, num estilo vigoroso carregado de um senso de humor peculiar.

Há um misto de ambiente de Júlio Verne e de Condessa de Segur. Maria Isabel manifesta sentimentos, exprime sensibilidades próprias de uma rapariga do século XIX, saída da aristocracia e poderia servir de modelo a uma heroína da Segur. Mas há mais. São experiências do quotidiano no mundo exótico do Sudeste Asiático a actuar sobre uma portuguesa adolescente criada numa atmosfera de marialvismo. Acorda a bela adormecida! Que bem fadada nascera para compreender e sentir o mundo largo! Talvez a tivessem preparado as distantes raízes baianas e o espírito liberal dos Seus, que sempre servia de antídoto ao marialvismo que rodeara a sua infância. Claro que o texto se ressente da postura bem característica do europeu do século XIX, ou seja olhar outros mundos, mesmo o oriental, de cima para baixo, como uma curiosidade exótica, como um "divertissement".

Claro que, para além da sua frescura, da gama variada das suas informações, do exótico do tema, este texto tem acima de tudo interesse para os descendentes dos figurantes desta aventura de uma família portuguesa em paragens tão longínquas. Tais andanças estavam, então, sobretudo reservadas aos homens.

A 3ª geração que ler este Diário saboreará, ainda, o reencontro com expressões e termos de sua infância talvez já esquecidos. É que cada Família, como cada grupo social, tem a sua terminologia favorita. Quantas palavras não surgem constantemente no texto, lembrando o falar dos Avós dessa terceira geração e algumas haverá que continuam em uso restrito dos variados netos que nem sabem nem estão conscientes da sua origem.

Quatro anos após o regresso do Oriente, a 8.1.1887, Maria Isabel casaria com Fernando Tamagnini de Abreu e Silva. Além de oficial de cavalaria, era um humanista de vasta cultura. Escreveu muito e bem. Fez uma carreira brilhante e foi ele o General escolhido para comandar as tropas portuguesas na Grande Guerra.

Das cartas entre eles, das referências que se fazem um ao outro em muitos papéis, emerge uma profunda intimidade espiritual, uma exemplar "amitié amoureuse".

Não tiveram filhos e por isso se debruçaram dedicadamente sobre os muitos sobrinhos de Maria Isabel. Todos eles foram marcados por esses Tios e alguns sofreram a sua benéfica influência intelectual, numa casa recheada de livros e ideias.

Fernando Tamagnini morreria a 23.XI.1924. Maria Isabel tinha à frente uma longa viuvez. Lúcida e enérgica até ao fim, viria a morrer aos oitenta e oito anos, a 13 de Dezembro de 1949.

Foram anos fecundos. A sua casa tornou-se cada vez mais o centro de encontro da grande família.[1] *As características desse período perduraram no tempo e contribuíram por certo para marcar a intimidade e uma certa uniformidade, na diversidade, que ainda hoje persiste entre os sobrinhos netos. É que aquela Casa constituiu uma escola de vida e tradição para os sobrinhos da terceira geração, tão variados.*

Corriam-se os longos corredores, descobriam-se primeiro, objectos misteriosos e depois livros! Como se recordará o cheiro bom e perturbante desses livros antigos. Abria-se a estante de vidro quedavamo-nos a olhar aquelas lombadas coloridas e douradas, a decifrar títulos que, quanto mais incompreensíveis, mais atraíam. Os primeiros livros retirados das estantes eram verdadeiras charadas. Fugia-se para um canto recolhido e ficava-se a decifrar o mistério que eles encerravam. Quando uma ideia

---

1 Entre os protagonistas desta viagem ao Extremo Oriente, os seus Irmãos Bento e António e as suas irmãs Maria José, Maria Rita e Maria Bernardina deram-lhe 19 sobrinhos direitos e uma multidão de 57 sobrinhos netos. Para além dos Pinto da França havia os Sommer, os Salemas, os Falcão Trigoso, os Perestrellos.

ou uma gravura exerciam sobre nós uma sedução mais forte cujo sentido nos escapava, vinha-se junto à Tia pedir que nos explicasse o que não entendíamos. Não gostava que levássemos os livros para casa, devíamos "bebê-los" junto à "fonte", que era ela.

Ouviam-se histórias antigas e discussões actuais. A Tia gostava de narrar histórias de Família. Impressionava-nos muito ouvir contar de como a nossa Visavó fora corajosa, quando levou uma mensagem dentro de uma pescada, aos companheiros do Duque de Saldanha que, nas reviravoltas do século XIX, se encontravam numa prisão de nome esquisito. Assustava-nos escutar que na noite, hora e minuto em que morrera em Aveiro, o nosso Visavô, a Tia, sentada naquela mesma cadeira vira, por aquela mesma porta entreaberta, no corredor tão escuro como nesse momento, passar o capote dele.

Mas a Tia gostava sobretudo de falar dos antepassados mais distantes e acima de tudo do grande Luís Paulino. Parecia identificar-se com a sua bravura, com aquela intensa perseverança que o marcava, tanto como a sua fidelidade ao culto da qualidade e o espírito de sacrifício sem fronteiras. Insinuava-se em nós todos o jogo paradoxal da qualidade-ambição, ambição-qualidade. Grandeza, gigantes, para nós, pequenos e maravilhados! A magia!

A guerra devastava a Europa, que nos parecia tão distante. Escutava-se a rádio entronizada a um canto. Seguíamos confusamente as discussões que dividiam as Tias Maiores em anglófilas e germanófilas. Eram sugestões de mapas de batalhas, de avanços e retiradas, nomes saborosos, bombas cintilantes.

Conheciam-se primos que chegavam de terras distantes - de Moçambique, da Índia, do Brasil - parentes afastados, figuras hieráticas que vinham de idades remotas e eram recebidas no grande salão sombrio e silencioso. Passavam-se horas à roda da mesa da braseira, na salinha alegre, a ouvir as Tias Avós a cavaquear todas as 4ª feiras, após almoços que se prolongavam pela tarde adiante, marcada pelo chá às sobrinhas direitas que os maridos vinham buscar ao fim da tarde.

Dormia-se às vezes, privilégio ansiosamente cobiçado, no escritório do cofre e da pele de leão, num "burro" de campanha que se contava ter servido ao Tio Fernando na Grande Guerra. Exercitávamo-nos na arte rara de caturrar, de contar histórias

picarescas, pelo entrudo recebíamos lições de "carnavalar" e aprendíamos as brejeirices permitidas e tão do gosto dessas Tias patriarcais, que delas se serviam para exorcizar a vida.

Por detrás de tudo isto estava a Tia Maria Isabel que, por autoridade genuina, por inteligência, espírito, bom senso e cultura, se foi aos poucos impondo, tornando-se o Chefe natural do clan, sem nunca oprimir. Todos a procuravam. Confessavam-se, pediam ajuda e conselho. Foi cimento de unidade!

Contavam-se muitas histórias da Tia Maria Isabel e nelas se reflectia a ternura dos sobrinhos, mesmo quando se focavam as sua fraquezas. Recordo algumas dessas histórias.

Era proverbial a sua obsessão pela economia, que bem se detecta nas páginas deste diário. Murmurava-se da austeridade dos seus repastos. O meu Pai e o Tio Diogo Salema eram dois dos sobrinhos que, enquanto estudantes, tinham almoços regulares em casa da Tia. E ela perguntava sempre, antes da sobremesa, "e como querem o ovo?". Um dia o Tio Diogo ripostou de supetão: "estrelados, Tia, estrelados!"

Quando saía de casa, para visitar algum sobrinho, dizia-se que metia na carteira 500 escudos para o presente. No fundo da escada, pensava que talvez fosse exagerado o montante e retirava 100, no táxi considerava que não podia contribuir para desenvolver hábitos de dissipação e retirava outros 100, à porta de casa do sobrinho meditava sobre a prudência a haver com dinheiros e subtraía mais 100. Enfim, ao entregar o envelope, o presente estava reduzido a 50 escudos.

Voluntariosa, caturra a mais não poder ser. Ninguém a convenceu a mostrar um furúnculo no rabo, ao médico que a veio ver. Mandou buscar a fruteira e foi num pêssego que ela explicou os seus males.

Gostava de hesitar. Dizia-se que um dos seus exercícios preferidos de hesitação era o da escolha entra as duas casas de banho da casa. Insinuava-se que as demoras na opção foram a causa de um volvo que a afligiu.

Tinha grande preocupação pela forma e pela qualidade. Convidou uma vez uma das irmãs mais novas para irem ao cinema. Quando a Tia Maria Bernardina Perestrello, que era estouvada e inovadora, lhe apareceu sem chapéu, disse-lhe logo: "então a 'menina' («nuances» da hierarquia; ela era sempre a

Mana Maria Isabel enquanto às irmãs as tratava de 'meninas') quer sair comigo nesse preparo? Fique sabendo que não me vou sujeitar a tal vexame!". E toda a tarde, no eléctrico, no cinema, ignorou-a sempre, foi como se não a conhecesse.

E, contudo, foi sempre tolerante e cultivou apaixonadamente o humor. Deixava-nos a impressão de uma ironia leve, feita de um ameno prazer de amar a vida, as pessoas e as coisas.

Repetidas vezes ouvi contar de quando num grande almoço de família, ela, que sempre dirigia a conversa, deixou cair devagar: "tenho uma história deliciosa a contar-lhes ... espera, deixa ver se faço gaffe...". Esperou um pouco, olhou demoradamente em torno da mesa e cortou: "imaginem, e é que fazia mesmo!".

Sempre que se fazia um silêncio, a Tia apreciava prolongá-lo, saborear o embaraço dos outros, perguntando metodicamente: "E agora, de que havemos de conversar?"

A Tia nunca foi bonita. Cara comprida, olhos de um cinzento azulado. Era muito alta e vasta, a pele tinha um engelhado bonito como um mapa finamente desenhado. O peito era altaneiro e nele repousava o lorignon encastoado a ouro e um medalhão em onix a servir de fundo a uma cruz de pérolas, medalhão que se abria - oh maravilha - para nos mostrar as fotografias dos escolhidos. As mãos poderosas eram cobertas de sardas. A voz levemente rouca contribuía para um maior encanto. Movia-se devagar e com muita firmeza.

Morreu rodeada de todos, acompanhada, acarinhada. Foi uma doença longa e nos últimos dias ficou cega, apesar de sempre lúcida até ao fim.

Eu tinha 14 anos e era a primeira vez que vivia a morte. Recordo bem esses dias, que foram para mim um misto de angústia e fascínio.

Numa tarde de inverno soalheira, depois do almoço, uma das Tias velhas veio dizer-nos que a Tia Maria Isabel chamava pelo meu Pai e por mim. Senti-me muito importante, mas tive medo.

Não havia mais ninguém no quarto. Lembra-me do sol a bater no soalho brilhante e de ver no espelho do guarda roupa a imagem da grande cama de mogno, daqueles olhos azuis da Tia, já parados pela cegueira. Ficámos de pé, um de cada lado

da cama. A Tia procurou as nossas mãos e, numa voz calma, firme e clara, disse-nos que ia morrer, mas que antes disso nos queria pedir que nunca esquecêssemos de honrar o nome e a tradição que representávamos.

Achei tudo aquilo estranho, tanto mais que acabava de almoçar no nosso apartamento moderno, no meio da barulhada dos meus irmãos pequenos. E, contudo, aquele momento fora tão natural, tão autêntico, como se estivesse para além das pequenas vaidades ou de maneirismos de uma época. Ficara-me uma confusa impressão de força e serenidade. Nessa noite, a Tia Isabel morreu, sem eu a ter voltado a ver.

— * —

Em Abril deste ano [1983], telefonou-me a Tia Maria Bernardina Mariano de Carvalho. Que andara a remexer numas papeladas e que encontrara uma pasta que ficara à sua Mãe por morte da Tia Maria Isabel. Que lhe pareciam orações, versos e receitas, copiados pela Tia. Que, como eu achava graça a essas coisas, me ia mandar a pasta. A Tia Maria Rita Trigoso era a irmã mais nova, tinha uma adoração pela "Mana Maria Isabel", por altura das partilhas deve ter querido guardar dela uma recordação pessoal e assim se terá quedado com a pasta.

Quando abri o embrulho, lembrei-me, claramente, de ver aquela pasta, castanha e gasta, arrumada entre caixas de bolachas, no grande guarda-fato da Tia Maria Isabel, que era tão excitante abrir e pesquisar.

Encontrei as orações, versos e receitas, mas encontrei também 4 caderninhos de dimensões diversas, ora escritos a negro ora a vermelho. Ao lê-los descobri que eram o relato da "viagem ao Extremo Oriente" a que sempre ouvira vagas referências.

Como é que nunca me compenetrara que para chegar a Timor todos eles teriam tido que atravessar a minha amada Indonésia? Ali estavam eles todos naquele mundo que revolucionou a minha vida interior.

Fechava-se um círculo misterioso.

Ao preparar cuidadosamente a divulgação deste texto entre a minha Família, eu servi dois intentos e ao fazê-lo dei vida a fantasmas.

Aproximei a Indonésia ainda mais de mim, passei a partilhá-la com os Meus.

Rendi homenagem à Tia Maria Isabel, retribui o amor à influência benéfica que dela recebi.

Pena é que tenha desaparecido o primeiro caderno que por certo relatava a viagem de Lisboa a Singapura. Sendo assim, mergulha-se de imediato na Ásia.

— * —

Quando dei a conhecer aos meus Primos este texto, foi divertido ver que cada um deles guardava desta histórica viagem familiar uma versão mais ou menos longa, cada uma à sua maneira, conforme o que lhes havia transmitido o respectivo Avô ou Avó.

A mais impressionante reacção foi a da Gé Falcão Trigoso. Confessou-me que desde pequena, a partir do que lhe contara a tia Maria Bernardina Perestrello, se lhe repetia um pesadelo onde via a governanta da família atirada ao Mar Vermelho ainda de olhos abertos por ninguém lhos ter fechado, permanecendo o corpo a meia água, olhos fixos para a luz que a água coava.

Ao ler este diário, enfim, encontrou a paz de espírito. É que a tia Maria Isabel conta-nos estar junto da governanta na hora da morte e ter-lhe caridosamente fechado os olhos ela própria. A Gé garantiu-me que o pesadelo não voltou.

Lisboa, Junho de 1983

António d'Oliveira Pinto da França

Maria Isabel d'Oliveira Pinto da França Tamagnini, autora do Diário, em 9 de Fevereiro de 1882 nas vésperas de embarcar para o Oriente.

LISTA DOS SOBRINHOS DIREITOS E DOS SOBRINHOS-NETOS DE MARIA ISABEL

— ❊ —

*1. Do seu Irmão **Bento***

1.1. Salvador d'Oliveira Pinto da França
Filha:
1.1.1. Maria Madalena Pinto da França Raposo, Condessa da Fonte-Nova

1.2. Maria Amélia Pinto da França Sommer Ribeiro
Filhos:
1.2.1. Bento da França Sommer Ribeiro
1.2.2. Maria Carolina Sommer Ribeiro
1.2.3. José Aleixo Sommer Ribeiro
1.2.4. Madalena Champalimaud
1.2.5. Isabel Rosado
1.2.6. Henrique Sommer Ribeiro

*2. De sua Irmã **Maria José***

2.1. António da Gama Lobo Salema
Filhos:
2.1.1. Lourdes Neuparth
2.1.2. Maria do Pilar Amaral Fernandes
2.1.3. Graça Rocheta
2.1.4. Concha Gabriel Teixeira
2.1.5. António da Gama Lobo Salema
2.1.6. José Maria Salema

2.2. Bento da Gama Lobo Salema
Filhos:
2.2.1. Berta Maria Caldeira do Amaral
2.2.2. Maria José Viterbo
2.2.3. Manuel Marino da Gama Lobo Salema
2.2.4. Teresa Salema

2.3. Manuel da Gama Lobo Salema
Filha:
2.3.1. Isabel Vieira

2.4. Maria Bernardina Salema Reis
Filhos:
2.4.1. Alberto Manuel Salema Reis
2.4.2. Manuel Salema Reis
2.4.3. Maria José Almeida Garrett
2.5. Domingos da Gama Lobo Salema
Filhos:
2.5.1. Maria José Salema
2.5.2. Luísa Maria Baillie
2.5.3. Maria do Rosário de Sousa e Vasconcelos
2.5.4. Manual da Gama Lobo Salema
2.6. Luís Paulino da Gama Lobo Salema
Filhos:
2.6.1. Maria João Sande e Lemos
2.6.2. Luísa Maria de Sousa Coutinho, Marquesa de Penafiel
2.6.3. José Luís da Gama Lobo Salema
2.7. Diogo da Gama Lobo Salema
Filhos:
2.7.1. Diogo Salema
2.7.2. Teresa Salema
2.7.3. José António Salema
2.7.4. Luís Salvador Salema

*3. Do seu Irmão **António***

3.1. Bento da França Pinto d'Oliveira
Filhas:
3.1.1. Carlota Maria Salvador da Silva
3.1.2. Helena Craveiro Lopes
3.2. Maria Rosa Pinto da França Catella
Filhos:
3.2.1. Rui Catella
3.2.2. António Pinto da França Catella
3.2.3. Marta Catella
3.3. Henrique d'Oliveira Pinto da França
Filhos:
3.3.1. António d'Oliveira Pinto da França
3.3.2. Isabel Maria Gaivão
3.3.3. Bento d'Oliveira Pinto da França
3.3.4. Maria Clara Roux

4. De sua Irmã ***Maria Bernardina***

4.1. Maria Bernardina Perestrello
4.2. Maria Eugénia Prestrello
Filha:
4.2.1. Maria Eugénia Pinto Ribeiro
4.3. Sebastião Perestrello e Vasconcelos
Filhos:
4.3.1. João Perestrello
4.3.2. Maria Margarida Ribeiro Ferreira
4.3.3. Bárbara Norton dos Reis
4.3.4. Eduardo Perestrello
4.3.5. Vitória Perestrello
4.4. Maria Isabel Perestrello
4.5. Maria Emília Perestrello Falcão Trigoso
Filha:
4.5.1. Maria José Falcão Trigoso

5. De sua Irmã ***Maria Rita***

5.1. Maria Bernardina Falcão Trigoso Mariano do Carvalho
Filhos:
5.1.1. Maria Rita Louro
5.1.2. Maria Berta Jonet
5.1.3. Carlos Mariano de Carvalho
5.2. Leonardo de Mello Falcão Trigoso
Filhos:
5.2.1. Maria Rosalina Trigoso
5.2.2. José Maria de Mello Falcão Trigoso
5.2.3. Maria Rita Trigoso
5.2.4. Maria da Conceição Trigoso da Cunha

DIÁRIO DE UMA VIAGEM A TIMOR (1882-1883)

Caderno II[1]

SINGAPURA, Março de 1882.

[...] barato, mas do mal o menos. Pouco depois do meio-dia chegaram Bento[2], Fontes e Ribeiro (vice-cônsul) homem de Macau muito agradável e obsequiador; fizeram-se os cumprimentos do estylo e depois começámos a tratar dos nossos negócios; resolveu-se ficarmos aqui 15 dias. Quando as bagagens estavam todas em terra deixámos nós também o vapor que partiu nesse mesmo dia às 5 horas da tarde para Hong-Kong*. Mettemo-nos em três carruagens em direcção ao Hotel Europa onde estamos bem alojados; é um hotel imenso e está cheio de ingleses. Há três mesas redondas, duas muito grandes e uma pequena, que ao jantar estão sempre cheias de gente de differentes Nações, mas a maior parte é de Inglaterra. Assim que aqui chegámos, tratámos logo dos nossos arranjos.

Um bocado depois, tivemos a visita do cônsul, chefe da nossa

---

* P.S. – Tornámos a ver em terra Mr. Cohen e uns outros passageiros. Dissemos imensos adeus, foram para Hong-Kong. Também vinha no nosso vapor um general inglez e um major, ambos muito finos. Fizeram-nos muito boa companhia. Também foram para Honk-Kong.

[1] Perdeu-se o 1º Caderno, onde por certo se narraria a viagem entre Lisboa e Singapura, e também faltam as primeiras linhas deste 2º Caderno, que descreveriam a chegada a Singapura.

[2] Seu irmão mais velho, Bento da França Pinto d'Oliveira Salema, nasceu a 22-11-1859. Casara nas vésperas da partida de Lisboa (7-1-1882) com Madalena Cambrounac Podestá. Era oficial de cavalaria e vinha nomeado como Secretário do Governo de Timor. Viria a ser o 3º Conde da Fonte Nova, lente da Escola do Exército e Ajudante de Campo do Infante D. Augusto.

missão, e de um homem de Gôa aqui estabelecido há vinte anos. Cumprimentos para aqui, cumprimentos para ali, muita conversa, etc., etc.; uns instantes depois outra visita, a mulher do vice-cônsul (também é de Macau). É bem symphatica, esteve uns instantes e acabou por convidar a mamã[3] para ir com ella na sua carruagem dar umas voltas pela cidade; minha mãe não quiz ir, desculpou-se o melhor que poude e disse-lhe que me levasse a mim; fiquei um pouco seccada com esta decisão, mas não tive outro remédio senão mostrar cara alegre; mettemo-nos na carruagem e partimos. Afinal gostei de ter ido, pois o passeio foi realmente bonito; andei só pela cidade, que é edíficada no meio d'um lindo bosque.

Este paíz é lindo, lindo, uma beleza; há uma vegetação brutal, immensas árvores de todas as espécies, flores, fructus, água, etc., etc. As ruas são alamedas longínquas, mas ladeadas por árvores frondosas entre as quais se vêem casas de todos os feitios, igrejas catholicas, protestantes, pagodes chinezes, etc., etc. Vivem aqui muitos inglezes, alemães, alguns franceses e hespanhoes, muitíssimos chinezes ricos e pobres, alguns árabes, judeus, etc.

Depois de termos dado umas poucas de voltas, fomos acabar a tarde para o passeio das elegantes, onde estava bastante gente, mas todos ou de carruagem ou de cavallo e um ou dois homens em velocípedes. É divertido estar ali um bocado pela variedade de gente que se encontra. Vi umas poucas de carruagens pertencentes a ricos chinezes com chinezas bem vestidas (a seu modo) outras árabes e também vi duas judias bem vestidas (mas muito feias) e carregadas de ouro; uma dellas tinha um colar enorme.

Perto das 7 horas da tarde estava em casa, jantámos e findo este fui com Bento, Magdalena[4], Maria José[5] e Fontes dar um passeio; fomos à praia, a noite estava linda, havia luar.

---

[3] Maria Bernardína da Gama Lobo Salema de Saldanha e Sousa, nasceu a 11-VII-1836 e morreu a 6-VIII-1905.

[4] Sua cunhada Madalena Cambournac Podestá n. a 16-VI-1859 e m. a 1-VIII-1940, oriunda de famílias francesas e italianas.

[5] Sua Irmã, Maria José d'Oliveira Pinto da França, 1ª filha do 2º casamento de sua Mãe com o cunhado, n. a 18-III-1868 e m. em 1949. Viria a casar em 28-V-1894 com seu primo co-irmão Manuel da Gama Lobo Salema de Saldanha e Sousa.

Deitámo-nos às 10 horas pouco mais ou menos. Por causa do calor, não põem na cama senão um lençol só; fez uma grande novidade quando nos deitámos, mas não faz falta nenhuma; todas as camas têm cortinados por causa da grande quantidade de mosquitos que há, de sorte que dormimos todos a sonno solto até ao outro dia às 6 horas, hora a que nos levantámos, pois como era Domingo tínhamos que ouvir missa e só há duas missas na nossa Igreja, uma às 7 e outra às 9, mas nós resolvemos ir à das 7 horas por causa do calor.

A Igreja[6] não é nada rica, mas está muito limpinha; estava bastante gente, quási todos malaquianos (de Malaca) todos se dizem portugueses e concorrem com o que podem para os melhoramentos da nossa Igreja.

As mulheres todas muito asseadas com os seus costumes de vivas cores; vi muitas de verde, rosa, branco, azul, etc.; na cabeça uzam um véu preto ou branco pregado com pregos amarellos. O vestuário é simples; umas calças muito longas e por cima uma espécie de roupas que lhes desce até abaixo do joelho (tudo da mesma cor). Os homens vestidos à europêu.

Almoçámos às 9 horas todos com bastante apetite, como é natural depois d'um passeio a pé. A manhã estava linda mas já quente. À 1 almoçámos (comi frutas, porque para outras coisas não tinha vontade).

Até às 3 horas estivemos nos nossos quartos. Estamos muito comodamente; temos quatro quartos; o Bento tem um, Fontes outro, Mr. Bettelheim outro, todos teem porta para uma grande sala que nos pertence, de sorte que estamos todos juntos, quasí sempre.

Às três horas mettemo-nos em duas carruagens e fomos visitar o vice-cônsul, o chefe da missão e depois voltámos à nossa igreja assistir às vesperas que acabaram tarde.

---

[6] Igreja de S. José da Missão Portuguesa em Singapura. Várias vezes lá ouvi também Missa no período entre 1965 e 1970 em que estava em Jacarta e ia a Singapura. Apesar de administradora dos imensos bens da Missão da China é realmente uma igreja modesta e até de assaz mau gosto. Depende diretamente de Macau e tem tido que lutar desde o século XIX para sobreviver às ambições da Missão francesa.

Jantámos às 7 horas e às 8 fomos para casa do vice-cônsul passar a noite com elle e a mulher. São muito amáveis, coitados, mas apanhámos uma secca! Mas oh que secca! Magna! Estavam lá duas irmãs da dona da casa e um oficial da marinha hollandesa, mais ninguém. Foi também connosco o nosso companheiro de viagem.

Durante o dia e a noite d'hontem houve um calor medonho, hoje também está muito quente mas há uma pequena viração, por isso respira-se um pouco melhor; não é para admirar que hoje aqui esteja calor, pois estamos distantes do equador pouco mais d'um grau; Timor felizmente não é tão quente.

Hoje levantámo-nos só para o almoço e ainda não sahímos nem mesmo sei se sahiremos. Mandei umas poucas de cartas para Lisboa. Temos dado sempre notícias, mas infelizmente ainda não tivemos carta nenhuma da nossa terra, é bem triste passar sem ter novas das pessoas que nos são charas!

Hontem appareceu-nos cá um dos nossos companheiros de viagem que tinha ficado em Penang. Gostei de o ver. Tive bastante pena de deixar alguns dos nossos companheiros; felizmente fomos felizes com a viagem e com os viajantes, eram todos muito amáveis; havia um amável de mais, que me secava muitíssimo.

SINGAPURA, 26 de Março de 1882. Às onze horas da noite. Hontem sahí, mas à tarde perto das 5; fomos ao passeio, o das elegantes; depois de termos dado umas voltas encontrámos a mulher do nosso cônsul, de carruagem. Convidou-nos à mamã e a mim para irmos com ella, convite que foi aceite. Perto das 7 viemos para casa jantar.

Os jantares e os almoços aqui não são grande coisa, o que é bom é o lunch. O serviço das creadas é mal feito Os quartos são bons, mas não teem tudo o que é preciso. Pagamos aqui, por dia 1.400 rs pouco mais ou menos.

O dono deste hotel[7] deve fazer um grande negócio. Não se imagina o movimento que aqui há. Todos os dias se vê gente nova!

---

[7] Estavam hospedados no Hotel Europa.

Um francez que está aqui hospedado disse com alguma graça que Singapura parece uma gare de caminho de ferro, pois todos os dias se vêem caras novas[8].

Hoje levantámo-nos e almoçámos à hora do costume. Pouco depois veio a mulher do cônsul buscar-nos para irmos fazer umas compras; fomos de carruagem, já se entende. Entrámos aí numa loja ingleza magnífica. Tinha tudo, tudo, tudo, não faltava nada. É um grande armazém pode vestir-se uma pessoa desde os pés até à cabeça, quer seja mulher ou homem. Comprámos várias coisas e depois fomos a uma loja de panos procurar panos brancos e chitas, o que se encontra muito barato. Também fomos a umas lojas chinezas, enfim andámos n'estas voltas até ao meio dia e meia hora. Diverti-me bastante com aqueles typos, é bem curioso vê-los trabalhar.

Depois do lunch, mandei comprar um fogareiro, tacho, carvão, assucar e ovos para fazer doce, estive um bocado divertida e afinal o meu trabalho teve bom resultado. Todos gostaram!

Sahi antes do jantar com Bento, Mamã, Magdalena, Maria José, Fontes e Bettelheim, demos um pequeno passeio porque o calor era horroroso e infelizmente assim continua. Jantámos todos com bastante appetite, viemos para os nossos quartos onde estivemos um bocado.

Tornei a sahir com os meus companheiros dos passeios do dia, excepto um, Bettelheim. Fomos à praia, mas não nos demorámos, porque havia muita humidade. Fomos ao botequim do hotel tomar uns refrescos e depois casa, o que muito me agradou, porque vinha morta com calor; mamã e tio Bento[9] já estavam deitados, por isso vim logo para o meu quarto. Todos os meus já dormem ou pelo menos fazem por isso. Agora também me vou deitar. Peço a Deus uma boa noite e também o desejo a todos principalmente aos meus irmãos, parentes e amigas.

---

[8] Singapura continua a ser, hoje como então, a grande encruzilhada das rotas do Extremo Oriente.

[9] Seu Tio e Padastro, Bento da França Pinto d'Oliveira que n. a 30-XII-1833 e m. em Aveiro a 21-X-1889. Coronel de Cavalaria, era o patriarca daquele grupo eclético de 15 pessoas que o acompanhava a Timor onde ia assumir as funções de Governador.

SINGAPURA, 29 de Março de 1882. São quási 2 horas. Não há novidades. Felizmente continuamos todos bons.

Antes do lunch estive a coser. Esteve cá esta manhã a mulher do cônsul. Fui com ella e Maria José fazer umas compras. Continua o calor, é horroroso. Sahiu agora mesmo daqui o nosso padre, chama-se Nicolau I. Theofilo Pinto[10].

Amanhã à noite ou depois d'amanhã, deixamos o nosso companheiro. Vae n'um vapor inglês que parte para o Suez. Custa-nos bastante esta separação, pois elle é uma boa pessoa, muito bem educada, muito prestável para tudo, tem-nos sido muito útil, elle também diz que lhe custa deixar-nos, mas assim é preciso. Veio aqui tratar dos seus negócios e felizmente arranjou tudo à medida dos seus desejos. É negociante, vive em Londres.

Gostava tanto de partir também amanhã para Timor! Por duas razões: primeira é porque aqui gasta-se um dinheirão louco e a segunda porque quanto mais depressa lá chegarmos mais depressa se começa a contar o tempo do nosso exílio.

Amanhã temos uma massada de truz: estamos convidados pelo cônsul para um jantar em sua casa, ainda se fôr só o jantar não será mau, tenho medo que nos apanhem para a noite.

Devem ser 4 horas da manhã em Lisboa, aqui são 3 da tarde. Ainda lá estão todos deitados.

SINGAPURA, 31 de Março de 1882, Hotel da Europa. Graças a Deus continuamos todos de perfeita saúde e espero que todos os nossos ausentes também estejam bons.

Hontem não escrevi aqui porque não tive tempo. Almoçámos à hora do costume, depois sahi com Bento, Magadalena e Fontes. Fomos fazer umas compras, quando viemos para casa era 1 hora. Encontrámos imensos hespanhoes; está cá um navio de guerra hespanhol. Julgo que se demora uns dias.

Depois do lunch viemos para os nossos quartos. Também veio connosco um inglez que foi nosso companheiro de viagem; chama-se Rehder, fala francez. Houve conversa, conversa. Depois veio um homem (um malaio) com muitas coisas de crepe de seda,

---

[10] Padre Nicolau Inácio Theófilo Pinto que foi vigário da Igreja de S. José da Missão Portuguesa entre 1874-1891.

muito bonitas; comprei um lenço azul lindo por uns francos! É tudo muito barato. O Sr. Victor Bettelheim comprou numerosas coisas por pouco dinheiro e offereceu a cada uma de nós um «fichu» de seda branca, muito bonito. Estivemos vendo muitas coisas até muito tarde, depois ainda estive vendo outras coisas bonitas que o nosso companheiro comprou.

Arranjei-me e às 6 horas sahímos de carruagem, fomos dar uma volta pelo passeio e depois fomos para casa do vice-cônsul onde jantámos e passámos a noite. Elles são muito amáveis e deram-nos um jantar muito bom, mas eu secco-me sempre muito quando lá vou. À noite houve dança, estavam lá uns figurões muito gebos e bastante ordinários. Não tinha vontade, já porque tivesse muito calor e também porque não estou bastante alegre para andar em danças, mas não tive outro remédio senão fazel'o, assim era preciso. Estamos convidados para uma outra soirée no Sabbado, em casa d'um homem que estava hontem em casa do cônsul. Foi muito amável, mas eu de bôa vontade dispensava tanta amabilidade. É mais outra magna massada, paciência que é bom para a vista.

Hoje levantámo-nos e almoçámos à hora do costume. Foi assumpto de conversa a próxima partida do Bettelheim, os bons dias que passámos com elle, protestos d'amizade d'ambos os lados etc., etc.

Escrevi às Atalayas[11] e perto d'uma hora arranjei-me. À 1 lunchámos pouco mais ou menos, houve a mesma conversa do almoço.

Às duas mettemo-nos em duas carruagens. Numa ia Mamã, Tio Bento, Bettelheim e eu, e na outra Bento, Magdalena, Maria José e Fontes; fomos levar o nosso companheiro a bordo d'um vapor inglez; é bem pequeno e tem poucos commodos. Chama-se Agamenon.

Quando este partiu, viemos para casa de trem e chegámos mortos de calor. Não se pode andar a pé, temos uma carruagem às nossas ordens, metteu-nos n'isto o cônsul; é verdade que não se pode andar a pé, mas podíamos tomar uma carruagem quando

---

[11] Seus primos, filhos da prima co-irmã de sua Mãe (prima direita quer pelo Pai quer pela Mãe) Maria Bernardina Salema de Mendonça Corte-Real que casara com o 11º Conde da Atalaya e 5º Marquês de Tancos.

nos fosse preciso. É natural que se sahia logo, antes e depois do jantar.

Antes d'hontem fui ver um forte; não é coisa nenhuma extraordinária, é bem pequeno, mas está tudo na ordem, como tudo o que pertence aos inglezes. São os primeiros para estas coizas (collónias): onde eles poem o pé deixam signal.

Faz-nos um transtorno enorme esta estadia aqui, por muitos motivos bem fortes. Estou já farta de aqui estar, gostava muito mais de ficar aqui do que d'ir para Timor, mas como sei que não fico, tomara já safar-me.

SINGAPURA, 1 de Abril de 1882. Graças a Deus, estamos todos muito bons. Espero e peço ao Senhor que todos os nossos ausentes estejam bem e que assim continuem; também vos peço, meu Deus, que nos abençoes e que nos protejaes a todos, todos.

Hontem não sahí antes do jantar, porque tinha tenção de coser um vestido branco que estou fazendo, mas não o pude fazer, pois veio para cá a mulher do cônsul. A mamã não estava em casa, de sorte que tive de lhe tomar a visita.

Depois do jantar sahi com Magdalena, Maria José e Fontes; demos uma grande volta e fomos tomar refrescos. Quando chegámos a casa eram quasi 11 horas, ainda houve um bocado de conversa e depois fomos para a cama. Custou-me muito a adormecer por causa do calor que era extraordinário.

Depois do almoço esteve cá a mulher do cônsul, demorou-se um bom bocado. Acabei umas cartas para os manos[12] e agora vou-me pentear. Faz immenso calor. Temos hoje uma grande mágoa, a de estarmos convidados para uma soirée. Secca-me horrívelmente, porque tenho de dançar por força, o que muito, muito me aborrece.

---

[12] Refere-se aos dois irmãos que haviam ficado em Lisboa, certamente por se encontrarem a estudar. Eram eles: 1) Manuel da Gama de Oliveira Pinto da França que n. a 21-III-1863 e m. solteiro em 26-IV-1902. Viria a ser Capitão-Tenente da Armada e Diretor da Cordoaria. Finou-se cedo antes dos 40 anos, vítima de tuberculose, deixando reputação de bondade, doçura e de uma inteira dedicação a Sua Mãe. 2) Salvador d'Oliveira Pinto da França que n. a 1864 e m. em 1892, também pasto da tuberculose. Ouvi sempre as minhas Tias Avós falarem dele como um boêmio cheio de graça e de charme. Deixou nome como muito bom toureiro.

SINGAPURA, 2 de Abril de 1882. Graças a Deus, continuamos todos de perfeita saúde. Não, minto; o Antoninho[13] não está bem, tem tido febre desde hontem, mas espero em Deus que nada seja de maior cuidado. Imagino, tenho quási a certeza que foi do muito sol que elle apanhou.

Hontem, depois das 9 horas, mettemos-nos em duas carruagens e fomos com o vice-cônsul para entrarmos todos juntos em casa de Mr. A. R. Neubronner, pessoa amabilíssima, bem como suas filhas. A mais velha tem 19 anos, chama-se Luzia, e a segunda 18, chama-se Amélia. São muito sympathicas e muito bem educadas. Passámos a noite muito agradávelmente, dançou-se bastante; não nos deixaram sahír senão depois das 3 horas da manhã. Chegámos a casa depois das 4.

Hoje levantei-me pouco depois das 6 para ir à missa das 7, porque mais tarde há immenso calor; custou-me muito deixar a cama tão cedo, demais a mais tinha dormido pouquíssimo e estava alguma coisa cansada.

Hontem na soirée, Senhoras éramos doze, 3 da casa, a mulher do vice-cônsul e duas irmãs, uma cunhada das donas da casa e filha, a mulher do cônsul hespanhol e nós três; houve gellados e uma bella ceia. Homens havia mais: o dono da casa, nosso vice-cônsul, cônsul de Hespanha e cunhado, Tio Bento, Bento e Fontes, um official russo, um cunhado das donas da casa e 4 ou 8 rapazes inglezes. Dancei com quási todos; o meu primeiro par foi o official russo. Fala muito bem francez e pareceu-me bem educado; valsou muito bem a dois tempos. Parte hoje para a Rússia.

Esta noite vamos à casa do vice-cônsul. Estamos com a Semana Santa à porta, hoje é domingo de Ramos.

Disseram-me há um bocado que chegou a Malla Franceza. Estou cheia de esperanças de ter algumas cartas de Lisboa. Deus o queira. Estamos ansiosos por ter notícias dos nossos parentes e amigos. Vou ver se durmo um bocado.

SINGAPURA, 3 de Abril de 1882. Segunda Feira. Levantámo-nos à hora do costume, cheias de esperanças de ter notícias de

---

[13] Seu irmão e meu Avô, António da França Pinto d'Oliveira, que n. em 18-VII-1872 e m. a 23-III-1917. Viria a ser oficial de cavalaria e comandante do Forte de S. Miguel de Luanda. Casaria com Maria Clara Zuzarte de Mendonça.

Lisboa. Felizmente assim aconteceu. Tive umas poucas de cartas: uma do Salvador[14], outra da Tia Ovar[15], das Marias Josés[16], Maria Anna[17], Thereza[18] e Baroneza[19]. Foi grande a alegria que senti quando vi estas queridas cartas, lettras de pessoas tão charas e que estou certa me estimam deveras. Senti grande alegria em ler as boas palavras que todos me dirigiam, as lágrimas rebentavam pelos olhos à medida que ia lendo uma e outra carta.

A mamã teve uma do nosso querido Manuel[20], linda, linda, esplêndida! Trespassada de ternura! Quem ler aquella carta, embora não o conheça, diz logo este rapaz tem um bella alma! Na verdade é muito bondoso! Tem immenso juízo, por isso todos que o conhecem lhe querem muito e muito. Eu desejo-lhe tudo, tudo que há de bom e peço a Deus que o tome sempre em sua protecção, pois elle é digno de ser bem feliz. Meu Salvadorzinho[21] também é muito bom, tem muito bom coração e é muito amigo de todos nós. Graças a Deus, tenho uns irmãos óptimos. Do Bento não fallo, só digo que é trigo sem joio.

Sou felississima com meus paes, mamã e tio Bento. Este último tem sido e é para nós todos como um verdadeiro pae extremoso, o melhor possível. Somos-lhe muito e muito obrigados e queremos-lhe deveras, mas acho que ninguém me pode levar a mal que eu lamente a perda de meu pae[22]. Não porque me falte

---

[14] Seu irmão atrás referido.

[15] Sua Tia paterna, Maria Rita d'Oliveira Pinto da França, casada com o 2.º Visconde de Ovar.

[16] a) - Maria José da Costa e Silva, sua prima co-irmã, filha dos 2ºs. Viscondes de Ovar, que viria a professar.

b) - Maria José de Machado Castelo-Branco, filha de sua Tia paterna Isabel, 2ª Condessa da Figueira. Viria a ser a 5ª Condessa da Figueira e morreria solteira.

[17] Maria Ana de Machado Castelo Branco, irmã da anterior, viria a casar com Pedro Berquó, Marquês de Viana.

[18] Outra prima direita, Teresa da Costa e Silva, que viria a ser 3ª Viscondessa de Ovar.

[19] Baronesa da Várzea do Douro, prima do seu pai.

[20] Seu irmão Manuel, atrás referido.

[21] Seu irmão Salvador, atrás referido.

[22] Salvador d'Oliveira Pinto da França que n. a 9-I-1822 e m. a 20-IV-1866. Casado com Maria Bernardina da Gama Lobo Salema foi oficial do Estado Maior e Ministro da Guerra.

nada, como já disse, mas todos gostam de conhecer seu pae, demais a mais sendo tão bom como elle era. Todos, todos me dizem mil bens. Era uma alma lavada! O que não me custa a crer; tenho um exemplo em seus irmãos, são todos óptimos. Gostava tanto, tanto de o ter conhecido! Que valor elle não daria a ver-nos todos crescidos e educados. Que prazer não sentiria em saber seus filhos tão bondosos e intelligentes como são? Tudo isto elle agradece do céu à sua bondosa mulher e irmão que tão bons teem sido para nós.

Estou certa que pede a Deus que os abençoe bem como a seus filhos. Meu querido pae, gostava tanto, tanto de poder ser boa como meu pae o foi e de vos poder imitar! Mas infelizmente é me impossível fazé-lo, tenho muitos defeitos, mas muitos. Peço a Deus que me proteja, bem como a meus paes e irmãos.

Bem, então não estava fazendo discursos? Safa, que massada. Graças a Deus, nosso Senhor, as notícias que tivemos eram boas; o que é triste é serem tão antigas mas paciência. Tive umas cartas do dia 1, outras de 22, 24 e 25 de Fevereiro. Tive a maior pena de não ter carta das Salemas[23] e Atalayas, contava com ellas.

Está aqui hospedado um naturalista bastante notável, Visconde de Maclay (russo), que tem viajado immenso. Já esteve em Timor e como soube que nós vamos para lá, veio-nos procurar para nos dar algumas informações. Há uns dias que está innanimmado com bastante febre, hoje está melhor; o crescimento foi mais pequeno.

Viveu uns poucos d'annos nos desertos da Nova Guiné. Na Europa ninguém sabia notícias d'elle, de sorte que o governo mandou sahir um navio expressamente para o procurar e que finalmente o encontrou n'aquellas paragens. Os indígenas não lhe faziam mal nenhum, antes pelo contrário gostaram muito d'elle tinham-no por um semi deus. Agora vae à Europa ver os parentes e depois volta outra vez para estes lados, diz que alli há muito frio, é um ratão.

SINGAPURA, 4 de ABRIL de 1882. Sahi hontem antes do jantar. Fui ver um jardim chinez muito bonito n'aquelle género,

---

[23] Suas primas co-irmãs, filhas de seu tio materno António da Gama Lobo Salema de Saldanha e Sousa.

tem immensos bambus, muitos arbustos ratões, flores de differentes qualidades, lagos, onde vi umas plantas muito ratonas com umas folhas enormes que nascem dentro d'água e que depois tomam a forma d'uns grandes tabuleiros.

No meio do jardim há uma casa muito grande e bonitinha; dizem-me que por dentro é linda e que o proprietário dá licença que se veja quando alli está, mas hontem não estava em casa, fomos infelizes. O jardim de que fallo é distante d'aqui pouco mais d'uma milha, o caminho é lindo: umas estradas ladeadas por lindas árvores e cheias de sombras.

Não se imagina a quantidade de gente de diferentes raças que se encontra por toda a parte, mas principalmente para aquelle lado, chinezes, homens d'Aden muito pouco vestidos e com os cabellos cahidos, outros de Ceylão muito bem penteados, usam o cabello crescido e enrolado na nuca, quasi todos trazem uma travessa de tartaruga como as nossas creanças. Os cabellos d'estes são esplendidos, negros como as asas d'um corvo, teem um brilho lindo. Também vi indios, malaquianos, etc., etc.

Há um movimento extraordinário principalmente de manhã e à tarde. Veem-se muitos carros puxados por bois, estes são guiados pelo nariz, passam-lhes um cordel d'um lado, para o outro. É muito exquisito.

Esta noite temos outra soirée em casa de Mr. A. W Neubronner. Passámos muito bem na outra noite, mas temos a maior preguiça de lá ir hoje, está muito calor para se dançar, e tenho que dançar por força. Que massada.

Antes d'hontem à noite, fomos a casa do nosso vice-cônsul. Estava lá um hespanhol que fallou, cantou e dançou, distrahiu-nos um pouco, mas era muito ordinário. Felyzmente viemos cedo para casa.

Hontem à noite, também sahimos logo depois do jantar (perto das 9 horas) e demos um passeio pequeníssimo.

Hoje, graças a Deus, estamos todos bons. O Antoninho[24] também está bello, foi coisa passageira felizmente.

Vou escrever para Lisboa. Parece-me que temos que ir para bordo do vapor hollandez na sexta-feira à noite, pois dizem

---

[24] Seu irmão António, atrás referido.

que este parte no sabbado de madrugada. Cheguei há um instante da rua e agora vou aproveitar esta occasião para escrever um bocado.

Fui ver um pagode Chinez menos mal arranjado. Vi outros muito mais riccos, mas este que vi era bastante grande; tem umas poucas colunnas de ferro no meio da casa, uns poucos d'altares com differentes monos e muitas coisas mais e que nem eu sei como lhe hei-de chamar; umas pareciam tinas, outras mesas, etc.; tudo aquillo tem serventia para as cerimónias religiosas.

Estava um chinez a rezar em pé defronte do altar e assim se conservou por um bocado, depois fez umas poucas de mesuras e passou d'alli para defronte. D'uma meza onde estava outro mono com um grande vaso defronte de si cheio de terra e n'este estavam espetados uns poucos de pivetes acesos; havia por toda a casa um cheiro pouco agradável. Quando o chinez acabou de rezar, voltou outra vez ao altar onde tinha estado primeiro. Ahi estavam uns boccados de pau do feitio d'umas pequenas canôas. Pegou n'elles e atirou-os ao ar, uns cahiram com o interior para baixo, outros para cima. Disseram-me que assim é que eles fazem para saber se hão de ser felizes ou não; se cahem os paus com o interior para cima é bom signal e de contrário é mau.

Estava n'um nicho um outro monosinho muito feio, medonho, mas julgo que é o mais considerado. Todos os dias lhe põem de comer. Hontem tinha umas coisas brancas que no princípio imaginei que era peixe, mas depois vi que não. Perguntei-lhes o que era, mas não me entenderam.

Depois do jantar, fomos para casa de Mm. Neubronner, onde estivemos até à meia noite. São todos amabílissimos.

SINGAPURA, 5 de ABRIL de 1882. Hoje veem jantar connosco Ribeiro, Neubronner e um allemão muito amável, Mr. Meier Behr, que nos tem obsequiado muito. Logo, vamos ver uma casa d'um chinez, Mr. Fan Pu, que é riquíssimo.

Esta noite há musica na esplanada onde vae toda a elegância da terra. Nós vamos com Mm. Neubronner e suas filhas; a noite deve estar linda, a julgar pela outra e não é natural que mude.

Há um luar esplendido. As noites são sempre lindas, não há quási nenhumas nuvens no ceu, este tem sempre uma cor esplendida azul pollida muito bonita.

Hoje já cá esteve o Visconde Maclay; falla pelos cotovellos, entrettem immenso pois tem sempre muitas histórias interessantes para contar. Coittado, está mesmo abattido; as febres que apanhou nos desertos não o deixam. Hontem ainda teve um grande crescimento.

Também cá esteve o director do correio, Mr. Y. F. Schaltema, pessoa amabilíssima; veio oferecer os seus serviços e cumprimentar o Tio Bento. É hollandez.

Caderno III

SINGAPURA, 6 de Abril de 1882, Hotel da Europa. Hontem fomos ver uma casa chineza. Seu proprietário é riquíssimo, chama-se Mr. Fan Pu, é um homem de muito boas maneiras e que falla muito bem francez e inglez; foi educado na Europa. Seu Pae era um homem muito instruído, foi Cônsul da Rússia aqui.

A casa é digna de ser vista, pois além de ser rica tem coisas muito curiosas. A mobília é toda de pau santo com embutidos de madrepérola formando differentes flores e as paredes são de mármore lindíssimo; o chão também é de mármore; é muito bonita a casa, mas o jardim não tem nada de extraordinário.

À noite fomos todos para a esplanada, onde havia música, uma banda russa que não toca mal. Andei sempre com umas raparigas inglesas (Misses Neubronner).

Hoje levantámo-nos às 6 horas para nos confessar e commungar, depois ouvimos missa. Contudo, quando viemos almoçar eram mais de 9 horas.

À tarde tornámos a sahir, fomos visitar duas Igrejas, pois são as únicas catholicas que aqui há, uma portuguesa e outra franceza. A primeira não é nada rica, mas está muito decente e a última é bonita e mais rica.

Hontem jantámos só nós, as senhoras, e os pequenos[25], pois os homens foram convidados para um jantar pelo Mr. Meier Behr. Depois do jantar viemos para os nossos quartos e vieram connosco Mr. Rehder, rapaz inglez, que partiu esta manhã para Hong-Kong.

---

[25] Seus irmãos mais novos, Luís, António, Henrique, Maria Bernardina, Maria Rita e Maria Ana.

e um homem dinamarquez, Phillipesson, que parece boa pessoa; estivemos de conversa até às 10 horas; depois escrevi duas cartas, uma à Tia Ovar[26] e outra ao Tio Luíz[27].

Hoje levantámo-nos e almoçámos à hora do costume. O Antoninho teve hontem muita febre e, coitadinho, está muito abattido. Hoje Graças a Deus está melhor, oxalá que amanhã não tenha crescimento. O resto do rancho felizmente está bem.

Tencionávamos partir amanhã de madrugada, mas só partimos no Domingo de manhã n'um vapor hollandez que vae deixar-nos em Dilly.

Hoje é Sexta-Feira da Paixão, é muito natural que logo vá à nossa Igreja; é provável que não vá ouvir o sermão, porque complica com as horas do jantar.

Estou tão longe de todos, mas o meu pensamento está sempre no caminho de Lisboa, de instante a instante está lá no centro da minha família; gostava muitíssimo de ser tão leve como elle, pois se assim fosse tornava-me outro D. Basílio! Era bem bom, gostava bastante de os massar, com tanto que os visse. Sou um pouco egoísta. Hontem estive todo o dia pensando em todos: o que estariam agora fazendo? Talvez estejam visitando Igrejas ou ainda não sahiram etc., etc.

SINGAPURA, 8 de Abril de 1882. Graças a Deus estamos todos bons, mesmo o Antoninho já hontem não teve febre e hoje também não tem. Espero que lhe passe de todo; tomou imensos quininos.

Hontem sahi às 3 horas com a Jacintha[28] e Nanina[29]. Fomos à nossa Igreja. Pouco depois das 4 tornei a sahir com a mamã, Tio

---

[26] 2ª Viscondessa de Ovar, atrás referida.

[27] Seu Tio paterno, Luiz Paulino d'Oliveira Pinto da França, 2º Conde da Fonte Nova, que n. em 11-XII-1821 e m. sem geração a 9-V-1889. Era casado com Maria de Jesus de Machado Castelo-Branco (Figueira).

[28] Adiante se entende ser a antiga Governanta ou Ama da Família, que os acompanhou nesta aventura.

[29] Deve tratar-se dum petit-nom de um dos irmãos pequenos. É possível que aluda a M.ª Bernardina d'Oliveira Pinto da França que n. a 19-I-1876 e m. em 1955. Veio a casar com Luís Perestrello de Vasconcellos, Senhor da Quinta do Hespanhol.

Bento, Maria José e Magdalena, fomos fazer as nossas visitas de despedida.

À noite voltei à Igreja com todos os meus, viemos para casa às 4 horas ainda estive um boccado de conversa com Mamã, Bento e Jinha[30], depois cama.

Hoje levantei-me às 8 horas, tomei o meu banho frio, o que faço quási todos os dias. Almoçámos, depois vim acabar de arranjar as malas, penteei-me e agora estou esperando a mulher do cônsul, que ficou de nos vir buscar para irmos assistir a um casamento chinez, mas já estou com algum medo que ella não venha, pois já me parece tarde.

Fomos à casa da noiva chineza, mas ainda não assistimos ao casamento, pois foi transferido para as 4 horas, mas não perdemos o nosso tempo porque fomos ver o quarto dos noivos e o enxoval da noiva que é riquíssimo.

O quarto é muito bonito no seu género; a mobília é toda de pau encarnado com imensos dourados em rellevo. Compunha-se do seguinte: uma cama enorme e muito esquisita; são duas numa só, mas uma muito estreita e a outra bastante larga; tem um dossel assente em 6 columnas muito bonitas, as cortinas são de cetim escarlate bordadas a matiz em ouro; tinha uma colcha riquíssima e por cima uma quantidade de flores e hervas aromáticas, que davam um perfume péssimo, enjoativo.

Deram-me umas poucas de flores, dizendo que eram as flores das noivas, que as guardássemos. Eu logo que as vi pelas costas, deitei-as fora pois não podia supportar o cheiro.

Vi dois vestidos, um de cetim encarnado bordado a matiz e outro também de cetim, mas amarello, também bordado, um par de chinellos bordados a oiro, e uma quantidade imensa de lenços de todas as cores bordados a matiz e oiro. Também me mostraram uma espécie de «fichu» mas muito esquisito, todo feito de pedacinhos de seda encarnada e verde com um bordado differente em cada um; uma rosa, uma chineza, uma árvore, etc. Immensas jóias, riquíssimas, brilhantes enormes, lindos, lindos. O que mais gostei foi d'um diadema todo de brilhantes, mas brilhantes bons. Também levam na cabeça uma coroa de flores mas não de laranjeira, differentes.

---

[30] Deve tratar-se do petit-nom de Jacinta.

Os casamentos são arranjados pelos paes dos nubentes, elles não se conhecem, é na hora do casamento que se veem pela primeira vez. A noiva leva um grande véu preto muito espesso que lhe cobre a coroa e parte do corpo e é o noivo que depois lh'o tira. Estou com curiosidade de ver a cerimónia, depois darei conta.

Vi dois contadores muito bonitos, dois armários, um lavatório, uma espécie de tremó contendo em cima umas poucas de caixas d'oiro, com uns grãos que elles mascam, e linda loiça da china, duas cadeiras cobertas com uns panos bordados, dois banquinhos para pôr os pés e mais umas coisas que não me lembro.

9 de ABRIL de 1882, a bordo do BROMO[31]. Graças a Deus aqui estamos todos bons, mas não direi muito bem accomodadas, pois os camarotes são muito pequenos. O vapor é muito bom para estes mares, tem 18 camarotes de primeira classe, já se vê por isto que não é muito pequeno, conquanto à comida não possa ainda bem fazer ideia, pois só jantei e almocei uma vez.

Embarcámos hontem perto das 6h. Viemos só nós, num escaler a vapor pertencente a Mr. Neubronner que nos veio acompanhar a bordo com suas duas filhas; também vieram ao nosso bota-fora o nosso vice-cônsul, sua mulher, cunhada e um allemão, Mr. Meier Behr. Quando se foram embora deram-nos um grande... Coitados! Foram bem amáveis.

O capitão é muito amável. Vão muito poucos passageiros. Além do nosso rancho, uma senhora hollandeza, marido e dois filhos e 3 ou 4 homens, isto na primeira classe. Na segunda vai bastante gente, muitos soldados hollandezes, malaios e mais typos.

Hontem sempre fomos assistir ao tal casamento chinez. Gostei immenso de ver, há muitas cerimónias! Não se imagina. A noiva estava ricamente vestida: sarong ou sayon de cettim amarello, e a cabaia também de cetim mas escarlate, tanto um como outro são ricamente bordados a matiz e ouro, tinha uns sapatos também ricamente bordados. Na cabeça tinha uma corôa (era mais ou menos

---

[31] Bromo é o maior vulcão do ilha de Java, perto da cidade de Surabaya. Por certo este era um vapor de uma das pequenas companhias de navegação holandesas que operavam o tráfico entre as ilhas da vasta Insulíndia.

do feitio d'uma corôa real) toda cravejada de brilhantes e outras pedras preciosas, o pouco cabello que se via estava semeado de differentes flores.

O noivo vestia como os mandarins. Quando entrámos, estava na primeira sala o noivo, sentado entre uns poucos de rapazes vestidos como elle, e a noiva estava numa outra sala também sentada.

Esqueceu-me de dizer que ella tinha uns enormes brincos de brilhantes e pérolas e ao pescoço uma quantidade de fios de brilhantes lindos, soberbos, os dedos todos cheios de anneis de brilhantes óptimos.

A cerimónia só começou às cinco e meia; estiveram esperando por esta hora, pois elles são muito supersticiosos e n'aquelle dia, segundo elles dizem, se algum casasse antes ou depois das cinco e meia haviam de ser muito infelizes; a hora também tem influência nestas coisas! São muito ratões.

Enquanto faziam horas, nós fomos para o quarto da noiva, onde esta era esperada, pois foi ali que se celebrou o casamento. Pouco depois entraram dois rapazes, battendo desalmadamente em dois enormes timbres, fazendo um barulho horrível, isto para annunciarem a entrada dos noivos que com effeito, pouco depois appareceram seguidos dos convidados; vinha a noiva adeante com as mãos ao peito, andando muito devagar, mais atraz o noivo, foram ambos para ao pé da cama e puzeram-se um defronte do outro, fazendo muitas mesuras e levantando os braços ao ar; depois mudavam um com o outro de lugar e começavam de novo as mesmas scenas; depois sentaram-se ainda ao pé da cama, onde esperaram que lhes levassem chá.

A noiva não come nem bebe nada, neste dia, só faz a cerimónia, o noivo esse sim come de tudo. Levaram-lhes uma comida numas xícaras. Nenhum d'elles lhe tocou, de sorte que puzeram as duas chávenas debaixo da cama, onde as deixam ficar por espaços de três dias; se quando as tiram já a comida está podre é péssimo signal para os noivos, hão-de ser sempre infelizes; se estiver boa, é óptimo signal.

Há num quarto uma mesa com immensos petiscos, e só com dois lugares que são para os nubentes; a loiça era riquíssima. Depois de algumas pantominices sentam-se os dois. A primeira coisa que lhes dão é chá. Trocam as xícaras. O noivo bebe e a noiva

finge. Depois a noiva dá dois pausinhos de marfim ao noivo e este a ella; depois começa esta apontando os petiscos que elle deve comer e que elle vae comendo; isto dura imenso tempo. Quando acabam o jantar vae o noivo para sua casa e a noiva despe-se e veste um vestuário branco. À noitinha volta o noivo e fica três dias em casa dos paes da noiva, depois vão para sua casa ou então para casa do pae do noivo.

Os donos da casa eram amabilíssimos. Offereceram-nos doces, champagne e mais vinhos. Quando nos despedimos agradeceram-nos muito a nossa visita e veio-nos acompanhar à porta o parente mais próximo da dona da casa. As raparigas passam um tormento nos dias do casamento, coitadas, pois como não comem nada, estão muito fracas e como as carregam d'oiros, de trinta trapalhadas, perdem muitas vezes os sentidos. A de hontem não os perdeu, estavam constantemente dando-lhe a cheirar um vinagre, de sorte que ella estava menos mal.

Canal de Singapura, 10 de ABRIL de 1882, a bordo do BROMO. Graças a Deus todos nós estamos bem de saúde, mas muito apoquentados por causa d'um triste acontecimento que hontem se deu.

Ao jantar, logo depois da sopa, deu-se por falta d'um passageiro. O capitão, que é uma bela pessoa, ficou um pouco atrapalhado e mandou-o logo procurar por uns poucos de marujos. Pouco tempo depois vieram estes dizer que não o encontravam, ficámos todos muito assustados, mas ainda com esperanças que ele apparecesse; o capitão ficou nos ares, e nunca mais parou, bem como o official. Procuraram-no por toda a parte, mas foi trabalho baldado, não apareceu; o infeliz deitou-se ao mar, que horror!

Ficámos todos, todos apoquentadíssimos e cheios de dó do capitão que ficou passado. Quando acabou o jantar foi o capitão e o 1º official passar revista ao camarote do infeliz passageiro; não encontraram documento algum que esclarecesse a origem daquelle homem. Fecharam-se todas as malas e a porta do camarote.

Mais tarde soubemos que a victima soffria um pouco da cabeça, o que nos foi fácil crer, pois tínhamos dados para isso. Era official hollandez. Antes d'hontem à noite, fardou-se de grande uniforme com duas medalhas, isto às 11 horas da noite.

Estranhámos mas não fizemos maior reparo e hontem de manhã às 6 horas também já estava fardado.

Hontem durante o dia escreveu immenso e andou muito triste. Eu vi-o pela última vez seriam 3 horas, mas houve quem o visse às seis. Supõe-se que se deitou ao mar pelas janellas da pôpa (na câmara), na occasião em que uns passageiros estavam no quarto arranjando-se para o jantar, outros cá em cima, e em que os creados se preparavam para servir à mesa Vinho d'Arheen. E ia para o Hospital de doidos na Batávia. Acho que foi uma grande tontice de o mandarem só, sabendo que elle não estava bem.

Passa-se muito bem, com quanto à comida não há petiscos, nem coisas finas, mas o que há é bem feito e abundante. Secco-me muito durante os dias, não há nada, nada com que a gente se entretenha. Contamos chegar amanhã à noite a Batávia aonde nos demoraremos 3 dias. O mar está como um lago e o calor agora não é muito, felizmente; já tivemos immenso.

BATÁVIA, 11 de ABRIL de 1882, Hotel das Índias[32]. Aqui chegámos esta madrugada sem esperarmos de todo, pois só contávamos chegar à noitinha, foi para todos nós grande surpresa quando sentimos parar o vapor e quando vimos terra, de sorte que

Hotel des Indes - Recepção

[32] Hotel de Indes. Era o grande hotel do Sudeste Asiático. Quando vivi em Jacarta, entre 1965 e 1970, ainda existia e, embora decadente, guardava os traços do seu antigo esplendor.

levámos só 48 horas de Singapura aqui. Partimos d'ali no Domingo de Páscoa às 6 horas da manhã e chegámos hoje (terça feira), também às 6 da manhã. Viemos logo para este hotel que é muito bom segundo as primeiras apparências.

Temos uns bons quartos. O lunch[33] foi esplêndido e é de esperar que o jantar não seja pior.

Não poso dizer nada da cidade porque ainda lá não puz o meu pé. Na estrada, por onde passámos, a cidade é boa e bonita. Almoçámos às 9 h, lanchámos ao meio dia e meia hora. Jantar às 4 1/2. O hotel está muito bem situado e é muito grande, não tanto como o de Singapura, que é monstro, mas muito mais bem arranjado. Em Singapura há muito mais movimento que aqui, pois ali tocam todos os vapores que veem a este lado e todos que vão para a China.

Esta cidade é enorme, muito maior que Londres, tem 6 000 Europeus pouco mais ou menos, sem contar com a guarnição. Depois do jantar sahímos um bocadinho. Andámos muito pouco por causa do calor que é immenso, mas ainda assim vi umas poucas de casas lindas, phantásticas[34]. A estrada por onde passámos é boa e bonita, ladeada por frondosas árvores e d'um lado corre um rio, do outro lado há outra estrada. No rio, vi banharem-se alguns pequenos malaios[35]. Julgo que o rio se vai deitar ao mar.

O vapor onde viemos fundeou muito longe da terra, viemos em barcos a remos, mas depois de termos andado um boccado,

---

[33] Deve ter por certo experimentado o glorioso «reistaffel», repasto holandês composto de variados pratos javaneses, tendo por base o arroz frito, «nasi-goreng».

[34] Com efeito, os holandeses, ao contrário dos portugueses nas suas colónias, sempre viveram na Insulíndia, e sobretudo em Batávia, com grande aparato, em casas magníficas recheadas de móveis esplêndidos. Quer na arquitectura, quer na decoração e no mobiliário, combinavam-se, harmoniosamente, elementos ocidentais e orientais.

[35] Não se trata de um rio, mas de um dos canais que os holandeses nostálgicos de Amesterdão construíram em Batávia. Mesmo em frente do Hotel des Indes passa um canal ao longo da actual avenida Gadja Madjah que, sempre a direito, atravessa depois o bairro chinês, a cidade velha, e termina no porto em que M. Isabel havia desembarcado. Os banhos públicos nunca se interromperam, só que de 1965 a 70 víamos também inúmeros adultos nus em cuidadosas abluções. Talvez M. Isabel, com a pudicícia própria do século XIX, preferisse não referir nus mais avantajados.

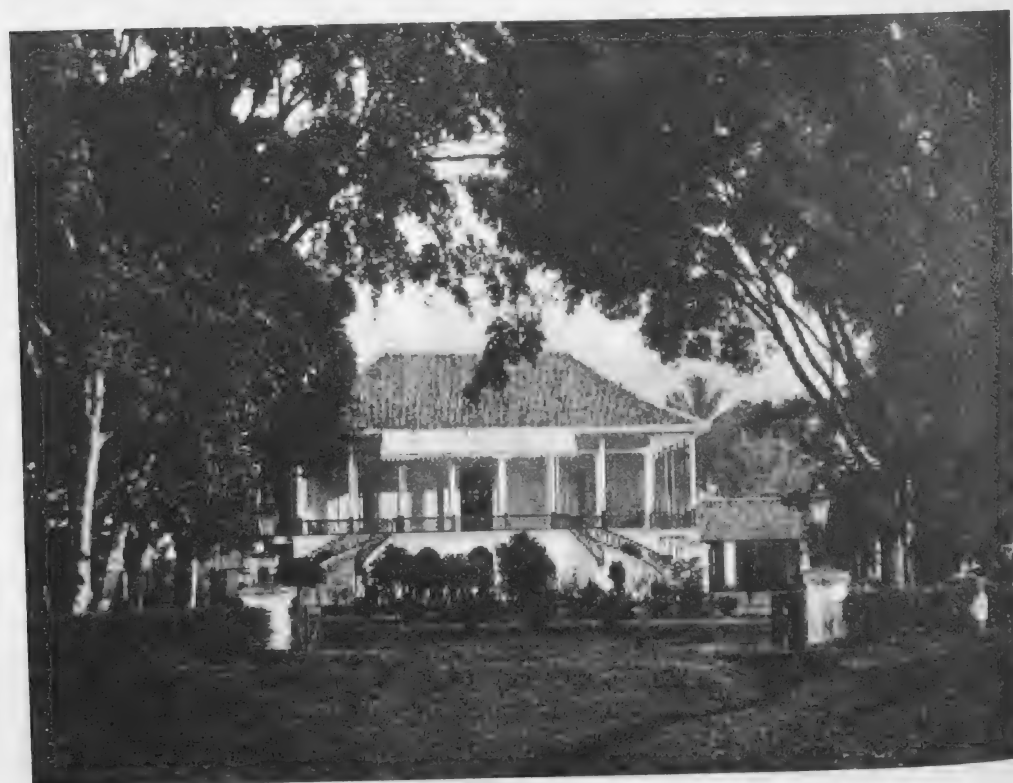
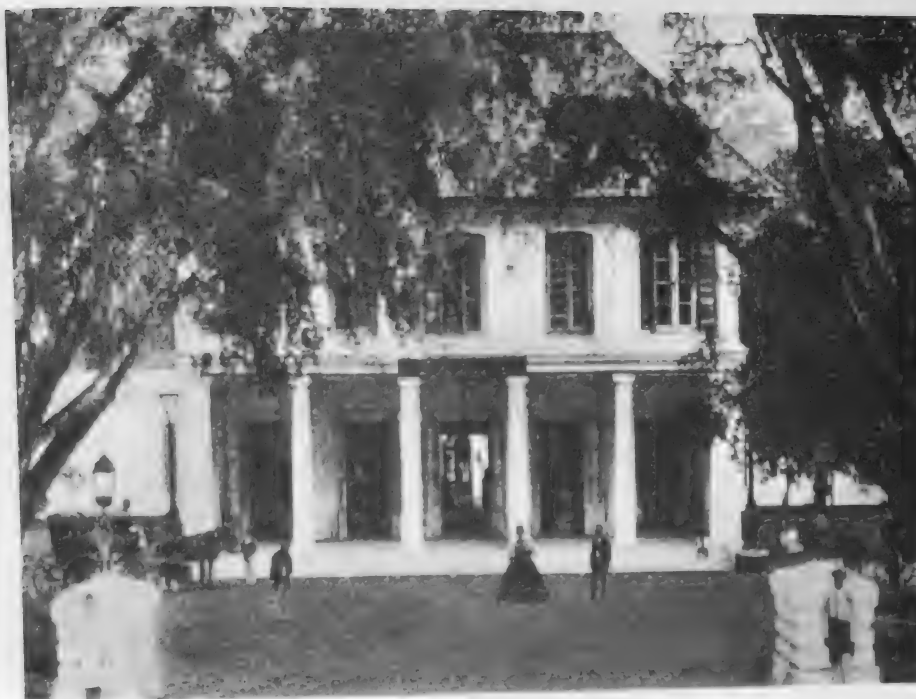
Batávia - Banhos nos canais

vimos um enorme pontal para onde os homens do barco saltaram e d'onde nos puxaram à corda e assim viemos até terra.

Em frente do pontal há uma ponte de madeira, de sorte que formam um pequeno canal onde estão as pequenas embarcações[36].

Director do Hotel des Indes com a sua família nos finais do século XIX

[36] As costas de Java são muito baixas e pantanosas. Só já neste século os holandeses construíram o porto actual. Anteriormente, ficava-se ao largo e vinha desembarcar-se em escaler no canal, junto à grande fortaleza, que os holandeses construíram no séc. XVII. Isso, após expulsarem os portugueses que, em 1522, haviam assinado um tratado de paz com o Senhor local, o rei de Sunda Kalapa, que lhes autorizou erigissem um padrão nas praias do que foi depois Batávia e Jakarta. Pena que não tivessem contado nada disso a M. Isabel. É natural, os holandeses não gostavam de recordar esses acontecimentos.

Hotel des Indes - traseiras

Batávia - Residência senhorial holandesa

Batávia - Bazar mais em moda, onde a Família foi a compras

Batávia - Passeio arborizado

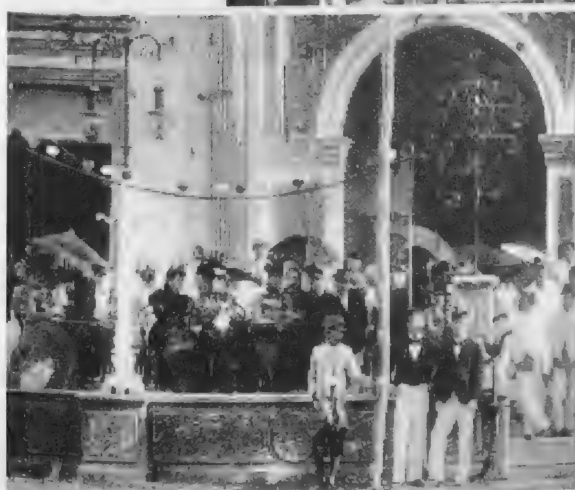
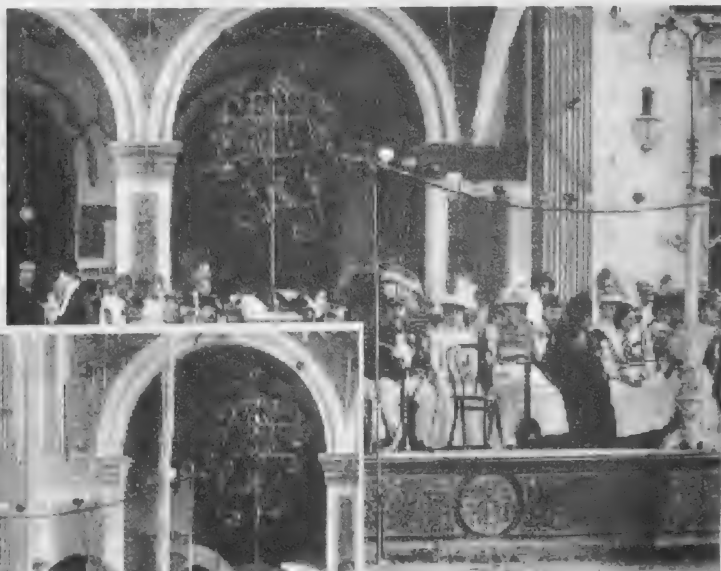
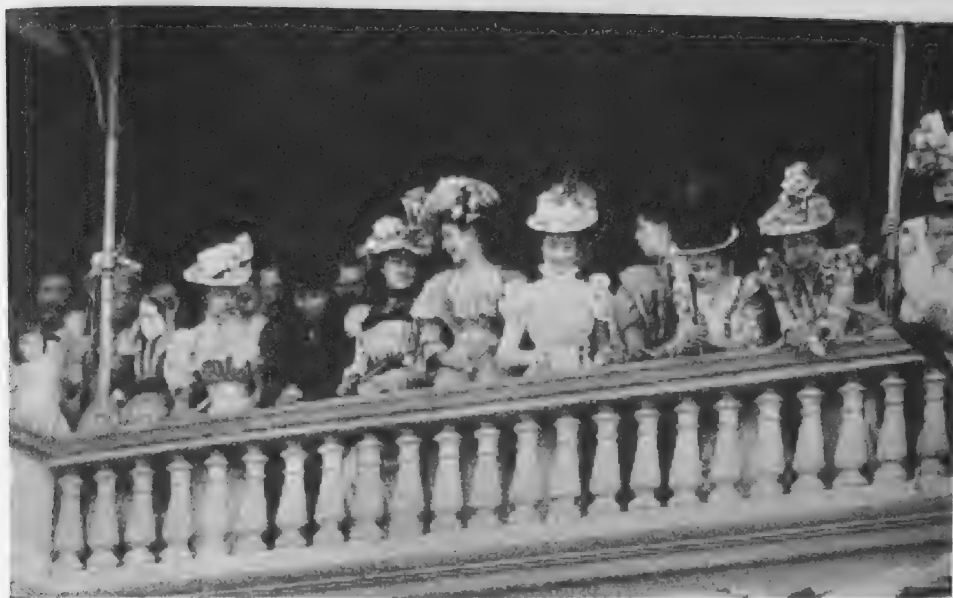
Batávia – Praça Merdeka

Mettemo-nos em 3 carruagens e n'ellas percorremos uma légua ou pouco mais ou menos. Atravessámos a cidade velha, centro do commercio[37].

BATÁVIA, 12 de ABRIL de 1882, Hotel das Índias. Dormimos todos muito bem, temos óptimas camas. Hoje levantei-me às 6 1/2 fui tomar o meu banho frio que me soube muito bem, em bellas tinas de mármore. Depois almocei, escrevi uma carta muito grande aos manos, andei a serigaitar um boccado, deitei-me um instante e depois fomos lanchar; é a melhor comida que aqui se faz e a que elles dão mais importância. O jantar também é bom.

Hoje faz muito mais calor do que hontem, está impossível. Tentámos arranjar umas carruagens para irmos dar uma volta pela

---

[37] Ainda hoje a cidade velha, por detrás da fortaleza, conserva marcas da sua grandeza nos belos palácios do séc. XVIII, como o da Câmara, o do Museu e imponentes mansões que foram de particulares. No período em que lá vivi, o centro comercial havia-se movido para o interior, a acompanhar os bairros sucessivamente construídos nos séculos XIX e XX. Os holandeses descobriram que, ali, os ares do mar eram malignos e foram-lhe fugindo.

*Batávia -
Esplanadas*

Estrada do lado esquerdo do canal, vendo-se do lado direito a vedação do Hotel des Indes e ao fundo o Clube Harmonie.

cidade, mas não conseguimos arranjar nenhuma, o que nos contrariou deveras. Para se poder encontrar uma carruagem é preciso prevenir de véspera, de sorte que fomos a pé até um bazar, que há aqui muito perto, onde o Tio Bento comprou umas camisas. Ali encontra-se tudo, é uma grande loja. Viemos para casa mortos de calor. Aqui é costume andar sem nada na cabeça, tanto homens, como senhoras, o que eu acho muito cómodo.

Tivemos visita do vice-cônsul de Batávia que vinha apresentar o cônsul de Surabaya[38], seu cunhado, que é agradável. Depois, mais tarde, quando nós sahímos, veio este último aqui, de carruagem, para nos levar a passear pela cidade, mas não nos encontrou o que me fez grande zanga.

À noite voltou e esteve de conversa até as 10. Foi com elle o Tio Bento. Foram ao Club dos homens, Harmonie[39], que dizem ser lindo, e depois andaram immenso pelas ruas.

---

[38] Segunda cidade da Indonésia.

[39] Era o clube dos elites holandesas e famoso pelo seu requinte. Estava instalado num belo edifício neo-clássico praticamente em frente do Hotel des Indes. Em 1965-1970, estava transformado num restaurante meio rasca, onde se dançava ao ar livre. Fui lá algumas vezes com o meu irmão Bento e outros amigos.

Batávia – Clube Harmonie

Batávia, 13 de ABRIL de 1882. Faço hoje 21 annos, é a primeira vez que passo este dia sem ter o gosto de ver todos os meus! Faz-me tristeza mas paciência. Graças a Deus continuamos todos muito bem.

O Tio Bento e Bento foram hoje cumprimentar o Governador de Batávia Mr. Jacob[40]. Apresentou-os o nosso vice-cônsul, Mr. Clayn. Ainda não voltaram. Partiram às 4 horas da manhã no caminho de ferro, que leva uma hora e meia a percorrer a distância que vai daqui ao sítio onde S. Exa. reside. Não me lembro agora o nome, mas deixo um pequeno lugar para logo que me lembrar aqui escrever: «é Buitenzag»[41]. Todos dizem que o caminho é lindo e que o palácio e o jardim são esplêndidos, até dizem que não há outro jardim tão bonito.

Tivemos muita pena de não os acompanhar, nós as senhoras, mão não era possível, attendendo à baixa dos fundos. Já

---

[40] F. Jacob não era Governador de Batávia, mas foi sim Governador-geral das Índias Orientais entre 1881 e 1884.

[41] Hoje tem o nome sudanês de Bogor. Fica a 30km de Jacarta e por lá passávamos todos os fins de semana quando íamos para o nosso bungalow alcandorado no cimo da montanha do Punjak, escondido entre as grandes plantações de chá dos holandeses. Em Bogor começava a subida da montanha, num percurso de mais 60km.

Bogor - Alameda em torno do Palácio dos Governadores

Bogor - Jardins do Palácio dos Governadores

arranjámos carruagens para amanhã, espero ver bastantes coisas bonitas.

Chegaram agora mesmo o Tio Bento e companheiros. Vieram encantados com o palácio, jardim[42] e acolhimento do Governador. Assim que daqui sahíram ficaram logo encantados com as estradas; dizem que o nosso Minho fica a perder de vista.

A casa é enorme, monstruosa, e o que é chamado jardim é um bosque formidável. Os governadores tem ali tudo, tudo. Não lhes falta nada, começando pela casa que como já disse é óptima. Teem à sua disposição 25 cavallos, 8 carruagens, etc., etc.

Este Governador tem 4 ajudantes, 1 secretário geral, outro particular e 1 intendente. É muito amável e recebeu-os como um príncipe. Offereceu-nos a casa para todos nós ali passarmos uns dias e disse que esperava que, quando nós voltarmos de Timor, nós, as Senhoras, também ali havemos d'ir. São quási horas de jantar. Esqueceu-me dizer que dentro do parque há o cemitério para o governador e sua família.

Batávia, 14 de ABRIL de 1882. Graças a Deus continuamos todos muito bem.

Apesar de andarmos em viagem tive dois presentes: um vestido de cambraia branco (da mamã) e uma gravata encarnada da Magdalena.

Hoje levantei-me às 4 horas, tomei o meu banho, fui depois almoçar, trabalhei, penteei-me e agora estou fazendo horas para o lunch.

Estou muito secada porque parece-me, tenho quási a certeza, que perdi uns versos que me fizeram da Austrália. Se com effeito os perdi faz-me uma grande pena, ainda tenho algumas esperanças de os encontrar guardados na mala grande, pois guardei lá umas coisas. É possível que os metesse lá também.

---

[42] São magníficos, quer o Palácio, quer os jardins. Os Governadores-Gerais holandeses, independentemente do sumptuoso palácio de Batávia, preferiam viver em Bogor por saberem que para os Javaneses a montanha é a residência dos antepassados, logo local sagrado próprio para sede de Poder, como sempre o fora dos Reis de Sunda (Java Ocidental). Claro que Soeharto, como Sukarno, mantiveram idêntico sistema.

Bogor - Palácio dos Governadores Gerais das Índias Orientais

Chego agora mesmo da rua. Demos um lindo passeio de carruagem, pela cidade que é linda. Há aqui uma vegetação brutal, por todos os cantos se vêem flores, arbustos, árvores, água, etc. É uma cidade no meio d'um bosque muito fechado, as ruas são todas de macdame e larguíssimas, quási todas tem pelo meio um riozinho onde os malaios se banham. Todas as casas são lindas e teem jardins verdíssimos.

Passámos por uma praça enorme[43] (para se fazer a volta a pé leva-se hora e meia), onde está a estátua do primeiro governador de Batávia. É ali o tribunal de justiça[44] e tudo o que lhe diz respeito. Lindas casas para os officiais, óptimos quartéis, etc.

Queríamos ir ao jardim das plantas, mas o estúpido cocheiro não foi capaz de perceber que nós queríamos ir lá, por mais

---

[43] O passeio enorme é, actualmente, a imensa praça Merdeka, mas a estátua foi retirada depois da independência.

[44] Grande edifício dos princípios do séc. XIX que é hoje o Ministério da Justiça.

deligências que fizéssemos. Levou-nos por uma estrada muito bonita mas nada de jardim, fez-me um ferro, pois todos dizem que é muito bonito, e demais a mais tem hervas de differentes qualidades, de sorte que os pequenos perderam um bom divertimento.

Na maior parte da cidade poucos chinezes se veem, casas não vi nenhuma, pois aqui não lhes permittem que as construam senão no seu bairro[45], porque dizem, e com razão, que elles são muito ricos; se lhes dessem licença de fazerem as suas edificações onde bem lhes aprouvesse, os sítios mais bonitos estavam decerto ocupados pelos taes senhores e os pobres dos hollandezes ficavam a ver navios.

Tenho pena de não poder gozar mais d'esta linda terra, mas tudo aqui é caríssimo[46] e os tempos estão muito bicudos. As car-

Batávia – Teatro lírico

[45] Continua a existir o bairro chinês, entre a cidade velha e a nova. Caminhando por estreitas ruelas, descobrem-se esplêndidos e vastos palácios no mais puro estilo chinês. As casas do povo todas têm portas de ferro de correr pelo pânico que os chineses vivem dos tradicionais levantamentos sociais dos javaneses. Existe também um imenso mercado coberto.

[46] Batávia era uma grande capital, onde se vivia com grande luxo.

ruagens alugam-se sempre por seis horas e paga-se um tanto, mas um tanto muito pesado quer se utilize d'ellas 1 hora, meia-hora ou as 6 horas.

Quisemos ir ao theatro lyrico[47], mas cada lugar era um dinheirão e como nós somos muitos, não fomos.

Há sempre aqui divertimentos quási todas as noites há theatros; como já disse esteve aqui uma companhia lyrica (italiana) e agora é esperada uma troupe francesa.

O Comandante das forças que aqui estão tem uma casa linda; é numa pequenina ilha no meio d'um rio, a ilha toda pertence-lhe, é uma Quinta muito bonita onde há de tudo. O clima é muito quente, como se sabe, mas não tão pesado como o de Singapura.

15 de ABRIL de 1882, a bordo do BROMO. Embarcámos esta manhã perto das 4 horas e partimos depois de pouca demora. Felizmente estamos todos bons.

Agora temos bastantes companheiros de 1ª classe, são para ahí uns 30, quási todos hollandezes. Contamos chegar amanhã a Surabaya, mas não vamos a terra; o vapor demora-se poucas horas.

Vieram ao nosso bota-fora os nossos dois cônsules. São ambos muito amáveis. Faz bastante calor e o mar continua como um tanque.

16 de ABRIL de 1882, Mar de Java, a bordo do BROMO. Chegámos esta manhã, às 9 horas, a Semarang[48], onde nos demoramos dois dias. Não fomos nem vamos a terra por falta de "pintos". Temos gasto imenso. Só nos 15 dias que estivemos em Singapura gastou-se um dinheirão. Em Batávia também foi um dinheirão; é tudo muito caro.

Graças a Deus estamos de saúde, oxalá que aconteça o mesmo aos meus irmãos e a todos.

Vae connosco um inglez e sua Mulher; Mr. F. Carter é explorador; agora vão para uma ilha que fica do norte da Nova

---

[47] É também um belo edifício neo-clássico. Próximo do Pasar Baru, o centro comercial dos anos 40.

[48] Grande cidade marítima de predominância chinesa, na costa norte de Java Central.

Guiné, onde ainda não foi nenhum europeu. São casados há só dez dias. Elle esteve em Lisboa 18 meses, conhece lá algumas pessoas; falou-nos muito em [...] e disse-nos muitas coisas agradáveis da nossa terra.

Também fallámos com um official muito amável e com uns outros hollandezes que aqui vão. Está um calor horrível.

18 de ABRIL de 1882, a bordo do BROMO. Felizmente continuamos com saúde tendo uma boa viagem. Não houve novidade nenhuma durante o dia d'ontem, a mesma vida, o mesmo calor, hoje também faz immenso.

Partimos esta manhã às 8 horas e esperamos chegar amanhã de manhã, muito, muito cedo a Surabaya onde nos demoraremos 8 dias, depois ainda vamos a Macassar[49], Bima[50], Larantuka[51], Kupang[52] e finalmente Timor Dilly.

Antes d'hontem foram os annos da Leonor Salema[53]. Que saudades que me fez daquelles dias e de outros que tão bem passámos. Lembrei-me muito de todos com verdadeira saudade.

Enquanto a comes e bebes passa-se aqui neste vapor muito bem, mas enquanto a asseio é horrível, são muito porcos. Estou hoje com uma dose de sensaboria às costas que não sei como me hei-de ver livre d'ella.

Tenho a certeza que vão aqui neste vapor cartas para nós todos, imagina-se bem o appetite que tenho de as ter e faz-me a mim zonza de o não poder fazer. Só daqui a 15 dias, ou pouco menos, é que poderei ter esse grande prazer, tomara já estes dias passados.

19 de ABRIL da 1882, Hotel de Surabaya. Chegámos a este porto pouco depois das 6h da manhã. Aqui a navegação torna-

---

[49] Capital do Sul da ilha de Sulawesi ou Celébes. É o reino dos Buguis, bravos marinheiros e guerreiros.

[50] Bima, capital da ilha de Sumbawa que nunca visitei.

[51] Larantuka, capital da província oriental da ilha das Flores que foi grande centro da evangelização portuguesa de que ainda hoje restam tantos vestígios.

[52] Kupang, capital do Timor Indonésio.

[53] Filha de seu Tio materno, António da Gama Lobo Salema. Viria a casar com um primo, D. Sebastião Manoel (Atalaya).

se muito difícil por causa dos immensos bancos de areia que há. Hontem andámos até 1 hora da noite mas muito devagar, pediu-se piloto que pouco depois apareceu, mas apesar de termos o mestre a bordo não marchámos senão ao romper da aurora.

Desembarcámos para uns pequenos barcos onde viemos até ao Hotel. Há uma espécie de pequeno canal como em Batávia e dos lados, à borda de água, tem duas alas de árvores lindas, enormes, há também immensa verdura, flores de campo, que descem pela pequena muralha e se mettem na água. É d'um effeito lindo. As casas são no mesmo género das de Batávia, todas com varandas à frente; é também um país lindo, mas muito quente[54].

Aqui o almoço é às 9, lunch à 1 e jantar às oito. Hoje durante esta última refeição tivemos música. A Orquestra era composta de duas harpas e uma flauta.

Está bastante gente aqui hospedada. O hotel não é nada mau e os preços são razoáveis.

Fez todo o dia um calor horrível, de sorte que estive molíssima. Deitei-me e tive a felicidade de dormir 3 horas a fio, por isso não sahi. Depois do jantar estivemos na varanda do hotel. Bento, Magdalena e eu ficámos ali até às 11 1/2.

Surabaya, 20 de ABRIL de 1882. Dormimos todos muito bem, graças a Deus continuamos todos de saúde. O Senhor permitta que os meus dois irmãos, bem como todos os meus parentes ausentes, estejam bem.

O dia d'hoje é de bem triste recordação para mim e para todos nós; faz hoje 16 annos que morreu meu bondoso pae, que se apagou, uma luz que tão brilhante começou e tanto prometia.

Também é hoje o anniversário da morte da minha Avó Salema[55]. Não sei bem ao certo quantos annos, mas não há menos de 28 annos. Era uma santa Senhora, o Senhor tenha a sua alma em descanso.

---

[54] Hoje em dia, Surabaya é uma cidade imensa, muito degradada, sem nenhuma beleza.

[55] Foi sua Avó materna Dona Maria Libânia da Câmara de Mendonça Corte-Real Sousa Tavares que n. a 28-IV-1806 e m. a 20-IV-1855. Casou com Manuel Xavier da Gama Lobo Salema de Saldanha e Sousa Cabral de Paiva.

Passei hoje o dia muito seccada e um pouco incomodada tudo devido ao immenso calor. Vou-me deitar.

Surabaya, 21 de ABRIL de 1882. Graças a Deus todos nós estamos sem novidade. O Senhor permitta que todos os nossos ausentes estejam tão bem como os presentes.

São hoje os annos da Tia Maria Bernardina[56]. Deus lhe dê muitos annos de vida e muitas felicidades, pois merece bem. Estou cansada de todo, mas é raro o dia que não me lembro dos meus parentes.

Sahi pouco depois das 4 horas, fomos de carruagem dar umas voltas pela cidade, que achei bonita, muito pittoresca, mas não é Batávia. É também cidade de 1ª ordem, é muito bom conhecer, mas eu não posso. Há muitas casas bonitas, imensas lojas europeias, chinesas e mouras, onde se encontra tudo. Há dois passeiozinhos que não são feios, mas onde não se encontra nada curioso, também há um theatrinho; agora está cá uma companhia lyrica italiana, a mesma que estava em Batávia. Julgo que se demoram aqui uns meses e que depois vão para a Austrália. Quando chegámos a casa eram 6 1/2.

Tivemos agora uma tristíssima notícia. Soube-se há um instante que se perdeu um vapor hollandez, da mesma companhia que o nosso, perto das Molucas e que morreu toda a gente que ia a bordo, excepto cinco indios que se salvaram a nado. Por ora ainda se não sabem mais pormenores; está toda a gente tristonha por causa deste horrível acontecimento.

Estive bem divertida, durante o dia li a vida de Shakespeare, é muito interessante e está muito bem escripta. Agora são quase 8 horas, hora do nosso jantar. Faz bastante calor, mas um pouco menos, que hontem foi horrível.

Partimos amanhã às 8 horas da manhã para Macassar, julgo que se empreguem dois dias na viagem. Deus permitta que sejamos tão felizes como temos sido até aqui.

Estou com umas dores de cabeça immensas, devido ao calor e não há esperanças de melhorar, pois no vapor também é horrível, as cabinas são pequeníssimas. À noite, quando estou deitada, passo

---

[56] 5ª Marquesa de Tancos e 11ª Condessa de Atalaya, atrás referida.

um verdadeiro martyrio e depois não é só o calor que apoquenta, também o péssimo cheiro que há na câmara e nos camarotes.

À ceia, a respeito de comes e bebes, passa-se ali muito bem mas enquanto ao resto como já disse não é muito bom. O capitão é muito boa pessoa e muito amável. Chama-se Van Luna, decerto não se escreve assim, mas pronuncia-se como escrevi.

Mar da China, 22 de ABRIL de 1882. Partimos hoje de Surabaya pelas 8 horas da manhã, o mar continua na mesma mansidão e o calor torna-se insuportável. Graças a Deus estamos todos bons.

Soubemos há um instante que nos demoraremos em Macassar 4 dias, é horrível, mas felizmente podemos ficar a bordo. Não houve novidades durante o dia e espero que a noite se passe bem.

Mar da China, 23 de ABRIL do 1882, a bordo do BROMO. Felizmente passámos todos bem a noite e Graças a Deus todos nós nos achamos de saúde.

Hoje de manhã choveu muito, o que fez com que o calor não esteja tão forte. O mar continua muito manso. Tenho immensas saudades dos meus irmãos e de todos os meus e da minha terra.

Hoje é domingo. Faz-me sempre muita pena não poder ouvir missa, mas paciência. Os dias aqui parecem-me annos; secco-me horrivelmente.

Os holandezes que aqui vão são todos uns gebos muito grandes e pouco amáveis, só há dois que me são sympáticos, não falando no capitão e no 1º official, que são muito sympáticos e agradáveis. Não há novidade.

Macassar, 24 de ABRIL de 1882. Chegámos hoje a Macassar pelas 10h da manhã. Felizmente não houve transtornos na nossa viagem e graças a Deus continuamos bem de saúde. Choveu copiosamente durante o dia e não podémos ir a terra. Hoje, assim que chegámos, veio um homem, o capitão do porto, cumprimentar o Tio Bento da parte do Governador.

Macassar, 25 de ABRIL de 1882. Levantei-me às 8 1/2, almocei e depois fui para o toldo trabalhar. O dia esteve muito feio, choveu immenso. Todos nós bons graças a Deus.

O Tio Bento e Bento foram cumprimentar o governador que os recebeu muito amávelmente, é uma pessoa muito agradável, offereceu-nos a sua casa e poz a sua carruagem às nossas ordens.

Apesar das chuvas, às 5 horas da tarde, sahímos e demos um grande passeio na carruagem do governador. É uma caleche muito bôa, ia puxada a 4, fizemos um figurão! Voltámos para o vapor às 6 horas da tarde, às 7 tivemos a visita de Sua Exa., que nos convidou para irmos jantar a sua Casa.

Macassar é bastante comprida, mas não muito larga. Tem uma vegetação brutal, uma perfeita matta! É muito bonita no seu gênero, mas triste. Tem algumas casas de pedra e cal pertencentes a europeus. São no gênero das de Batávia, mas mais pequenas e menos ricas. A população[57] é numerosa de indígenas, que habitam todos as casas feitas com esteiras, no género das dos nossos pescadores da Costa. Chamam-se cubatas. Há muitos chinezes, algumas lojas pertencentes a estes últimos, que geralmente habitam em pequenas casas por cima dos seus armazéns. As ruas não são más, estão bem arranjadinhas. Há uma alameda linda, um encanto, as árvores são enormes, de sorte que se juntam em cima, mas duma maneira espantosa. Formam uma abóbada, não se pode ver o céu, o sol não mette ali o seu nariz, é lindo. Passámos pelo cemitério d'aquella pobre gente, fez-me a maior impressão tão pobre e tão triste. Não vi Igreja nenhuma, os hollandezes não teem muita religião, faz afflição.

Macassar, 26 de ABRIL de 1882, a bordo do BROMO. Fomos acordados, esta madrugada às 5 horas por uma chuva torrencial, horrível, acompanhada com um vento fortíssimo, fez um barulho espantoso e durou bastante tempo, ficou tudo alagado. Felizmente continuamos todos muito bem.

Ainda não se sabe bem ao certo quando partiremos, espera-se um outro vapor hollandez que deve trazer carga para este.

Às 5 horas 1/2 da tarde, mettemo-nos (mamã, Magdalena, Maria José e eu) na carruagem do Governador e fomos dar um passeio lindo que durou até às 6 1/2, hora a que voltámos para o vapor.

---

[57] Refere-se aos Buguis, que atrás se mencionam.

Viemos buscar o Tio Bento e os outros. Quando estes estavam promptos, mettemo-nos de novo na carruagem e partimos para casa do amável Governador.

A casa é bonita e boa, não digo que seja rica, está bem arranjada, mas nada de espantar.

Pouco depois de ali estarmos, chegaram o governador d'um forte[58] que aqui há, o comandante d'um naviozinho de guerra que aqui está estacionado e o capitão do porto. São todos muito amáveis e finos. Passámos muito agradavelmente, o dono de casa é uma pessoa muito estimável e muito fino, mette a gente no coração, é muito franco. Às 10 1/2 saímos, cheios de sono.

Fomos ainda ouvir tocar a banda de música militar. Coitados, não tocaram muito mal; quando chegámos a casa eram mais d'onze horas.

Macassar, 27 de ABRIL de 1882. Graças a Deus continuamos todos bem. Deus permitta que todos os meus ausentes estejam também bons.

Hoje levantei-me muito triste, tomei o meu banho péssimo, vesti-me para sahir e fiquei sem almoçar. Perto das 11 horas sahímos e fomos à fortaleza visitar o comandante das tropas aqui estacionadas que hontem nos offereceu a sua casa. É casado e tem 8 filhos. Vi 5 raparigas e 2 rapazes, são todos muito amáveis.

Não fiquei fazendo ideia nenhuma do forte porque não vi nada por causa da chuva que era immensa. Vimos uma caserna dos soldados indígenas, estava tudo muito bem arranjado.

Chegou hoje à 1 hora o vapor holandez que se esperava; atracou a este para, com mais facilidade, fazerem a baldeação; esperamos partir amanhã às 2 horas da tarde. Agora vamos sahir.

[58] Refere-se à poderosa fortaleza de Macassar, construída pelos holandeses dentro das muralhas do forte português. Dali fôramos expulsos em 1660. No ano seguinte ainda existiam 3.000 católicos em Macassar. Nesta feitoria se havia refugiado o Cabido da Sé Malaca e muitas famílias daquela cidade, quando em 1641 ela caiu nas mãos dos holandeses. Os Reis de Macassar haviam sido, durante mais de um século, aliados de Portugal. Mais uma vez ninguém referiu nada disso a Maria Isabel.

Bima, 29 de ABRIL de 1882. Chegámos hoje a Bima[59]. A ilha é grande mas muito insignificante. Há só cubatas onde vivem os indígenas. Parece-me que vivem ali 3 ou 4 europeus. Que tristeza, coitados! Não fomos a terra.

Larantuka, 30 de ABRIL de 1882. Partimos de Macassar no dia 28 à tarde. O mar estava bastante mexido, mais tarde levantou-se um pé de vento fortíssimo e choveu immenso; isto fez ficar o mar ainda mais bravo, todas as senhoras cahiram por terra e alguns homens entre elles o Bento e Fontes, que até àquelle dia não tinham enjoado. Eu deitei-me n'um sofá que estava nos toldos e ali me deixei ficar até às 5 horas da madrugada do dia 29.

Hontem não houve novidade, todos de saúde e o mar sossegado.

Hoje chegámos a Larantuka, uma povoação na Ilha das Flores[60], que é bastante grande, muita rica em vegetação, mas muito pobre em casas. Os habitantes são ainda meio selvagens. Estão aqui uns poucos de missionários cathólicos hollandezes que não tem perdido o seu tempo, há já muitos christãos[61].

---

[59] Refere-se à capital da ilha de Sumbawa que nunca visitei. Para os javaneses o mundo civilizado, a oriente, não passava das ilhas de Bali e Lombok que haviam absorvido as luzes da sua cultura secular. Para lá disso ficava um mundo que controlavam vagamente mas que consideravam primitivo, "sebrang", quer dizer, "ultramarino".

[60] Situa-se ao norte de Timor e mantém o nome que lhe deram os navegadores portugueses. Até 1860 era considerada zona de influência portuguesa. Cedemo-la aos holandeses a troco de dinheiro, embora com garantias no que tocava à preservação do catolicismo. Esta ilha fora até então objecto de intensa atividade missionária portuguesa, a partir das ilhas de Solor e Timor. O conjunto dessas ilhas, tão abertas à evangelização portuguesa, é genericamente designado por "Pequenas Sundas".

[61] Os missionários eram, nesta época, jesuítas que vinham fazendo bom trabalho, mas o grande número de cristãos devia-se, o que não disseram a Maria Isabel, aos esforços de missionários portugueses, dominicanos e também jesuítas, que ali trabalharam desde o século XVI. Quando visitei as Flores, registei toda a tradição, ainda viva, de um cristianismo alimentado por confrarias decalcadas sobre o modelo lusitano. Procissões, cânticos e roupagens, para além da terminologia usada neste campo, atestavam à saciedade a origem portuguesa do catolicismo local, ainda também presente nos preciosos objectos de culto trazidos de Malaca, via Macassar. Foi em Larantuka que as velhas mulheres da confraria "Mama Mudji" me rezaram a Avé-Maria e o Padre Nosso em português porque Deus, segundo me explicaram, só compreende bem a nossa língua.

Antes de se chegar à povoação passa-se por um estreito que é um encanto, o navio a passar pelo meio de dois montinhos matizados na verdura[62]; é d'um efeito lindo, há muitas árvores de fructus: laranjeiras, bananeiras, coqueiros, etc.

Há nesta ilha um vulcão (4 000 pés alt.) chama-se Lewotobi. O dia está muito feio, tem chovido immenso, por isso não fui a terra. Há aqui muitos cães grandes e dizem-me que são bonitos.

O capitão, e mais passageiros que foram a terra trouxeram-nos flores de campo muito bonitas e disseram que o País é muito lindo.

Os indígenas são quási todos selvagens, muito maus[63]. Em Fevereiro attacaram o convento onde vivem os missionários e mataram 3 homens. O seu maior gosto é de cortar cabeças aos brancos; agora estão mais sossegados. Mr. Forbes tencionava visitar o interior da ilha, mas visto o exposto mudou de ideias.

Em fronte da Ilha das Flores há uma pequena ilha chamada Adonara[64]. Está aqui estacionado um navio de guerra holandez.

---

[62] Larantuka, a capital da província oriental das Flores, situa-se num promontório a que os portugueses deram o nome de Flores, designação que depois se estendeu a toda a ilha. Na verdade, esse promontório oferece o espectáculo deslumbrante de uma infinidade de buganvílias e jacarandás a florescerem entre rochas e corais. Face ao promontório, em forma de T, juntam-se os estreitos de Solor e Adonara, águas serenas, de um azul transparente, limitadas por ilhas montanhosas.

[63] De facto, os naturais das Flores foram sempre famosos pela sua braveza muito difícil de vergar. A religião era por longos períodos ministrada e defendida pelas Confrarias. De anos a anos vinha um Padre, quando o havia disponível, mas era acompanhado por um "sargento" que lhe protegia a vida, e os filhos dos Régulos locais eram enviados para Solor ou Timor como penhor da vida do missionário. Ainda hoje persistem vastos círculos de animistas; as populações são o resultado de mestiçagem entre malaios e papuas; são escuros, cabelo encarapinhado, o que mais lhes confere um aspecto feroz.

[64] A ilha de Adonara fica mesmo em frente de Larantuka. Visitei-a num "out board" e fui recebido por uma comunidade reunida em torno de uma Cruz de Aviz em madeira erguida na praia, chefiada por um tal «Joãozinho». Mostraram-me um catafalco de Cristo morto, com as armas dos Braganças, bordadas de cabeça para baixo. Não deixam os Padres holandeses tocarem nos seus tesouros: imagens, cruzes, andores e outros variados objectos de culto. Mas a mim ofereceram-me, enquanto repetiam ordens militares em português, um Jesus de marfim, obra de Goa ou Malaca, com todos os traços da Renascença luso-oriental.

Agora já se começa a ver Solor[65]. Os habitantes de Adonara e Solor não são tão maus como os vizinhos.

Aqui os indígenas usam uns chapéus[66] feitos por elles. São muito ratões e originais. Tenho pena de não ter um para guardar.

Tive um presente de Mr. Forbes, um pássaro lindo da Nova Guiné, chama-se Pássaro do Paraíso. Está muito bem embalsamado.

---

[65] A ilha de Solor foi o grande centro inicial da evangelização portuguesa nas Pequenas Sundas. Mas ela foi também vítima da cupidez dos nossos comerciantes que a desmataram das cerradas florestas de sândalo que a cobriam. Lá existe ainda o forte português onde que se abrigavam os missionários portugueses, antes de se transferirem para Timor.

[66] Estes chapéus não eram assim tão ratões e originais, já que reproduziam, em palha, os chapéus que os portugueses usavam no século XVII. Ainda hoje são correntes.

Caderno IV

[...][67] A casa não está mal situada com respeito a vistas pois temos o mar na nossa frente, mas para a saúde está o pior possível, porque o local onde está construída foi na primitiva um pântano, depois cemitério e agora é casa[68]. Já se vê que não pode ser muito saudável, demais a mais é numa baixa. Foi uma grande asneira do Sr. Hugo de Lacerda.

Ainda no vapor, recebi cartas de Lisboa que muita alegria e tristeza me causaram. Estava tão triste nesse dia! Isto mesmo já eu esperava; sempre disse que depois da sahída de Lisboa o que mais me havia de custar havia de ser a entrada em Timor e a nossa installação na casa. Estou tão apoquentada que não dei valor nenhum à recepção do Tio Bento.

Quando o novo Governador desembarcou estava toda a guarnição formada em frente do palácio e numa sala deste esperavam-no todos os officiais, missionários, empregados públicos, etc. etc.

Depois passaram à sala do docel, onde está um retracto grande de El-Rei pendurado na parede por cima d'um estrado onde há

---

[67] Faltam algumas páginas do manuscrito que dizem justamente respeito à chegada a Díli.

[68] Esta residência dos Governadores foi posteriormente abandonada pelo Palácio actual, construído em local mais saudável, já nas abas da montanha. Dele resta um serviço mandarim com as armas do Governo de Timor e a data de 1884 em que eu e a minha prima Maria Amélia Champalimaud, bisneta do "Bento" deste diário, comemos um aborrecidíssimo banquete, em 1967.

Quartel de Infantaria de Díli, finais do século XIX.

uma cadeira; perto desta estava a nossa linda bandeira. Alli recebeu o Tio Bento, das mãos do major, o bastão de Governador; depois foram todos os presentes fazer os seus cumprimentos.

Finda esta cerimónia, dirigiram-se todos para a Igreja onde foi cantado um Te Deum. Findo este, depositaram o bastão no altar da Nossa Senhora do Rosário.

Depois vieram todos outra vez para o palácio, onde estiveram um grande bocado. Quando nós viemos para terra ainda estava uma grande formação ao pé do palácio; porém, depois retiraram.

Tivemos a visita das filhas do agente da companhia dos vapores hollandezes, dum official hollandez e dum outro rapaz também hollandez que é médico (estes últimos foram nossos companheiros de viagem). Eu, como já disse estava com um attaque de melancolia horrível, de sorte que não tinha pachorra nenhuma para fazer a conversa, desejava o mais possível vê-los pelas costas, mas a mamã fez mil offerecimentos aos dois para se demorarem mais e para almoçarem connosco. O primeiro não ficou pois a mulher esperava-o a bordo, mas o segundo ficou; felizmente as raparigas já se tinham ido embora.

Um instante depois entraram Mr. e Mrs. Forbes. Vinham fazer as suas despedidas. São boas pessoas e eu gosto bastante d'ellas,

Prato do Serviço Mandarim do Governo de Timor mandado fazer na China por Bento da França

mas confesso que quando os vi apparecer cahiu-me a alma aos pés. Elles não se queriam demorar porque viam que todos nós estávamos nos ares, mas a mamã tanto lhes pediu que ficassem que elles não encontraram outro remédio senão ficar. O mais bonito é que todos se safaram e eu é que tive que fazer sala e a conversa; só não sabia o que lhes havia de dizer, tinha a cabeça pelos ares.

Tinham vindo havia poucos instantes algumas cartas de Lisboa e sempre me faz isto muita sensação. Aos bocados, escrevi uma pequena carta para Lisboa agradecendo as cartas que tinha recebido. Escrevi à pressa pois o vapor partia poucas horas depois.

Finalmente, ao meio dia, fomos almoçar ou lanchar, como quizerem. Quando fui para a mesa, imaginei que podia estar mais à minha vontade sem ter que conversar mas, pouco depois de me ter sentado, oiço o Tio Bento dizer "o pobre do doutor está alli muito seccado, não tem com quem fallar! Oh Maria Isabel vae para ao pé d'elle"; não se imagina o que isto me seccou.

Era elle a pessoa com quem eu menos desejava fallar, não porque elle seja mal educado, nem má pessoa, mas eu não estava muito à minha vontade na sua companhia, pois na véspera tinha-me feito uma meia declaração. Eu tinha-lhe dado para trás muito diplomaticamente, mas fiz-me perceber muito bem. N'essa occasião estava muito atrapalhada pois não estava acostumada a estas coisas e não tenho pachorra nenhuma. O homem portou-se muito bem, não disse mais palavra a respeito da conversa da véspera, ficámos amigos como antes; só à despedida é que me disse que tinha

esperanças de me tornar a ver, ao que eu lhe respondi: "desejo-lhe uma bôa viagem e mil felicidades".

Estive em dúvida se havia de pôr isto aqui receando que por um acaso pudesse alguém ler estas linhas e dizer lá de si para si, olha como ella é tola! Mas como tenho quási a certeza que isto não há-de acontecer e como só faço este jornal para mais tarde me divertir a lê-lo às minhas primas e íntimas amigas, a quem prometti contar tudo, tudo o que se passasse durante a minha viagem, resolvi-me a contar aqui este notabilíssimo acontecimento.

Um bocado depois de acabada a refeição, começámos as despedidas: trocaram-se amabilidades, fizeram-se protestos de amizade e os ingleses tornaram a prometter-nos a sua visita.

Quando estes saíram voltei a ler as minhas cartas e estas, de novo, puseram-me num valle de lágrimas. Fiquei todo o santo dia numa tristreza profunda e com uma falta d'ânimo que até pedi perdão a Deus pela pouca paciência com que eu levava isto; chorei immenso e depois fiquei muito melhor, mas ainda bastante tristonha.

Enquanto o Bromo não partiu, estiveram os inglezes dizendo-nos adeus com um lenço e outras vezes com uma toalha enorme e nós correspondendo aos seus acenos. Ella parece ser uma bôa rapariga, faz-me pena vê-la ir para os selvagens.

Jantámos às 7 horas e pouco depois deitámo-nos. Dormimos todos muito bem, pois estávamos mais ou menos cansados.

No dia 4, arranjos mais arranjos e assim entretivemos o dia, nós as Senhoras, pois os homens tiveram immenso que fazer, andaram de Heródes para Pilatos.

Hoje Graças a Deus continuamos todos muito bem e não houve novidades, a não ser a visita do régulo de Montoel (acho que não se escreve assim, mas não sei ainda escrevê-lo bem) que vinha apresentar os seus súbditos.

Tio Bento e Bento foram visitar o quartel, hospital e a escola do governo e a prisão. Com o quartel e a prisão vieram horrorizados.

O hospital está velho, mas bem arranjadinho.

As estradas também estão péssimas, é quási impossível andar por ellas de carruagem, está tudo muito abandonado.

É pena, pois o país é riquíssimo. Há umas poucas de minas de oiro e cobre, café em grande abundância e outras coisas

mais que eu agora não me lembro; se fosse bem exploradinho, tinhamos, só daqui, uma riqueza, mas não há aqui ninguém para o fazer. É um presídio, uma terra honde há só degredados, se pode dizer, e dos piores. É bem triste sabermo-nos só cercados por assassinos! Que tristeza e que horror! Santo Deus! Nossa Senhora nos proteja.

Ainda não sahi de casa, se pode dizer; hontem dei uma volta à volta da casa. Hoje tencionávamos sahir, mas choveu por tal forma que nos foi impossível fazel'o.

Acho isto tristíssimo, muito feio (são as primeiras impressões), tem um calor impossível, sempre trovoadas e muitos tremores de terra. No mês passado houve 8[69]. Na noite passada houve um, mas felizmente não senti. Os indígenas teem o maior medo, coitados, e imaginam que é Deus que puxa por uns cordéis; começam todos a gritar e a dizer "ainda cá estamos, ainda cá estamos". Fazem uma berraria medonha. São muito tolos, coitados, mesmo uns brutinhos.

Há aqui perto da nossa casa um pântano bastante grande e perto há uma grande árvore que elles teem por santa e ao mesmo tempo teem-lhe um grande pavor; não são capazes de se aproximarem mas estão certos que junto da árvore há um grande buraco e que por alli se vae à Europa e que sahem por alli coisas maravilhosas! Quando nos viram a todos nós exclamaram: "uma família tão grande", naturalmente sahiram pelo buraco da árvore santa! Eu julgo que ainda estão convencidos d'isto.

Hoje entreti o dia limpando a minha machina de costura e uma outra que aqui encontrámos. Depois do jantar andei às voltinhas e à noite fiz serão. Vim para o meu quarto pouco depois das 10 1/2, porque todos foram dormir e agora é quási meia-noite; já dormem todos, vou-me deitar.

---

[69] Estes fenômenos poderiam ser já prenúncios da catastrófica explosão da ilha de Krakatoa, situada no estreito de Sunda, entre as ilhas de Java e de Sumatra. Foi uma das maiores explosões vulcânicas registadas pelo Homem. Ocorreu em Maio de 1883 e o fragor da erupção chegou até Timor e Austrália, a 3 mil milhas de distância. Durante dias as cinzas escureceram os céus de todo o arquipélago da Insulíndia e as vagas levantadas mataram 30 mil pessoas nas costas de Java. Estive em Krakatoa em 1966. Espectáculo desolador de morte, onde ainda não havia regressado a vida. Ilha esverdeada num oceano azul, iluminado por pequenas explosões regulares do vulcão.

TIMOR, 6 de MAIO de 1882. Graças a Deus dormimos todos bem e felizmente estamos todos de saúde. Tio Bento e Bento teem estado toda a manhã na Secretaria. Teem tido muito que fazer, há immensas trapalhadas. Nós as senhoras continuamos com os arranjos da casa. Levantámo-nos às 8 1/2, almoçámos às 9, jantámos às 4h e chá das 9 1/2 para as 10. Amanhã Domingo ainda não sabemos a que horas é a missa. É provável que amanhã comece a minha escripturação para Lisboa, pois dizem-me que há agora um vapor extraordinário, mas não se sabe quando chega, por isso quero escrever com tempo.

DILLY, 11 de MAIO de 1882. Graças a Deus nosso Senhor não há maior novidade na nossa saúde, só a Maria Ritta[70] é que já teve umas febrinhas, mas devido a umas borbulhas que tem pelo corpo. Todos nós as temos, pouco mais ou menos. Fazem uma comichão horrorosa, mas fomos mais felizes que ella, pois não criaram.

No Domingo fomos à Missa das 7; chovia bastante, por isso fomos de carruagem, mas primeiro que o cavallo se resolvesse a puxar vimo-nos em apuros. É muito sendeiro.

Durante o dia escrevi para Lisboa pois toda a semana se tem esperado o tal vapor extraordinário, que ainda não apareceu.

Durante a semana não houve nada de notável.

Uma tarde d'estas sahí, demos uma volta pela cidade que parece não me sahir tão feia como eu esperava; é verdade que eu fazia a ideia mais triste possível.

Há 5000 habitantes, sem contar os degredados que são em número de 1000. São todos o pior possível; é bem triste sabermonos rodeados por gente desta laia. Todos os dias comettem crimes, mas que castigo se há-de dar a esta gente que já está condenada à pena última! São incorrigíveis.

Felizmente ao nosso serviço não estão degredados nenhuns, a não ser um pobre velho prêto, que veio para aqui cumprir a sua sentença como chefe duma quadrilha de salteadores. Todos os que o conhecem, teem a certeza que elle pagou por outro, pois o

---

[70] Sua irmã Maria Rita d'Oliveira Pinto da França que nasceu em 11. VIII. 1887 e morreu em 1956. Viria a casar com José Maria de Mello Falcão Trigoso.

pobre negro é estúpido como uma porta. Talvez nem mesmo saiba a razão porque aqui está, coisas que acontecem.

Tio Bento e Bento continuam com bastante trabalho por trinta mil coisinhas que dão que fazer, muitas intrigas, faz nojo. É bem difícil o Governo. Para infelicidade do Tio Bento perdeu-se um vapor da Companhia Hollandeza, o "Banda", que tocava sempre aqui e que trazia bastantes coisas que rendiam bastante dinheiro para o cofre; mas como não chegou, o dinheiro não entrou, de sorte que estão muito em baixo os fundos. Receia-se que não chegue para fazer os pagamentos d'este mês.

Como ia dizendo, a cidade não é tão má como eu imaginava, há algumas casas de pedra e cal, mettendo nessa conta os edifícios públicos. A Igreja, pequenina e decente, podia estar um pouco melhor. Além disso, um Quartel menos mau, Hospital, Alfândega, Prisão, uma outra casa para onde vae agora a Secretaria e não sei se mais alguma outra e 6 ou 7 casas particulares.

A vida aqui é muito cara, custa tudo um dinheirão. Aqui não se encontra nada, há a maior difficuldade em obter qualquer coisa pois é preciso mandar vir tudo de Macau ou dos outros portos mais próximos. E como aqui tocam pouquíssimos vapores, 1 por mês, leva-se 6 meses primeiro que se consiga ter o que se deseja. É triste.

Rua do Comércio em Díli, finais do século XIX.

Agora espera-se um vapor extraordinário mas ainda não appareceu, já estou com medo que elle não ponha cá o pé.

Dilly, 14 de MAIO de 1882. Graças a Deus nosso Senhor todos nós continuamos de saúde e espero e peço a Deus que todos os meus ausentes gozem igual bem. Estamos distantes de Lisboa 2400 léguas pouco mais ou menos. Que tristeza, mas haja saúde, é o principal.

Hoje Domingo, fomos à missa das 4 e já tivemos duas visitas.

A primeira foi dos missionários; são todos homens muito apresentáveis e o Chefe, padre Medeiros, é muito agradável e inteligente.

A segunda, d'um official e sua mulher.

Faz callor.

Hontem houve uma grande insubordinação d'um soldado que é um degradado acusado de morte ou mortes, não sei bem. Agora está aqui fazendo serviço e não sei o que fez, mas o que sei é que estava mettido em conselho de guerra.

Quando foi chamado para responder, apresentou-se de charuto na bocca, um dos officiais disse-lhe que o deitasse fora, mas elle não obedeceu, pô-l'o atraz das costas. De novo o official lhe disse que o deitasse fora, elle então chegou-se a uma parede e apagou-o e depois meteu-o numa algibeira e poz-se numa posição de fadista. Mandaram-no juntar os calcanhares, o que elle não fez, dizendo que nunca tinha sido militar e perguntou se aquillo era formatura, depois lá se resolveu a fazer o que lhe mandavam.

Leram-lhe a sentença e elle ficou numa fúria. Perguntaram-lhe se tinha alguma coisa a dizer. Primeiro disse "que não", mas depois "sim, senhor, sempre quero dizer que o Sr. Fulano de tal (o nome do official que deu parte d'elle) é um falsário e um grande mentiroso, etc.".

O capitão disse a dois cabos que o prendessem; elle então insultou também este official. Depois de estar preso, fez ainda trinta diabruras, quiz evadir-se, foi preciso o comandante da companhia ir armado ao calabouço. Logo que este entrou, a fera atirou-lhe com a porta e elle fez fogo, mas o tiro falhou; afinal sossegou um pouco.

Vai ser julgado e o Tio Bento tenciona castigá-lo bem, pois merece. Dizem que pode mattar o official para se vingar.

Conto isto aqui para se fazer uma pequena idéia dos bons soldados que aqui há; são quási todos desta leva. Os officiais, salvo 2 ou 3, são muito pulhas em todos os sentidos. Assim é impossível ter-se Colónias.

Dilly, 18 de MAIO de 1862, Quinta-Feira da Ascensão do Senhor. Infelizmente já não posso dizer que todos nós continuamos de saúde, pois já metade do rancho está muito podre. Estão uns por terra e outros para lá caminham. Todos os dias cahe um: o primeiro foi o Antoninho, depois Maria Ritta, Fontes[71] (febre forte bastante, que lhe atacou a cabeça), Jacintha (febre também forte), Maria José e a pobre Nanina[72], que está muito murcha, coitadinha. Daqui a dias está tudo doente, cahimos como soldados de cartão.

Já tenho tido por vezes dores de cabeça grandes, tonturas e arrepios de frio, é já o veneno que está produzindo o seu effeito, mas nada mais por enquanto. Hoje sinto-me ainda rija.

Levantámo-nos todos, os que estamos ainda de saúde, e fomos à missa das 4, por causa do sol e calor que mais tarde há, mas ainda assim, quando voltámos para casa, já fazia bastante calor.

No dia 15 chegou aqui um vapor hollandez, mas era extraordinário e partiu no dia 16 à noite, levou cartas nossas para Lisboa. Nós não tivemos notícias, pois o vapor vinha das Molucas e agora só poderemos ter notícias dos nossos lá para os meados do mês que vem, é bem triste mas paciência.

De Domingo para cá não houve mais novidades nenhumas, a não ser às que já me referi.

Hoje, depois do almoço, a Magdalena e eu fomos fazer um puding à ingleza para o jantar. Ainda está no forno, mas parece-me que sahe obra asseada.

Depois fomos ter com um criado nosso que faz o pão (aqui é preciso fazer-se o pão em casa pois o que há à venda é mau e pouco) para elle nos ensinar o modo de o fazer. Logo que este acabou o seu discurso, mettemos mão à obra e puzemos em prá-

---

[71] Poderá admitir-se que Fontes, tantas vezes referido, fosse o ajudante de campo do Governador.

[72] A Governanta e suas irmãs Maria José e Maria Bernardina, atrás referidas.

tica as theorias do Sr. Militão. Fizemos duas flautas (pães sobre o comprido), ainda não sei como ficarão.

É preciso fazer qualquer coisa para matar o tempo. Temos muitas gallinhas, também me servem de divertimento, todas as manhãs lhes levo de comer.

Faz immenso calor. Vem hoje jantar connosco o Sérgio de Sousa, pessoa com quem nós convivemos. Temos outras visitas, mas só de cumprimentos..., tudo ao largo.

Esteve cá hontem o padre Medeiros, chefe da missão, fallou-se de naufrágios e elle disse: "se V. Exas. tivessem sahido mais cedo de Lisboa era muito possível que a estas horas já não existissem, pois o navio que devia aqui aportar antes do «Bromo» era o «Banda»!".

O Bromo foi o vapor que nos trouxe e o Banda o que se perdeu. Ainda não tínhamos pensado nisto, mas agora vejo que havia muitas probabilidades de embarcarmos no que naufragara, que felicidade tivemos. Foi Deus!

Vi num Diário Ilustrado que o Gallicia (o vapor que nos levou de Lisboa para Gibraltar) na sua primeira viagem de Lisboa para Londres, depois da nossa partida, teve que arribar a Vigo. Também nós escapámos d'um bello susto, heim!

Hontem, depois do jantar, Bento, Magdalena e eu demos um grande passeio, andámos 3kms.

Dilly, Domingo, 22 de MAIO de 1882. A respeito de saúde, temos muito a desejar. Eu felizmente ainda me sinto menos mal, mas já tivemos doentes e ainda temos dois: a Maria José e Marina Anna[73]. Ambas tiveram uma febre bastante forte, deliraram por umas poucas de vezes, mas hoje estão melhores, não teem febre, mas ficaram fraquissímas.

Estou todos os dias à espera da minha vez, todas as manhãs tenho dores de cabeça e sinto uma grande moleza, naturalmente são avisos da chegada das febres. Que grande seca, mas todos temos que passar por isto. Na verdade este país é muito saudável!

---

[73] Sua irmã mais nova, Maria Ana d'Oliveira Pinto da França, que nascera em 15.XI.1880 e viria a morrer em Timor, a 8 de Novembro de 1882, de febres palustres, segundo se sabe por este diário.

Não haja dúvida! Ainda não havia 15 dias que aqui estávamos, já a Senhora Febre tinha feito das suas.

Há já immenso tempo tinha muita vontade de dar lições d'inglez e agora parece-me que consegui arranjar um mestre. É o médico, que todos dizem fallar muito bem esta língua; fez o seu curso em Bombaim n'uma escola inglesa.

Dilly, 28 de Maio de 1882, às 10 horas da noite. Infelizmente continua a reinar a febre cá por casa; de há uns dias para cá, todos os dias entra uma pessoa de serviço, das 14 que somos. Só faltam ser atacadas 4, que são Tio Bento, Magdalena, Maria Bernardina e eu, que não tenho passado muito bem, mas ainda assim não tenho muita razão de queixa.

O Henrique[74] teve um febrão, atacou-lhe muito a cabeça. A da mamã e Bento foram fracas felizmente. A pobre Maria Anna está desfiguradíssima, coitadinha não parece a mesma, tem sofrido muito. Há quási 15 dias que a febre não a deixa, pobre criança, está fraquíssima, quási que não pode andar.

Hoje perdemos a missa por causa da chuva que foi muita. Não há novidades, passam-se os dias na maior sensaboria. Desejo impacientemente o dia 17 ou 18 do mez que vem; é quando deve chegar o vapor que traz a mala. No fim do mesmo mês também temos outro vapor da mala, mas no mez de Julho "nicles", ficamos a apitar, que tristeza!

Hontem tivemos uma distracção; à tarde o Bento e Fontes compraram uns cavalinhos muito novos e que não foram ainda montados, foi um divertimento. O cavallinho do Bento custou 4500! Foi mais barato que um casal de perus que hontem também comprámos; custou 5000 rs., tem graça.

Já estão todos deitados, excepto a Jinha, que me está fazendo companhia.

Este anno o negócio do caffé está muito em baixo para infelicidade nossa, dizem-me que todos os annos por este tempo já aqui estavam alguns navios mas este anno, ainda nem um só cá appareceu.

---

[74] Seu irmão Henrique d'Oliveira Pinto da França que nasceu em 11.XI.1873 e viria também a ser vitimado pelo paludismo, em Timor, a 24.V.1883.

Dilly, 2 de JUNHO de 1882. Agora felizmente estão todos bem, vamos todos à mesa, mas naturalmente não será por muito tempo. A Maria Anna não tem tido febre estes últimos dias, mas coitadinha está cheia de feridas. Mamã, Tio Bento e Maria José também teem bastantes borbulhas que muito os incommoda. Eu tenho sido feliz, pois se pode dizer ainda não tive nada. Tenho dias de grande abatimento, muitas dores de cabeça, mas mais nada, e já aqui estamos há um mez menos um dia. Mas agora quando a febre me ataccar pode ser bem forte, pois acontece sempre assim.

No dia 31 de Maio deu o Tio Bento um jantar ao chefe da Missão, Medeiros, Bispo de Gôa, Padre Gomes. Convidou ainda as seguintes pessoas: Lassi (director da Alfândega), Silva Pereira, Tancredo Caldeira (delegado da Fazenda), Casal Ribeiro (agrónomo), Bernardino Lobo (médico), Porphyrio Sérgio de Sousa (administrador do Concelho), Capitão Fernando António e o alferes Pimenta. Correu tudo muito bem e passou-se menos mal, são estas as pessoas apresentáveis que aqui há, fora mais uns dois ou três.

Hontem pelas 9 horas da manhã deu entrada neste porto o vapor que há mais de 6 mezes que daqui tinha sahido. Trouxe preso um hollandez que tinha sido contractado pelo nosso Governo para commandar este vapor, mas tantas patifarias fez que está preso. Hoje fazem-lhe uma syndicância.

Hontem tivemos noticias dos Forbes pelo piloto que trouxe aqui o "D. João". Já estão em Timor "Laut"; ella mandou-me um d'estes bilhetes de bôas festas e à Magdalena uns livros inglezes e umas poucas de músicas para cantar, com isto veio também uma carta muito amável.

Espero com impaciência o vapor da mala e que deve chegar aqui lá para o dia 15.

Dilly, 4 de JUNHO de 1882. Já há outra vez trez doentes com febres: Maria José, Fontes e Jinha. Forte zanga! O Tio Bento continua preso em casa por causa das feridas que muito o incomodam. Os outros felizmente menos mal, não posso dizer bem. Tenho-me lembrado hoje muito da Tia Ovar, faz 1 anno que

morreu o Tio[75]. Coitada. Continuam as intrigas, faz-me um nojo tudo isto!

Dilly, Sexta-Feira, 9 de JUNHO de 1882. Estes quatro dias últimos, tivemos muito cuidado no Henrique que tem estado de cama com uma febre renittente, que o deixou num estado de abatimento enorme. Hoje Graças a Deus está muito melhor, mesmo hontem já tinha experimentado consideráveis melhoras. Contudo ainda se acha de cama e está a caldos, pobre pequeno. O médico, que é muito bom, sempre disse que a febre não era perigosa, ainda que teimosa.

Maria Ritta e Maria Anna teem tido também umas febrinhas mas coisa passageira.

Hontem foi o dia de Corpo de Deus, houve aqui grande festa, realmente uma festa bonita, muito decente. Em Lisbôa ninguém imaginaria que aqui houvesse uma festa tão boa. A Igreja é bonitinha e estava hontem muito bem arranjada, mesmo bonita. Os frontais dos altares são lindos, encarnados bordados a prata e o desenho representa espigas de trigo, parras e cachos d'uvas, lindamente bordados (estes frontaes pertencem aos missionários).

Às 10 1/2 começou a missa de festa acompanhada a orgão pelo chefe da alfândega Lassi e cantada pelo Padre Medeiros (chefe da Missão) e seus pupillos; correu tudo admiravelmente. Houve um sermão muito bem pregado pelo padre Alves, homem muito intelligente e instruído, fallou muito bem. A Igreja estava quási cheia de gente, todos os officiais e empregados públicos e gente do povo. Gostei immenso.

À tarde houve procissão, só o páleo; acompanharam-na Tio Bento, Bento, todos os officiais, empregados públicos e as forças militares. À sahida houve uma salva de 21 tiros; devia haver duas, mas não poude ser por falta de pólvora.

Na véspera da procissão, o Tio Bento lembrou-se de convidar o commandante das companhias e os officiais para cá virem jantar depois de acabada a festa; ao mesmo tempo, nós

[75] António Maria Pereira da Costa, 2º Visconde de Ovar que nasceu a 14.VIII.1818 e morreu a 4.VI.1881.

lembrámo-nos que era uma grande sensaboria para elles e para nós o tal jantar, pois os officiais e comandante estão a ferro e fogo, não se podem ver. Estivemos, quero dizer estiveram Tio Bento e Bento sem decidir nada, mas afinal resolveram convidá-los. O Comandante à noitinha mandou pedir mil desculpas de não vir, mas achava-se muito incommodado; "fita", mas andou com cabeça, ficámos todos mais à nossa vontade.

Hontem na Igreja o Vaquinhas (comandante) não se poude sentar um boccado, porque em todos os bancos estava gente e elle com todos está mal, é um homem impossível.

Estavam muitos timores de chapelinhos e vestidos à europeia, mas que typos! Não se imagina! É para a gente morrer a rir; custou-me muito ficar séria, mas lá consegui. Vou fazer a descrição duma toilette: começa pelos pés, umas botas enormes amarelas, de que espécie não posso dizer; uma saia branca muito tesa, fazendo um grande ballão, por cima um vestido de cassa côr de rosa já muito desbotado, de grande cauda, enfeitado com uma fita de lã verde bastante forte; o corpete da mesma cor e qualidade da saia, justo ao corpo, deixando assim ver a ellegância da dona... O chapéu era o melhor de tudo, de folhas amarelladas, feitio muito difícil dizer como era, uma espécie de frigideira, que tinha à roda uma fita larga de côr duvidosa, que atraz fazia um laço com pontas pendentes bem compridas; na frente tinha um rabo de gallo muito espetado e, a um lado, uma flor decerto muito rara, que pelo menos não era do meu conhecimento. Ora aqui está uma das elegantes de Timor. As outras também se vestem pelo mesmo figurino. São taes quaes uns homens que no entrudo se vestem de mulher, pasma-se para aquelles "presépios", são impagáveis.

Mas voltando outra vez ao jantar correu tudo muito bem, elles coitados estiveram bem, são todos muito gebos e alguns muitíssimo estúpidos. Fiquei entre dois alferes que eu nunca tinha visto na minha vida, imagine-se quanto me foi custoso começar a conversação, depois lá foi, mas não preciso de dizer que me sequei muitíssimo. Um d'elles é de Macau (o mais fallador) e o outro da nossa província do Minho (é bom homem, mas muito sensaborão). Estive perdida de riso por vezes, lembrando-me que trez dos presentes, poucos dias antes, tinham sido esfogueteados pelo Tio Bento, pois vieram cá fazer-lhe uma representação tolissima

e eu, lembrando-me da scena e das caras deles, perdia-me de riso. Quando se foram embora, eram 11 horas, safa que massada;

Dilly, 18 de JUNHO de 1882. Agora Graças a Deus estamos todos menos mal, mas infelizmente não posso dizer bem. O Henrique esteve muito mal deu-me uns sérios cuidados, teve uma perniciosa, ainda está bastante fraco.

Faz hoje oito dias que cá houve um jantar dado ao Juiz, isto é modo de dizer, juiz feito à pressa, filho de indios[76], mas nascido neste País. Também foram convidados o presidente da Câmara, que Câmara! E os delegados, ambos patrícios do Juiz, não vieram porque se achavam incommodados. Também vieram os seguintes: Pereira, delegado da Junta de Fazenda, Pereira, teshoureiro, Osório, official da alfândega, um rapazito de Macau, bem educadinho, Albino, patrão-mor do Porto e Saturnino (valsa o St.º Antoninho), mestre escola. Foi convidado porque dá lições aos nossos pequenos, é um pobre palerma. Em resumo uma sensaboria por casa.

Há immensos dias que esperamos o vapor da malla, mas em vão, ainda não appareceu, demora-se muito.

Na sexta-feira fomos assistir à festa do Coração de Jesus, correu bem e foi feita com muita decência.

Hontem fomos, Bento, Magdalena, Fontes e eu dar um passeio embarcados. Gostei bastante, a tarde estava linda, era ao sol posto, o céu estava matizado com bellas cores que faziam um effeito lindo, lindo. Fomos às duas entradas da barra, ali já se sentia os effeitos do mar, demos dois ou trez saltinhos menos maus.

De noite, dei lição d'inglez com o médico.

Hoje, Domingo, fomos à Missa das 7.

Tivemos umas visitas interessantes: o Juiz, Sua Mulher e Irmã, trez macacos. Vinham esplêndidos!

A Madame trazia um vestido de seda preto feito em Macau, naturalmente, vestido de casamento cheio de arrebiques, muito comprido, de sorte que a pobre timora não se sabia mexer. Estava vendida, coitada. Luvas brancas (de meia, como usam as nossas criadas), muitíssimas carnes e um chapéu - mas que chapéu!-, uma

---

[76] Creio que deve entender-se como goês.

barretina de veludo preta com enfeites também de veludo, mas azul celeste, e muitas flores brancas. Mademoiselle, vestida de cor de rosa, que amor! O vestido era de cassa com galões de fita de lã rouxa. Carregada de ouro, na cabeça um lindo chapéu de palha branco enfeitado com fitas azuis e feixes de flores brancas, feitio d'um prato chato.

Estúpidos como uma porta, pelo menos na apparência e digo assim, pois só lhes ouvi "sim", "não". Realmente tivemos uma conversa muito interessante... Estes timores são impossíveis.

Para se fazer ideia do indifferentismo que teem por tudo e a baixeza de sentimentos com que são dotados, vou contar um caso que aqui se deu antes d' hontem à tarde. Foi na praia que se passou o que vou narrar.

Andava um pobre africano muito bêbado a cantar e dançar, mil pantominices; em volta d'elle estavam 20 ou 30 timores, rindo das suas tontices. De repente o pobre preto, que se achava com os pés dentro d'água, não sei que voltas deu que cahiu. Como não pudesse levantar a cabeça, logo, por causa do peso que n'ella tinha, suffocou-se.

O Tancredo Caldeira que presenciava a scena da janella duma casa próxima gritou àquella gente que acudisse ao pobre homem que se estava a afogar, mas elles nem se mexeram. Elle, Tancredo, correu para a rua, mas quando chegou à praia aquella banda de estúpidos dispersaram, fugiram um para cada lado, cheios de medo e assim deixaram morrer um homem como se deixassem morrer uma fera!

Isto parece impossível, mas não é: quando o Tancredo chegou à borda da água, já o desgraçado tinha sido levado pela corrente e foi-se, nunca mais appareceu.

Dilly, 2 de JULHO de 1882. Graças a Deus estamos todos agora quási bem, digo quási bem, porque o Tio Bento e Maria José continuam com as taes mofinas feridas que os impossibilitam de andar. O Henrique já teve outra febre mas felizmente pequena. A Maria José em 8 dias esteve duas vezes de cama com febres, a Maria Anna também já teve outra, assim como a Jinha. Eu já me estreei, mas atacou-me com pouca força, O Antoninho teve uma febre urticária (não sei como se escreve), mas já está bem.

Até ao dia d' hoje não se passou nada que mereça menção. Hoje sim, prestou juramento ao rei de Portugal, Sr. D. Luiz I, o rei de Laleia, D. Manuel Caetano Delgado Ximenes. Trouxe de presente ao Governador 4 búfalos, 2 carneiros, 1 porco, 20 galinhas e 4 paus de cera. O Tio Bento também o presenteou com canipo e genebra em grande porção, lenços e quatro pannos (o que elles usam para se embrulharem); são estes os presentes que elles mais gostam. O rei vinha acompanhado por toda a sua gente e mais atraz vinha um rancho composto de mulheres e homens vestidos d'um modo muito extravagante. As mulheres com uns panos de differentes cores atados na cintura e uns outros por cima, atados por baixo dos braços, cahindo até quási aos joelhos. Nos braços traziam pulseiras, e na cabeça uns lenços de cores vivas postos na testa, deixando ver atraz os cabelos que estavam semeados de flores. Traziam uns tambores pequenos pendurados ao pescoço. Esquecia-me de dizer que cada uma trazia 3 ou 4 lenços pregados nas costas, mas cada um de sua cor, uns amarelos, outros encarnados, etc., etc.

Os homens, pequenos quási todos, de tanga e com uns pannos encarnados, postos pelos ombros e traçados no peito. Usam os cabelos muito crescidos e como estes são muito crespos, faz-lhes uma cafurina enorme. Alguns traziam também uma espécie de turbante encarnado na cabeça e outros muitíssimas penas muito compridas espetadas nos cabellos. Muitas pulseiras nas pernas e braços. Todos traziam nas mãos umas espadas pequenas ou faccas de matto, excepto dois, que traziam numa mão uma espécie de tampa de panela e na outra uma baqueta de pau; eram os músicos. Logo que chegaram, começaram a saltar e a dar gritos selvagens, depois formaram-se a dois e dois.

Os músicos principiaram a batter desalmadamente nas taes tampas de panella, como eu lhes chamo, mas elles dão-lhes o nome de Samegon. Começou então uma dança que se chama Tabédai e que era, como se esperava, uma dança selvagem; isto durou seguramente uma hora.

Entretanto o rei prestava juramento perante o Governador, todas as authoridades principais dos reinos, etc.

Finda a cerimónia, passaram todos à casa de jantar onde houve beberete. Fizeram uma saúde a El-Rei; ao povo também se deu canipo, bebida que elles muito gostam, e que é feita com suco de canna e outros ingredientes. Deve ser péssima.

Dilly, 1 de SETEMBRO de 1882. Há trez meses que aqui não escrevo e a razão é simples: nada de interessante tem havido; hoje porém variou um pouco chegou a mala que nos trouxe boas noticias graças a Deus. Oxalá que continuem todos bem. Temos tido sempre doentes com febres e Maria José, além das febres, tem tido umas feridas nas pernas muito teimosas.

O vapor que chegou hoje chamava-se Tamborá e o capitão, De Hartum, cavalheiro, veio jantar connosco e passar parte da noite. É um puro artista, toca uns poucos de instrumentos, mas hoje só ouvimos tocar dois, citara e rabeca, muito bem. Tocou várias coisas, umas poucas de canções allemãs, Serenade de Schubert, Avé Maria de Gounod, um bocado de Fausto, um bocado de Guilherme Tell, etc., etc. Cantou ainda umas canções bonitas, estivemos toda a noite entretidos. Também cá jantaram e passaram a noite Porphyrio de Sousa, Ernesto Lassi e Henrique Pereira. O Capitão fez-me presente d'um leque muito bonito. Elle é muito bem educado, foi official de marinha. Agora só cá volta d'hoje a dois meses.

Vou-me deitar, o vapor sahiu a barra às onze horas, pouco mais ou menos.

Timor, 3 de SETEMBRO de 1882. Estamos todos menos mal, graças a Deus não há novidades. Este mez que findou correu menos mal tanto com respeito ao estado sanitário como pecuniário. A população de Dilly é de 3.500 almas e em todo este mez houve poucos óbitos, a alfândega rendeu pouco mais ou menos 4.000$000 rs, o que não é mau. Se assim fosse sempre, era bem bom.

Espera-se agora, n'este mez, outro vapor, ainda bem; já porque nos traz noticias, mas também porque anima o comércio. Estamos a 3.000 e tantas léguas de Lisboa! Esta distância é assustadora.

Dilly, 6 de JANEIRO de 1883, Dia de Reis. Há quanto tempo aqui não escrevo! De então para cá quantas apoquentações temos sofrido! Até Novembro não tivemos desgostos, mas depois que afflicção; a nossa querida Maria Anna, coitadinha, tão engraçada, boazinha e tão querida para todos nós, deixou-nos no dia 8 desse mez, após prolongado e doloroso sofrimento, victima d'uma

anemia palustre, proveniente das febres. Tivemos um desgosto enorme e conservamos verdadeira saudade. Sei que é feliz, que está no Céu, mas muito nos custou a sua morte.

Depois d'isto os desgostos do Tio Bento por causa do Governador de Macau, Graça[77], que parece está de propósito firme de reprovar tudo quanto o Tio lhe propõe.

No dia 4 tivemos um susto horrível, uma afflição enorme, que só quem passou por estas coisas é que pode dar verdadeiro valor. Pelas 9 horas da manhã foi o nosso Luís[78] atacado por uma congestão cerebral proveniente também das febres; ficou como morto, uma cara cadavérica, um horror, porém Deus quis poupar-nos a este enormíssimo desgosto e salvou-o. Com a ajuda de Deus e em resultado de todos os soccorros que lhe foram prestados foi a pouco e pouco experimentando melhoras e hoje, Graças ao Senhor, está consideravelmente melhor. Mas que dia e que noite, Santo Deus! Passámos um verdadeiro martyrio.

Verdade, verdade, temos passado um tempo bem amargurado. Há mais de 8 mezes que não se passa um só dia em que não estejam uma ou duas pessoas doentes! Que apoquentação, meu Deus! Estes dias de festas teem sido bem tristes para mim e pàra todos nós.

---

[77] De facto, Bento da França pediu a demissão do Governo de Timor por incompatibilidade com o Governador de Macau, de quem dependia. Por certo terá também contribuído para a decisão, o estado de saúde da Família e a morte dos filhos.

[78] Seu irmão Luís Paulino João Baptista d'Oliveira Pinto da França que nasceu em 24.VI.1871 e morreu no Bairro Alto a 20.IV.1916. Era um boêmio, de graça castiça, olho torto, conhecido entre a família como o "João Sapatinho". A meio da vida tomou a cargo a bailarina espanhola "Lola" que seu cunhado Luís Perestrello trouxera de Madrid. Era uma mulher "brava", que metia quantos homens podia em casa e, segundo a família, lhe terá chegado a dar vidro moído na sopa, mas com quem apesar disso ele chegou a casar à hora da morte. Vim a descobrir, por um companheiro do Curso de Direito, que a Lola ainda era então viva, sua vizinha no Barreiro. Viúva, ainda fora ajudada financeiramente pelo Tio Jorge, Conde da Figueira, companheiro de borga do Tio Luís, antes de casar com um piloto de cacilheiros. O meu Pai, quando era pequeno, costumava sair no yatch que o Tio Luís tinha na Trafaria.

As últimas notícias que tivemos foram pouco boas. A doença do Tio António[79], que nos dá cuidado pelo seu estado de fraqueza. As péssimas noticias do Antão Garcez[80], que dó me fazem elle e os paes. Pobre Baroneza[81], tão extremosa pelos filhos e elle, coitadinho, tão novo e tão bom; sempre fui muito amiga dele, mas depois que o sei tão doente aumentou a minha sympathia. A morte da Isabelinha (?), pobres pais.

---

[79] Seu tio materno, António da Gama Lobo Salema Saldanha e Sousa, que morreria poucos anos depois, de tuberculose.

[80] Deve referir-se a Antão Garcez Pinto de Madureira, neto primogênito do 1º Barão da Várzea do Douro, irmão de Maria Bárbara, Bisavó de Maria Isabel.

[81] Deve referir à Mãe de Antão, Augusta Amélia de Pimenta, 2ª Baroneza da Várzea do Douro.

Caderno V

Dia 21 de JUNHO de 1883, em frente da ilha de Lombok, a bordo do vapor LANSBERGE, no mar de Java. Felizmente deixei Timor, terra que aborreço e que tão fatal nos foi, no dia 1 de Junho de 1883 (Dia do Coração de Jesus).

Perdi ali dois irmãos tão queridos, pobres anjos que nunca esquecerei. Em dois mezes perder dois irmãos é horrível!

No dia 8 de Novembro de 82 morreu minha irmãzinha Maria Anna, victima das febres do paiz, ao cabo de 6 meses de soffrimento, contando 2 annos e meio de idade. Era uma criança engraçadíssima, muito meiga, um amor. A sua morte causou-me profunda dôr.

No dia 24 de Maio, Dia do Corpo de Deus, quis Deus levar para si mais um anjo: levou-nos o nosso querido e engraçado Henrique, victima também das febres do Paiz. A sua morte foi quási instantânea, mas d'um soffrimento horrível. Ficámos todos surpreendidos com esta nova desgraça e a sua falta será sempre, sempre notada. Era um rapagão, contava 10 annos, era alto, bem formado e bonito. Tinha coisas, ditos e acções óptimas. Era um tanto moreno, cabelos castanhos, nariz e boca bem feita e uns olhos aveludados com uma expressão encantadora, enfim lindos, que davam um realce àquelle rosto tão symphatico. Conquistara todas as sympathias da terra, de sorte que a sua morte foi muito sentida por todos, quer ricos quer pobres. Custou-me e custa-me muito a ideia de nunca mais poder ver o meu afilhadinho, mas Deus assim o quiz, seja feita a sua vontade.

Além d'estas desgraças todas, nós sempre adoentados, algumas vezes bem doentes e depois todas as sensaborias com o Governador de Macau, mais tarde a nomeação do Roza para Governador de Macau, sendo official mais moderno que o Tio, fize-

ram que se resolvesse partir para a Europa. Meu irmão Bento e mulher, por ordem do Governo, vão para Macau. Deus permitta que sejam felizes.

A viagem não tem sido boa temos tido sempre bastante mar e muito vento, tem havido muitos enjôos e eu, além do enjôo, tenho passado muito incomodada com febres e com um ataque de figado e baço. Gracinhas de Timor. Meus Pais e Irmãos e Jinha também têm padecido, mas eu é que tenho sido a victima.

Este vapor G.G. Lansberge não é muito grande, mas é muito bom, tem uma máchina muito forte. Estamos bem acomodados e o Capitão e os officiais são muito amáveis. São nossos companheiros de viagem os Forbes, um official que estava em Timor e que vae agora para Macau com mulher e mãe. São boas pessoas. Também vae um homem, não sei se inglês, de sorte que vamos quási em família, é muito cómodo. É hoje o primeiro dia que escrevo aqui, porque não me tem sido possível fazê-lo, umas vezes por estar com febre e outras por causa do mar.

Hoje, apesar de estarmos fundeados, ainda temos baloiço, por isso desculpe-me quem ler estes rabiscos. Devo dizer que fomos bastante obsequiados por todos em Timor e que tivemos provas de sympathia no dia da partida.

Agora vou contar o que se passou durante a nossa viagem:

No dia 1 de JUNHO, como já disse, partimos de Dilly nesse dia às 6 1/2 da madrugada. O dia estava um pouco nublado. A viagem começou bem, todos nos conservámos em cima até às trez horas; para a tarde levantou-se um vento tal, que se tornou muito incomodo e que atrasava muito o andamento do navio. Nós, as senhoras, ficámos derrotadas. A mamã foi para baixo e nós, as outras, ficámos em cima. O Bento também vomitou. Tio Bento sempre bem. Para a noite o mar tornou-se mais buliçoso. Todos nós pouco ou nada comemos. Ficámos todos em cima, excepto os que já estavam em baixo.

No dia 2 de JUNHO, levantámo-nos todos pouco mais ou menos às 6 da manhã, o mar estava ainda mais agitado. As senhoras sempre por terra e o Bento atordoado só foi ao almoço, que é às 8 horas. Durante o dia nada fizemos por causa do mar que estava pouco amável. Todos enjoados! Esperávamos ver terra mas

foi em vão. Para a noite aumentou o vento. Haviam de ser 10 1/2 quando começou um grande aguaceiro que nos fez dançar de grande. Tratámos de nos accomodar para dormir perto das 11 horas. Nós as senhoras estávamos um pouco melhor por termos comido alguma coisa ao jantar, que é às 4 1/2. Ficámos em cima as mesmas que na véspera. A Maria José teve febre, mas à noite estava melhor.

No dia 3 de JUNHO, levantámo-nos cedo, já se via muito ao longe Banda; alegria geral. A mamã veio para cima e nós, os outros, fomos para a proa ver a terra. Eram aproximadamente 8 horas, quando fundeámos em Banda[82]; o canal de entrada é lindo e riquíssimo de vegetação. À direita quando se entra temos o vulcão de Banda, é alto mas não muito.

Seriam 10 horas quando tivemos a visita do Residente, que é muito ratão, mas foi muitíssimo amável. Convidou-nos para sua casa, onde fomos muito bem recebidos. Depois do jantar choveu muito.

No dia 4 de JUNHO, não fui a terra, porque estive com febre, mas pelos que foram soube que a terra é bonitinha e muito asseada. Foram à fortaleza de baixo que está bem arranjadinha e foi construída pelos portugueses.

À tarde tivemos a visita da mulher do assistente (que não é residente). Deitámo-nos às 11 horas.

No dia 5 de JUNHO, fomos quási todos a terra ver uma plantação de noz moscada muito bem tratada e que é bonitinha. Eu estava muito fraca e fiquei incomodadíssima, estafada.

Às 5 horas levantámos ferro. Quando sahímos parecia que o mar estava mais brando, mas qual história, exactamente na mesma ou um pouco pior e nós as senhoras começámos a sentirmo-nos enjoadas. Para a noite o vento e o mar redobraram de furor. Deitámo-nos.

---

[82] Ilha do arquipélago das Molucas, a sul de Amboina. Apesar de muito pequena foi sempre fabulosamente rica em especiarias.

No dia 6 de JUNHO, levantámo-nos às 6 da manhã, na esperança de podermos ver Amboina[83]. Tivemos a decepção de nos acharmos ainda bastante longe. O mar estava mau e a pouco e pouco tornou-se pior. Havia um nevoeiro que não se via nada, de sorte que passámos para diante de Amboina, entrando depois no porto por uma arribada. Ancorámos às 10 1/2 da manhã. O dia estava chuvoso, muito feio. Não fomos a terra e deitámo-nos cedo.

No dia 7 de JUNHO, de manhã fomos para outra ponte para o vapor metter carvão. Às 9 horas pouco mais ao menos fomos a casa de Mr. Morhir, onde estivemos até à 1 hora. São amabilíssimos. O dono da casa tocou muito bem. Cantou bem um official hollandez e a filha do dono da casa.

Amboina é uma cidade bonitinha e está bastante adiantada; há bastante gente europeia. Há muitas casas de pedra e cal. Há óptimos bolos que os indígenas fazem e uns cestos com cravo da Índia muito engraçados. Tencionávamos partir no dia 4, mas só partimos no dia 8.

No dia 8 de JUNHO, levantámos ferro às 6 1/2, pouco mais ou menos, o mar estava menos mal dentro do canal, mas o tempo apresentava-se muito carrancudo. Logo que nos achámos no mar largo, encontrámos mar grosso e de travez. O mar foi-se tornando cada vez mais bravo e às 8 horas entraram no navio duas grandes vagas que produziram grande baloiço e fizeram cahir mesas, cadeiras, etc. Causou um reboliço e um susto enorme, isto tudo devido as fortíssimas correntes que alli há. Meia hora depois serenou o mar e o dia pôs-se melhor.

[83] Em 1967 fui convidado pelo Governador das Molucas para visitar Amboina, cabeça do arquipélago. A recordação dos portugueses era tão forte que a nossa visita teve foros de visita de Estado. Todas as aldeias estavam enfeitadas, das multidões que nos aguardavam saíam mulheres que traziam crianças para a Sofia lhes "tocar". Ouvia-se sussurrar com emoção "orang português" (são os portugueses!). Por todo o lado se esbarra com vestígios portugueses. A língua é mestiçada de uma infinidade de vocábulos portugueses; assistimos a danças de guerra em que os homens traziam capacetes portugueses do séc. XVI; a baía em que repousa a cidade chama-se Boca e a sua entrada estreita, Passo. E o Landsberge deve ter dobrado o cabo de "Martensafonso" para chegar à cidade.

Pelas 4 horas houve outra vez dança mais suave. À noite choveu, mas o mar estava sossegado. Fomos todos à mesa. Estive bastante incomodada durante o dia. Deitámo-nos às 11 horas pouco mais ou menos.

No dia 9 de JUNHO, o Antoninho teve uma febre bastante forte; eu também tive, mas foi ligeira. O tempo esteve menos mau havendo porém baloiço.

No dia 10 de JUNHO, durante a noite de 9 para 10 houve muito vento, dançámos muito bem contra a nossa vontade. Para se chegar a Menado[84] tem que se entrar numa enseada; o aspecto da terra à primeira vista não agrada, mas dentro é muito bonito e está tudo muito limpinho. Tem casinhas muito bonitinhas, umas no género das de Singapura e outras como as de Java, todas com seus jardins muito tratadinhos. Durante o dia houve um calor insuportável, mas à tarde houve uma viração muito agradável. Geralmente há muito calor durante o dia, mas às noites sopra o vento das montanhas que é muito fresco.

No dia 11 de JUNHO, não houve nada de novo. O António tornou a ter febre, mas menos forte. Estivemos para ir a terra, mas não fomos porque o capitão não nos podia ceder um barco, visto estes andarem todos empregados a trazer a carga. Em Menado não há barcos de qualidade nenhuma. Não, minto, há uns barquinhos muito esguios que só servem para transportar 3 pessoas.

Dia 12 de JUNHO, levantámo-nos cedo, arranjámo-nos e fui para terra com as manas e o Fontes. Demos um grande passeio por Menado que, como já disse, muito nos agradou. Quando regressávamos, lembrámo-nos de ir procurar o Dr. Bimerman, nosso companheiro de viagem na vinda para Timor e que me fez grandes rapapés. Não sei se já lhes contei, parece-me que sim. É allemão

---

[84] Menado é capital do norte de Sulawesí, a imensa ilha em forma de estrela, a que por isso, os portugueses chamavam de Celébes.

e muito phylósopho. Recebeu-nos o mais amávelmente possível, deu-nos refrescos, tocou piano e muito bem.

Fizeram-me grande caturreira! Já se vê, fomos ambos o alvo de todos, que zanga! Dizem que o meu Adónis estava muito comovido, trémulo, etc, etc. Também não admira, não é verdade ? Eu pela minha parte não sei o que senti... Tanta foi a comoção, que tive uma febre muito grande! Fui presenteada com um enorme frasco de pílulas de quinino e ferro. Que presente tão pobre para um apaixonado! É preciso notar que isto tudo, este resto, é tudo caturreira. Não percebi nem comoção nem tremeliques do Senhor Doutor e eu nunca me importei com Sua Exa. para nada, acho-o um bom rapaz, muito bem educado e disse.

Tive uma grande febre durante o dia e das mais incómodas, com vómitos. À tarde entrou no porto um navio de guerra hollandez.

No dia 13 de JUNHO, nada de novo. Minto, chuva e um horrível calor. Rimos por causa de um trabalho em que andam os criados empenhados, em içar um boi para o vapor; a bordo tudo serve de divertimento. No dia 14 esteve o Bento bastante incomodado com febre durante a manhã, mas o resto do dia esteve menos mal.

O Luiz também teve bastante febre e eu só um mau estar. Às onze horas tivemos uma visita, mas que visita! O Dr. Bimerman que veio numa "lêpa" a bordo. Veio fazer as suas despedidas e pedir desculpas de não ter ido a bordo na véspera mas não lhe tinha sido possível; viu os doentes e retirou-se muito comovido, segundo diz meu irmão Bento. Ao meio dia levantámos ferro. O tempo estava excelente. À noite havia frio. O Luiz estava melhor. Tinhamos um passageiro novo que nos fez rir, por causa da fraseologia.

No dia 15 de JUNHO, não houve novidades.

No dia 16 de JUNHO, eram os annos da Magdalena, o tempo estava bom. Para a tarde tinhamos sobre nós uma enorme trovoada a ponto de termos de andar a meia força. Mais tarde aliviou em consequência da muita chuva que tinha caído. Nós todos enjoámos, o tempo continuava mau, porém, menos mexido.

À tarde apareceu o novo passageiro como "o lindo amor", a ponto de o capitão ter que o mandar para o camarote. Ao jantar fizeram-se saúdes à Magdalena. Fizeram-se saúdes significativas a Maria José por causa d'uma pessoa. A Magdalena estava muito encasquetada de que era verdade.

Durante a noite houve um baloiço tal que nos não foi possível dormir. Apagaram-se as luzes todas, não havia meio de as acenderem. Acostaram-se às ilhas do Paternoster às 10 horas da noite.

No dia 17 de JUNHO, começámos a ver ilhas de ambos os lados, curiosas pelo aspecto que apresentavam. Às 4 horas viam-se já as balisas do porto de Macassar[85] e pouco depois casas. Ás 5 e tanto fundeámos, mas não atracámos à ponte por já lá estar outro vapor da mesma companhia. Depois do jantar foram meus irmãos a terra; eu não, porque não estava bem.

No dia 18 de JUNHO, logo de manhã fomos para a ponte, visto ter partido o outro vapor. Tomámos alguma coisa e pouco depois tivemos a visita de uma filha do agente de vapores que está em Dilly. A filha casou com um Alemão residente em Macassar e que tem de seu. Convidaram-nos para casa, onde estivemos todo o dia. Pusemo-nos de cabaias, lanchámos lá, e à tarde veio ella connosco jantar a bordo. Depois do jantar fomos para cima e elles pediram-nos muito que fossemos passar a noite com elles, ao que acudimos. Foi também o Capitão e o primeiro official.

No dia 19 de JUNHO, levantámos ferro às 2 e tanto. Antes de sahirmos tivemos as visitas do Capitão do Porto que é muito considerado e d'um outro figurão. O mar estava muito mexido e nós as senhoras todas enjoadas, nada mais.

No dia 20 de JUNHO, não houve novidade a não ser avistar-se já de manhã a montanha de Lombok, onde fundeámos às 4 1/2 da noite. O António e eu tivemos febre.

[85] Macassar, capital sul de Sulawesi, já atrás referida.

No dia 21 de JUNHO, não houve novidade. Lombok[86] é uma ilha independente e a capital chama-se Ampenam; é riquíssima em produtos e exporta algodão e algum café. Encontra-se alli ouro e não sei se prata; também há bastante movimento no porto, que em certa ocasião é muitíssimo desabrigado. Disseram-me que as indígenas são bonitas. Quando passámos, havia uma epidemia de varíola. Às 5 horas da tarde levantámos ferro e seguimos para Bali. A Ritinha teve uma febrinha.

No dia 22 de JUNHO, chegámos a Bali[87] seriam 6,45 da manhã, mas não deitámos ferro; não havia carga a não ser 6 cavalos que já estavam nos barcos e logo que parámos aproximaram-se do vapôr, onde foram recebidos, não diremos muito amavelmente. Depois d'esta scena puzemo-nos a caminho, faltava 1/4 para as 8. Bali pareceu-me bonitinho, tem bastantes casas de telhas. Estive bastante incomodada todo o dia. O Luís e Antoninho também tiveram febre.

No dia 23 de JUNHO, chegámos esta manhã aqui a Surabaya e alojámo-nos no mesmo hotel do anno passado.

Hontem à noite seriam dez horas da noite, avistámos um vulcão[88] numa montanha de Java e que há muito não dava signal

---

[86] Lombok é uma pequena ilha que se situa entre Bali e Lumbawa. Está separada desta última por um canal a que corresponde uma das maiores profundidades abissais da Terra. Ali acaba o continente asiático e começa o australiano. O canal tem umas centenas de metros de largura, mas etnias, fauna, flora mudam radicalmente de uma ilha para a outra, desaparecendo as espécies asiáticas. Também em Lombok termina a cultura de base hindu-javanesa e em Lumbawa se inicia uma sociedade de base animista que se estende para leste. Por independente entenda-se não estar plenamente sujeita ao poder holandês.

[87] Maria Isabel nem sonhava o paraíso que se escondia em Bali; a sua riqueza cultural e natural, quotidiano de rituais e elegância, as cerimônias, a música, a dança, os trajes coloridos e ricos, os arrozais deslumbrantes, os templos, os palácios. Na realidade Bali era um paraíso perdido, uma ilha defendida por bancos de coral, que a conservaram isolada do mundo até ao primeiro decênio do séc. XX, quando os holandeses enfim aí penetraram e impuseram a sua administração. Os balineses acreditavam e acreditam que Bali é o "Mundo" que descansa sobre uma imensa tartaruga em pleno oceano.

[88] Deve tratar-se do vulcão Bromo já atras referido.

de si. É um dos que fez grandes erupções no verão 1831. Aqui há tempo fez erupção e ainda assim se conserva; é d'um effeito lindo. Não sabemos bem a altura, mas calculo de 15 000 pés.

Seria uma hora da noite do dia 22 para 23, sentiu-se um grande choque, depois grande reboliço. Assustámo-nos, mas não foi nada de maior, porque o mar estava sereno. Arrebentou-se uma corrente do leme; o resto da noite que passou também foi muito bulhenta, pouco dormimos. Estivemos um boccado parados à espera do piloto e, como não prenderam o leme, este mexia-se e dava enormes pancadas no vapôr; fazia um barulho enorme, muito seccante.

Quando fundeámos, eram 8 1/2 pouco mais ou menos, já estávamos todos promptos e mettemo-nos em botes a caminho de terra, para ganharmos o hotel onde estamos. Tivemos que percorrer grande parte do canal que é lindo. Nas ruas dos lados há casas lindas e grande movimento no canal, que está sempre cheio de barcos de todos os tamanhos e feitios. As árvores que o ladeiam estão bastante crescidas, de sorte que há bastante sombra. Os barcos são puxados à sirga.

Tio Bento e Bento foram procurar o cônsul que foi amável como sempre. Veio-nos visitar e fazer mil offerecimentos. Sahímos antes do jantar e depois do jantar não tornámos a sahír.

A bordo do LANSBERGE, 25 JUNHO de 1883. Hontem durante o dia estivemos em casa, eram os annos do Luiz, ao lunch fizeram-se-lhe saúdes. Às 8 1/2 fomos na carruagem do nosso cônsul para sua casa, onde jantámos e passámos a noite muito agradavelmente, em família.

Hoje levantámo-nos cedo e viemos para bordo por causa do calor; é uma e 1/2 e ainda não largámos ferro, naturalmente só partimos às 3. Vamos directamente a Singapura, porque há muito calor em Batávia. Aqui também há bastante, hoje morreram em duas horas três pessoas aqui na praia, faz horror. Deus permitta que tenhamos boa viagem. Ainda hontem tivemos doentes com febre, foi a Maria Bernardina; eu continuo bastante incommodada. Separámo-nos hoje dos nossos companheiros de viagem, Mr. Forbes e mulher. São óptimas pessoas e fazem-nos immensa falta.

Singapura, 30 de JUNHO de 1883. Jesus, meu Deus, que dias tão atribulados que temos tido! A infelicidade persegue-nos

horrivelmente. Se Deus ouvisse os meus rogos decerto nos pouparia mais, mas não fui atendida, bem sei que não sou digna, mas nem eu sei o que pense nem que diga! Há um anno que temos soffrido muito, tanto phisica como moralmente; que desgostos e apoquentações! Seja tudo o que Deus quizer.

A morte dos meus irmãos deixou-nos na maior tristeza e ainda nos gottejava sangue do coração quando um novo e grande desgosto nos veio ferir de novo! A nossa bôa, querida e sempre chorada Jacintha[89] deu a alma ao Criador no dia 28 d'este mez, depois de dois dias de horrível soffrimento, no estreito de Singapura, na altura da ilha de Banka e Sumatra.

No dia 27 disse-nos que se sentia muito incommodada e que tinha desenteria muito forte. Immediatamente se lhe deu Landons, o que lhe fez muito bem. Poz-se boa desta doença, mas como estava muito fraca e anémica não teve forças para resistir ao enorme abatimento em que ficou. Esteve sempre em si até aos últimos momentos, fazia o maior dó vêl'a e ouvil'a! Foram horríveis aquelles dois dias para ella pobre criatura e para nós que a viamos soffrer. Meia hora antes de morrer perguntei-lhe se se sentia mais alliviada e ella respondeu-me com a voz já muito rouca "estou morta". Que terríveis momentos aquelles!

A tua memória, minha querida Jinha, fica gravada no meu espírito e coração para nunca mais se extinguir. Descansa em paz boa e pobre amiga. Acompanhei-te até ao fim, fui eu quem te fechei os olhos, é esta uma das consolações que me resta, a outra é saber-te no Céu, gozando da recompensa que tão justa é! Morreste sem Sacramentos, mas Deus assim o quiz.

O seu cadáver foi lançado ao mar como sempre acontece às pessoas que morrem a bordo. Repito, paz à tua alma e lembra-te lá no Céu de mim que te choro e que nunca esquecerei o quanto fôste tão boa. Por causa da tua dedicação perdeste a vida, não mais voltaste à tua terra nem viste a tua irmã, que tanto estimavas.

Sahimos de Surabaya no dia 25, às três horas da tarde, um mar de leite que felizmente assim se conservou até aqui, onde chegámos ontem, todos apoquentadíssimos, mas menos mal de saúde. Estamos alojados, aqui em Singapura, no mesmo hotel do ano passado, Hotel d'Europa.

---

[89] Como já se disse tratava-se da ama ou governanta de muitos anos.

Esta noite dormi pouquíssimo. Primeiro estive com o pensamento fixo nas scenas tristíssimas que se passaram a bordo. Depois tive uma invasão de mosquitos e pouco mais tarde começou o Tio Bento a sentir-se muito incommodado. Teve uma indigestão muito forte, esta manhã ainda vomitou muito e agora está com febre que felizmente não é muita. O Bento coitado tem estado bem incommodado com febrinhas pequenas que o teem abatido muito. Espero em Deus que se há-de restabelecer bem depressa. A Magdalena também teve hontem febre. O resto do rancho menos mal.

Por enquanto ainda não sahí. Partiu esta manhã uma esquadra francesa, que vae para a guerra que elles francezes têm na China. Hontem ao jantar não se viam senão officiais francezes quási todos rapazes novíssimos.

Tencionamos partir d'aqui a 4 dias, na mala Franceza. Deus nos dê boa viagem. Parece que há mala para Hong-Kong no mesmo dia.

Separámo-nos do Bento, custou-me bastante, mas que fazer se assim é preciso?

Singapura, 1 de JULHO de 1883. Hoje graças a Deus estamos todos menos mal.

Hontem saí com as duas manas pequenas e com o António, fomos de carruagem, demos um passeio e depois fomos à casa do Padre Pinto saber a que horas eram as missas, depois viemos para casa.

Tivemos a visita do cônsul, do Padre Pinto e d'um allemão. Também hontem, veio jantar connosco o immediato do vapor onde viemos até aqui. Conversámos muito. Deitámo-nos às 10 horas.

Hoje levantámo-nos às 6 horas da manhã, fomos à missa das 7. Estava a Igreja cheia de gente, malaquianos e malaquianas[90]

---

[90] Em Singapura continua a subsistir uma vasta colónia saída do «portuguese setlement» de Malaca. Esse grupo vive naquela cidade histórica em bairro próprio, em torno da igreja de S. Pedro, que até agora mantém Pároco Português. Integra os descendentes dos católicos malaios e mestiços que ali permaneceram após a queda de Malaca nas mãos dos Holandeses. Em Singapura o maior número de católicos são paroquianos da Missão de São José.

que se dizem todos portuguezes. Há bastante gente no Hotel, há um movimento espantoso; todos os dias se vêem caras novas.

Logo, tencionamos sahir de carruagem, aqui ninguém anda a pé, há immenso calor. Vem hoje jantar connosco o Capitão do Lansberge. Nada de novo.

Cada dia gosto mais de Singapura, é alegríssima e já me cheira um pouco a Europa. Durante todo o dia e noite há pelas ruas grande movimento.

A falta da Jinha é sempre notadíssima. Antes d'hontem foram os annos da Thereza Ovar; fez-me saudades dos outros annos que já lá vão.

25 de JULHO de 1883, a bordo do Anadys, Mar Vermelho. Deixámos Singapura no dia 5 último; n'esse mesmo dia separámo-nos do Bento e Magdalena. Custou-nos bastante, lágrimas, etc, etc.

Ao meio dia levantámos ferro e partimos. Graças a Deus estávamos todos bons. O vapor é muito bom, estamos bem acommodados. É um dos maiores da Cia. des Messageries.

Chegámos a Colombo no dia 11, dia dos annos da mammã, mas nada posso dizer do País porque nada vi; adoeceram os dois pequenos, de sorte que nos mettemos no hotel e não sahímos. A viagem foi bem incommoda, porque havia muito mar.

Chegámos a Aden no dia 22, depois de 7 dias de um baloiço impossível; que mar Santo Deus! Que pinote! Havia immensos doentes a bordo, mas eu fui uma valentona, fui sempre à mesa.

Agora há 3 dias que navegamos no Mar Vermelho, felizmente não há muito calor e o tempo está sereno. Amanhã entramos no canal, se Deus quizer, e por isso temos um concerto, vamos a ver o que sahe d'alli.

Temos vários companheiros, sendo alguns bastante brutos typos, outros muito elegantes, amáveis, doces, como por exemplo o noivo da Maria José, que está dando um ar da sua graça. Está n'um extasis, contemplando a sua amada! Não lhes digo nada, atira-se com o maior descaramento possível; é todo assucar, sorrisos lisos que d'alma lhe vêem. Não se imagina, só visto, e ela é toda coquete com ele. Agrada-lhe ter alli sempre ao pé um fiel servidor.

Ai! ditosa que tu és Pepita! Só eu a pobre desgraçada, tenho que ficar olhando como a raposa para as uvas. Enfim, seja o que Deus quiser!

O meu "cunhado" está agora fazendo uma cara muito séria. Com estas coisas todas esqueceu-me de lhe fazer o seu retrato. Em quanto ao moral é uma pomba sem fel. Phisicamente é delicioso, alto, magro (aqui baixinho, diga-se que parece um bacalhau seco), cabello louro, olhos da côr do céu, bigode loiro, muito, mesmo muito, teso, bocca airosa um tanto arregaçada d'um lado, os dentes não digamos muito brancos, esmaltados de verde. Quando anda, é com uma elegância ideal. Eis aqui o meu futuro "cunhado". Este é um dos personagens mais notáveis.

Os outros não merecem menção, embora alguns haja que se tornam dignos de ser fallados. Um inglez muito novo e engraçado que nos diverte muito e de quem tenho o retrato, que depois lhes mostrarei. Chama-se Eyshaw. Um francez sympathico, muito amável e alegre, chama-se Joubert. Uma senhora francesa e marido, Senhoras inglezas, mais uns suíços, americanos, chinas com filhos. Uma d'ellas é minha amiga, ferra-me cada massada!

Deixei para o fim o falar em dois hespanhoes que são muito nossos companheiros, rimos muito com elles, parecem boas pessoas e são bem educados. Vêem ambos da China. O mais velho chama-se José Velez, etc., etc., foi vice-cônsul da Hespanha em Cantão, tem 30 anos, é alto, magro, bem parecido, não é muito alegre, não sei se é por não se achar bem, mas às vezes também gosta de brincar. O outro é baixo, nem magro nem gordo, também galante e muito engraçado. Quando estamos com elle estamos sempre a rir. Gosto bastante d'elles.

O comandante é pouco amável e os officiais não respiram, não os conheço quási.

29 de JULHO de 1883, a bordo do Anadyr, Mediterrâneo. Passámos dois dias no Canal de Suez sem maior novidade. As margens do canal todos os dias tendem a embelezarem-se, achei differenças do anno passado para cá; mais casas, jardins começados, etc. etc. D'aqui a 10 annos há-de estar bonito se conseguirem que as árvores cresçam.

Desta vez não havia tanto movimento, mas ainda assim encontrámos bastantes navios, entre elles um transporte francez

apinhado de gente; vae para a China e leva a bordo officiais e tropa para a guerra. O navio é enorme, um monstro.

De saúde temos passado menos mal, não posso ainda dizer bem. A viagem corre óptima, não podemos desejar mais.

Hoje está um dia esplêndido, lindo, lindo, não há calor nem frio, o céu está límpido, o sol claríssimo e as águas do mar d'um azul bellissimo. Agora reina a bordo o maior sossego, é hora de quási toda a gente fazer o seu kilo.

Pois, minhas queridas amigas, vou-lhes contar o que se passou durante o concerto em que já lhes falei. Primeiro que tudo, vou-lhes dizer que foi uma borracheira magna, uma massada de metter os tampões dentro, daquellas massadas que quando uma pessôa se vê livre d'ellas respira livremente.

A festa começou às 8 1/2 por uma symphonia bem tocada, depois tocou uma Senhora, por signal péssimamente. Houve umas palhaçadas bem feitas, mas umas partes muito ordinárias, chulas, de feira. Mais umas tontices e disse.

Serviu-se a "neve"[91] e quando este serviço acabou, quizeram dançar, mas era de todo impossível, pois não havia quem o fizesse. Todos se esquivaram, de sorte que havia só dois ou três gatos promptos para a dançarola. Esses que dançavam fizeram-me rir pelo modo como o faziam, são todos muito "gauches".

Vem aqui a bordo uma hespanhola bastante pobre e viúva, mas ainda bastante nova. Não sei se por desgosto ou lá pelo que é, o que é certo é que a creatura não tem a cabeça muito no seu lugar. Querem saber o que ella fez na noite da malograda soirée? Appareceu vestida de húngara! Espanto geral e grande risota. Isto deu lugar a acenos e ditos engraçados dos dois hespanhoes que a têem protegido, mas que estavam um tanto enfadados. Ri muito com os dois hespanhóis, Osório e Velez, por causa da zanga do segundo e dos ditos engraçados do primeiro.

Às onze e meia o capitão, que não passa d'um gallego de esquina, dava mais uma prova da sua pouca educação. Deu uma ceia no seu camarote, que é todo aberto, a 4 pessoas, que estão nas suas graças, porque lhe fazem mil tagatés. As outras pessoas, que não têm pachorra para lhe fazer a corte, ficaram olhando-os

[91] Sorvete?

e, por signal, fazendo o seu juízo, geralmente pouco favorável, de "Sua Exa".

A propósito, vou-lhes contar uma amabilidade de sua "Senhoria". A bordo não é permitido fallar alto depois das onze da noite; muito bem, deve ser assim, mas o chabancas do Comandante, quando tem sonno antes dessa hora, entende que mais ninguém pode falar. Para melhor dizer, imagina-se um rei pequeno ou grande, porque casou com uma Baroneza, naturalmente feita à pressa. Elle é de carácter tão pequeno que deixou o nome de seus pais para tomar o título da mulher e usar corôa de Barão !!! Ai! Pobre asno, agora quando se imagina uma grande pessoa é justamente quando está fazendo uma figura de poltrão! Dá vontade de rir não dá? E dito isto, está tudo dito.

Mas bem, vamos à história d' hontem; ainda não eram onze horas, é preciso que se note, estava eu conversando em voz natural, e a minha voz não é muito forte, com um dos espanhóis, que se chama Fernando Osório, quando chega o politriqueiro do Comandante e diz-me numa voz de papão "Mademoiselle, faça favor de falar mais baixo e de não fallar tanto, porque eu quero dormir. Acha bonito isto? Não poder eu dormir no meu próprio camarote? Agora não falle mais". Deu meia volta e foi para o quarto, deixando ir a porta que se fechou com grande ruído! "E vae aos pois", que me dizem desta óptima educação? Não imaginam os calores e frios que senti! Tive umas ganas de lhe prespegar uma bofetada que não imaginam. Nunca ninguém me disse uma coisa tão pouco delicada, foi este pedante o primeiro, então já se viu! Que tal lhes parece a graça? Passaram-me muitas coisas pela cabeça para lhe dizer, mas como estava ao pé de mim um homem e como, se eu dissesse alguma coisa, elle tomaria a minha defesa entendi ser mais prudente não lhe dizer nada, não lhe dar importância, mesmo porque não quiz descer a ter de altercarmos. Faço tenção de lhe dizer, se vier a propósito, que não dei importância nenhuma às suas palavras, só notei a enorme má educação de que elle é dotado, e mais nada.

Podia, ainda, aqui notar trinta mil gracinhas deste "comis-voyageur", que é o que elle é, mas tirava-me muito tempo e não vale a pena. Anda embirrado com os hespanhoes e mais alguns passageiros. Tem-lhes feito brutalidades e acho que os tem mal conceituados, mas, como talvez receie alguma queixa, falla-lhes às vezes para lhes adoçar a bocca.

Porém, hoje, achou-se enganado com o Osório que estava hontem ao pé de mim, quando se passou a scena, e que ficou furioso e com vontade de lhe dar uma lição. Esta manhã estavam os dois no tombadilho e o Comandante cumprimentou o Osório. Este último voltou-lhe as costas. Então o Comandante perguntou-lhe se não tinha visto que elle o cumprimentara, ao que o segundo respondeu: "vi sim senhor". Volta o Comandante: "então posso tomar nota?". "Pois não" respondeu o Osório, acrescentando "é, em Marselha ajustaremos contas".

Bem, basta de histórias de pulhas, não acham? Passemos a outro assunto que nos faça rir um pouco. Sou muito infeliz, minhas queridas amigas, tenho uma paixão assolapada por um rapaz lindo, um amor, que vem aqui a bordo, mas elle, o ingrato, não corresponde aos meus mais delicados sentimentos. Passo martírios, estou horas ao espelho para ver se lhe agrado, mas não, é tudo inútil. Não sei, o que hei-de fazer, decididamente sou infeliz. Vejam vocês se me encomendam um noivo, pois já me vou tornando matrona, havemos de tratar disso não é verdade? Vamos ver o effeito que vou produzir nos lisboetas, meus queridos patrícios.

A Maria José cada dia está mais tola com o seu Rudolpho. Nestes últimos dias ela tem estado impossível de aturar. O lindo amor tem tido o c'[...]n'um estado miserável, cheio de borbulhas, que o impedem de o assentar em qualquer afortunada cadeira que se ufana de sustentar aquelle gracioso corpinho. Por isto tem estado mettido no camarote. Hoje porém desapareceu a nuvem negra que até aqui entristecia os corações e ao romper d'alva appareceu..., apareceu o..., adivinhem, o mais que tudo da Josepha.

Dizem por ahí as más línguas uma coisa que eu cá sei, mas como sou muito incrédula em tais ditos acreditei. Aposto queriam saber o que é, mas eu não digo porque..., ora adeus.

5 de AGOSTO de 1883, a bordo do Anadyr, em frente das Ilhas de Prisne. Estamos aqui há 3 dias de quarentena e ainda nos faltam 4. Na verdade é muito seccante, mas a coisa que me consola é termos ficado a bordo, pois com certeza o hotel é pouquíssimo asseado.

Tenho passado bem incomodada com febrinhas. A mamã também não tem passado bem e os pequenos também têm tido febres. Hoje Graças a Deus estamos todos bons. A nossa viagem

ultimamente foi encantadora e depois que avistámos terras italianas foi interessantíssima. Eu estava secadissima, não desejava que os tempos passassem. Ou não, fazia melhor em desejar que elle passasse, mas que andasse devagar! Mais tarde responderei.

No dia 30 ou 31 de madrugada avistámos o Vesúvio. No dia 31, parece-me, pois vimos as montanhas da Calábria que ao princípio são muito áridas, mas que, à medida que se vae andando, vão-se vendo muitas casinhas até que se vê Melito, mais adiante Régio e depois uma outra povoação que não sei o nome e que é edificada em cima dumas rochas. Quando se chega a essa terra temos à esquerda Messina, cidade da Sicília, que já tínhamos visto havia muito tempo, muito bem empenachada com o seu Etna fumegante. A passagem do estreito é lindíssima, pois como é estreita goza-se para ambos os lados. Depois do jantar, à direita vimos Procida, Ischia e Itália, à esquerda as ilhas Lipari, Stromboli (vulcão), ilhas bastante produtivas em vinhos, depois nada mais vimos porque anoiteceu. O pôr do Sol nesse dia foi esplêndido.

No dia 6 chegámos a Nápoles. Levantei-me ainda noite a fim de ver a entrada que é linda. O que se viu primeiro foi o Vesúvio, que infelizmente não estava em erupção. Um pouco mais tarde vimos Capri. Quando pássamos por Sorrento era ainda noite. Nápoles é, vista do mar, muito parecida com Lisboa. Tive a maior pena de não ir a terra, mas que fazer, paciência. Demorámo-nos alli 3 horas pouco mais ou menos e partimos.

Costeámos a Córsega que é linda, montanhas cheias de verdura e de mil povoações; passamos pertíssimo de Bastia, uma das primeiras cidades da ilha, depois tivemos um bocado que se não viu terra.

Foi pequeno, porque começámos a ver França, e agora estamos aqui mettidos há 3 dias e ainda nos faltam mais 4, que fastio.

Marselha, tenho visto por um óculo. Uma vez estava d'óculo em punho para ver se percebia o que era um ponto preto que eu via na encosta da Montanha; a pouco e pouco vai-se aproximando mais e mais até que pude ver distintamente que era um homem a cavallo n'um burro com um grande chapéu de sol encarnado aberto. Quando dei parte do que via houve de novo grande espalhafato. Nesse dia estive eu bem alegre, mas ria-me de mim mes-

mo, e depois, mais tarde, no meu camarote, é que pensei que me podiam caturrar, o que aconteceu.

10 D'AGOSTO de 1883. Continuamos todos bem graças a Deus. Só depois d'amanhã é que podemos sahír daqui; nada tem havido de novo com respeito a coisas sérias.

Houve hontem uma soirée esplêndida. Na noite dantes d'hontem estávamos todos sentados a conversar, mas tudo muito sossegado. Então elle veio ter comigo e disse-me: "M^{elle}, est ce que nous resterons toute cette soirée a nous regardé les uns les autres?" Eu respondi-lhe: "o que quer que eu faça?". Tornou elle: "invente qualquer coisa". Disse-lhe eu: "quer dançar um cotillon?".

Elle pegou-me na palavra e não me deixou mais, chamou o Joubert, o francez, que só tocava uma parte d'uma polka d'ouvido já se vê, e lá fomos dançar um cotillon. Lá arranjámos marcas e o que eu sei é que nos divertimos de grande.

No fim d'isto tudo, começaram os rapazes todos a pedirem-me muito para eu dirigir um cotillon a sério no dia seguinte, porque diziam elles que eu tinha muito geito, eu disse que não, etc., etc., mas tanto me massaram que eu disse que sim, mas só com duas condições, e eram um d'elles também fazer as honras da casa, e a outra era que não haviam de offerecer champanhe. Esta última condição não foi bem aceite, mas depois, sem tenção de cumprirem, prometteram-me que não haveria beberete.

Eu escolhi o Joubert para dono de casa. Combinámos, elle convidar os homens, e eu as senhoras. Elle arranjar flores e tratar da illuminação da sala, eu arranjar quem tocasse as marcas para o cotillon.

Durante o dia andámos, a Maria José, uma criada do vapor, outras da Mme. Morandière e eu, azafamadas a fazer lacinhos, etc., etc.

Finalmente chegou a noite. Jantámos. Todas as senhoras tinham um lindo bouquet de flores offerecido pelo director das festas. Fomo-nos assim paramentar, quer dizer com flores e fitas, e toca para cima.

Já a sala estava arranjada e estava bem bonita com immensos balões japonezes, bandeiras, etc., etc. Começámos a dançar. Eu dancei com o Joubert, depois elle foi dançar com as Senhoras

convidadas e eu fiquei a dançar com o Osório, mas elle dançou com uma pirueta até que teve uma grande dôr no coração que ia perdendo os sentidos, coitado! Depois passou-lhe, mas não dançou mais e então eu passei a escolher outro par que foi o Velez que nessa noite estava bom; também deu à perninha e andava muito pândego.

Havia lá um índio, bom rapaz, mas que coitado nunca se tinha visto mettido n'aquellas danças, de modo que estava muito vendido. Numa das marcas escolhi-o a elle para dançar commigo, elle fez-se muito encarnado, imagino, pois não pude ver, e ficou muito atrapalhado coitado, fazia dó. Eu queria pôr-lhe a mão no hombro e faze-l'o andar num correpio, mas elle quase agarrou-me pelos braços, mas cá muito por cima. Deu dois passinhos e agradecendo-me muito a fineza que lhe tinha feito, levou-me para o meu lugar. Fiz uma batota que deu grande risota e caturreira.

O Comandante estava zangado por a minha soirée estar muito animada e a d'elle ter sido sensaborona. Então dizia: "pas d'entrain".

Eram 10 1/2 quando acabou e, como era de esperar, os rapazes quiseram por força dar-nos champagne e nós não podemos dizer que não. A primeira saúde foi a mim, agradecendo-me a soirée, dizendo-me mil coisas amáveis e fazendo grande gritaria. Agradeci muito, fiz uma saúde ao Joubert, agradecendo-lhe também; elle não quiz aceitar os agradecimentos e todos começaram a gritar: "A votre santé Mdelle da França, etc., etc."

Eu estava cheia de medo que o Comandante viesse dizer alguma sensaboria, pedia-lhes immenso que se calassem, mas elles, qual quê; estavam enthusiasmados e não se callaram, até que veio o criado à escada dizer que eram horas de nos recolhermos. O Osório disse: "Oui, nous allons dejá, mais il faut faire avant nos prières" e começou, - "Santa Maria"- os outros respondiam - "ora pro nobis" - "Sancta Dei Genitri" - os outros -, "ora pro nobis" etc. Deu-me muita vontade de rir, mas fingi-me muito zangada e fomonos para os camarotes. Elles queriam ir deixar bilhetes a meu camarote, mas eu dispensei-os do incómmodo.

Na noite seguinte à da soirée, estivemos em cima. Estava uma noite esplêndida, com luar lindo e seriam 8 horas começou um homem italiano a cantar, julgo, canções italianas que muito se parecem com as malaganhas hespanholas. O homemzinho tinha

uma voz de tenor e cantava a sentimento. Quando elle parava, aplaudiamos muito e pediamos-lhe que continuasse, ao que elle acedia quási sempre. Pedia-nos que cantássemos nós e que tocássemos piano. Tocava-se um boccado e depois começávam a gritar: "Monsieur Guilherme c'est votre tour". Elle então voltava a cantar e assim estivemos entretidos até que elle, à força de beber, julgo eu, ficou rouco de não poder dar pio. Pouco depois, fomo-nos deitar.

Uma outra noite rimos immenso, andámos uns poucos n'um pé só a ver quem andava mais depressa, depois jogámos os 4 cantinhos e mais brincadeiras até nos irmos deitar.

Na véspera d'acabarmos a quarentena, durante o dia e a noite, os homens andaram muito arredios tratando d'uma representação contra o Comandante e, à noite, d'outra contra o médico. Nós estivemos pois alli, sem fazer nada.

Desembarcámos e fomos à alfândega com os dois hespanhoes. O Tio Bento pediu ao Osório que nos acompanhasse e foi com o Velez tratar das bagagens com o que o Osório ficou muito contente, pois o Velez encarregou-se também das coisas d'elle.

Depois de muito tempo de demora, juntámo-nos todos e arranjámos um omnibus que nos levou ao Hotel des Colonnies. Durante o caminho rimos por causa dos hespanhoes que iam de bom humor analizando os bellos typos que víamos.

O Tio Bento mandou parar à porta do nosso cônsul, o Sr. Garcia Mendonça, uma bôa pessoa; depois fomos para o Hotel, tomámos os nossos quartos, lavámo-nos etc., e fomos para o almoço que durou horas sem fim. Nunca vi uma demora assim, diziam-nos que tudo quanto nós pedíamos era feito expressamente para nós... Muito mal servido!

O Velez que tinha estado bem durante toda a manhã, mas no meio do almoço sentiu-se muito incommodado e assim ficou durante todo o dia.

À tarde sahímos de carruagem com o cônsul, vimos toda a cidade que achei muito bonita. Tem passeios lindos, como "le tour de la Corniche", o Prado, etc., etc.

Jantámos sós, nós de família, pois o Velez, como estava incommodado, jantou só e primeiro, e o Osório foi jantar com o Joubert. Noutra meza, próximo da nossa, jantou o tal índio, nosso

companheiro de viagem, Mr. Rájha, que nos offereceu Champagne e que nos fez immensas saúdes, era um não parar.

Depois do jantar sahimos todos com o Velez, que nos deixou no meio do caminho, tendo de voltar para casa por se achar incommodado. Nós encontrámos dois companheiros, andámos com elles e depois estes vieram connosco para o hotel, onde estiveram até às 11 horas. Um deles, Mr. Cadeneaux, convidou-nos para nos levar à Igreja de Notre Dame de la Garde, onde fomos. Viemos para casa depois do meio dia.

Outro nosso companheiro estava com uma tineta de ir comigo e com a Maria José passear de carruagem e tirar o retrato. Não havia meio de perceber que nós não queríamos ir sós com elle; deu umas poucas de avançadas até que a mamã lhe disse que precisava da nossa companhia para sahir. Este figurão era o Mr. Brenner.

Logo de manhã levou trez ramos de flores, sendo dois de rosas, umas brancas e outras amarelas, e outro de "ne m'oubliez pas" que ofereceu à Maria José. O das rosas amarellas foi para a mamã e o das brancas para mim.

De dia sahimos com a mamã, fomos fazer umas compras e foi connosco Mr. Brenner com quem caturrámos immenso. Tivemos a visita do nosso cônsul, estivemos um bocado de conversa, comemos alguma coisa e à tarde fomos para a gare, indo-nos acompanhar o Velez, que ficou em Marseille para se tratar, e o Brenner. Grandes adeus, etc., etc., e partimos. O Osório veio connosco.

Chegámos a Barcelona de manhã e fomos n'um omnibus para o Hotel Falcão perto do Ramblo. Achei Barcelona também muito bonitinho, rimos pelo caminho por causa do Osório.

De dia passeámos e almoçámos ao meio dia. O almoço foi bom e ao jantar ri-me bastante por causa duma discussão que houve entre uma Sra. hespanhola já de idade e um hespanhol.

Depois do jantar fomos para os nossos quartos indo também o Osório que nos desafiou para irmos ao Theatro. Houve difficuldade, porque o Tio Bento não queria ir, mas tanto o "impantominou" o Osório, que elle cedeu e fomos ver Fausto. Nada mal cantado para ser n'um theatro como aquelle, uma espécie do dos Recreios.

No dia seguinte partimos para Madrid onde chegámos de manhã. Alli separámo-nos do Osório que foi todo choroso com o irmão; tinha-lhe morrido a mãe.

Fomos para um Hotel de 2ª ordem, pois era só por uma noite, não me lembro como se chama, o que sei dizer é que não era nada bom.

De dia, sahímos de carruagem, demos a volta à cidade que acho bonita. A não ser os passeios e a rua d'Alcalá é, contudo, mais feia que Lisboa.

O Osório disse-nos que se ia despedir, mas durante a dia não appareceu.

À noitinha sahimos, mas fomos cedo para casa, que estávamos todos cansados.

Às 11h appareceu lá o Osório que nos ia visitar e buscar para irmos passear, mas a Maria José e eu já estávamos no quarto e a mamã não nos foi chamar, de modo que não nos despedimos d'elle. Tive bastante pena.

De manhã fomos almoçar à Estação das Delícias e viemos para Lisboa, por Cáceres, onde chegámos de manhã.

Foram-nos esperar ao Entroncamento, o Valdez[92] e José Avellar[93].

Em Santa Apolónia, estava quási toda a nossa família e alguns amigos do Tio Bento.

O dia da minha chegada a Lisboa, que eu dizia haver de ser o dia mais lindo da minha vida, foi bem triste. Gostei muito, tive uma grande alegria em ver meus irmãos, parentes e amigos, mas também me fez muita impressão entrar em Lisboa com trez pessoas a menos, perdidas para sempre. Estávamos todos como apalermados. Foi uma chegada triste. Vinhamos todos desfigurados, principalmente a mamã. Fez uma grande impressão, parecia desenterrada; os manos e uma ou duas pessoas não puderam deixar de chorar quando a viram.

---

[92] Deve tratar-se de Francisco Travassos Valdez, filho do 1º Conde de Bonfim. Fora Secretário do Governo de Timor e amigo de sempre do tio e padastro de Maria Isabel. Com ele se associou Bento da França para a exploração de uma temporada no Teatro São Carlos, que se veio a revelar ruinosa.

[93] Poderá tratar-se do irmão do Conde de Avellar, rico industrial de Lisboa.

Fomos para o Hotel Universal, onde estivemos 3 dias. Depois foram todos para Setúbal. Eu fiquei porque tive uma febre muito forte. Ficou comigo meu irmão Salvador[94] e a Tia Ovar, amável como sempre; esteve lá muito tempo comigo. No dia seguinte fui para Setúbal[95] com o Salvador, onde nos demos menos mal.

[94] Já atrás se referiu que Salvador foi toureiro de mérito, por certo cantava o fado, e morreria poucos anos mais tarde. Apesar de ter desaparecido tão jovem, deixou um rasto de simpatia que lhe viria de uma certa graça boêmia. Sendo borda d'água, era muito exigente em matéria de vinhos, para ele o verde, os rosés, eram "modalidades". Contava-se que num jantar de circunstância se exasperou muito por a criadagem não lhe renovar o copo e mais, por a formalidade não lhe permitir protestar. Fez-se a certa altura uma pausa na conversa, alguém comentou que eram 9 e 20 e outro convidado acrescentou: " passou um anjo" ... E logo ele atalhou bem alto para ser ouvido pela dona da casa: "passou, passou e bebeu o meu copo!".

[95] Iriam por certo passar uma temporada ao Solar dos Salemas, um palácio renascentista hoje alugado ao Vitória de Setúbal. Era então propriedade de seu tio, António da Gama Lobo Salema. Dessa casa veio, na década de 50, o belo pórtico que agora serve de entrada à capela da Quinta Fidalga, no Seixal.

Este **DIÁRIO DE UMA VIAGEM A TIMOR (1882-1883)** foi escrito pela jovem MARIA ISABEL D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA TAMAGNINI quando, com 20-21 anos, integrou a comitiva de catorze pessoas que acompanhava o seu padrasto e novo governador de Timor, o Major Bento das França Pinto d'Oliveira, oficial do exército português com uma larga experiência de serviços coloniais prestados em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Índia. O Diário anota com elevado gosto e sentida admiração um itinerário que viria a transportar Maria Isabel Tamagnini de Singapura a Díli, cidade colonial em que viveria pouco mais de um ano, entre dramas familiares e uma espécie de demorado exílio social e cultural que levariam mesmo à demissão do governador Bento da França.

This travel journal, **DIÁRIO DE UMA VIAGEM A TIMOR (1882-1883)**, was written by MARIA ISABEL D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA TAMAGNINI, a very young lady of 20 years old, when she joined the escort of the new Governor of Timor, her stepfather the Major Bento da França Pinto d'Oliveira, an officer of the Portuguese army with a long experience of colonial affairs who had served in Angola, Mozambique, Cape Verde and the Portuguese India. In her Diary, Maria Isabel Tamagnini includes notes on the itinerary that would take her from Singapore to Díli, a colonial town where she lived a little more than a year, experiencing family dramas and a sort of extended social and cultural exile that would be responsible for the resignation of the Governor Bento da França.